

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Raquel Flores de Lima

**ADAPTAÇÃO NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: A EXPERIÊNCIA DE  
ADOLESCENTES QUE SAEM DE SUAS CIDADES PARA ESTUDAR**

Santa Maria, RS  
2016



**Raquel Flores de Lima**

**ADAPTAÇÃO NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: A EXPERIÊNCIA DE  
ADOLESCENTES QUE SAEM DE SUAS CIDADES PARA ESTUDAR**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Garcia Dias

Santa Maria, RS  
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Flores de Lima, Raquel  
ADAPTAÇÃO NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: A EXPERIÊNCIA DE  
ADOLESCENTES QUE SAEM DE SUAS CIDADES PARA ESTUDAR /  
Raquel Flores de Lima.-2016.  
146 p. ; 30cm

Orientador: Ana Cristina Garcia Dias  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2016

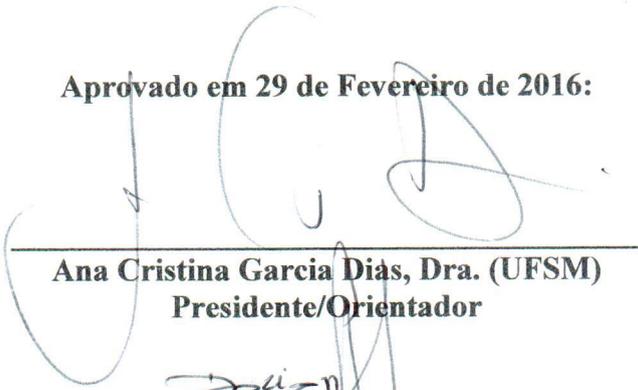
1. Adaptação 2. Ensino médio técnico 3. Moradia  
estudantil I. Cristina Garcia Dias, Ana II. Título.

**Raquel Flores de Lima**

**ADAPTAÇÃO NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: A EXPERIÊNCIA DE  
ADOLESCENTES QUE SAEM DE SUAS CIDADES PARA ESTUDAR**

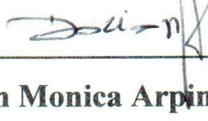
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

**Aprovado em 29 de Fevereiro de 2016:**



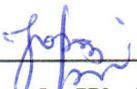
---

**Ana Cristina Garcia Dias, Dra. (UFSM)  
Presidente/Orientador**



---

**Dorian Monica Arpini, Dra. (UFSM)**



---

**Josiane Lieberknecht Wathier Abaid, Dra. (UNIFRA)**

Santa Maria, RS  
2016



## DEDICATÓRIA

*Dedico esta conquista à minha mãe, Rosa Maria Rodrigues Flores, pela pessoa que me tornei, pelos valores que me transmitiu, pelo amor incondicional, pelo carinho e dedicação de ontem, de hoje e de sempre, por me ajudar a crescer como pessoa e pelo incentivo na realização dos meus sonhos. Serei eternamente grata por tudo!*



## AGRADECIMENTOS

A concretização do curso de Mestrado representa uma etapa importante da minha vida, pela possibilidade de crescimento pessoal e profissional. Desta forma, não posso deixar de expressar com carinho o meu agradecimento a todos aqueles que, de uma forma ou outra, contribuíram para eu chegar até aqui:

- Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por sempre iluminar o meu caminho, me proporcionando oportunidades incríveis e me rodeando de pessoas especiais.

- À minha mãe, Rosa Maria, meu padrasto José Ivan e meu irmão Matheus, pelo incentivo e carinho constantes e por serem pessoas tão especiais em minha vida. Obrigada por sempre estarem comigo, apoiando as minhas escolhas e vibrando comigo a cada conquista.

- Ao meu noivo, Rosenan Rodrigues, por estar ao meu lado em todos os momentos, por todo o incentivo, carinho, companheirismo, compreensão, pela força transmitida e pelo apoio incondicional durante todo este longo percurso. Obrigada por fazer parte da minha vida, acreditar nos meus sonhos e, principalmente, sonhar junto comigo.

- À minha orientadora, Ana Cristina Garcia Dias, pela oportunidade e pela confiança depositada em mim nestes dois anos, pelas orientações, apoio e pelo aprendizado que me proporcionou durante este período importante para minha formação.

- Às professoras Dorian Monica Arpini e Josiane Lieberknecht Abaid, profissionais pelas quais tenho grande admiração, por terem aceitado o convite de fazer parte da minha banca e pelas valiosas contribuições ao meu trabalho.

- À minha família e aos meus amigos, dos quais muitas vezes precisei estar ausente, mas que souberam entender minha falta e que nunca deixaram de torcer por mim.

- Ao meu pai, que não está mais entre nós, mas tenho certeza que sempre torceu por mim e está muito feliz neste momento, juntamente com minha querida avó Anatália, que no decorrer deste percurso nos deixou, cheios de saudade e de ensinamentos, os quais estarão sempre presentes em meu coração.

- A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória estudantil e acadêmica, os quais me permitiram construir os alicerces para chegar até aqui. Certamente, todos deixaram sua marca pelos conhecimentos transmitidos que muito contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Obrigada por me fazerem acreditar ainda mais na educação. Continuem inspirando sonhos.

- Aos participantes deste estudo, por dedicarem parte de seu tempo, confiando a mim suas histórias de vida. Mais do que fonte de dados, estas histórias foram fonte de inspiração.

- Aos colegas do Mestrado, pelo convívio, aprendizagens, apoio e amizades construídas ao longo do curso. Em especial, à Elenara da Costa, Meiridiane de Deus, Tatiane Ambrós, Caroline Prolla e às amigas Anelise dos Santos, Danielle Souto e Márcia Jaeger, agradeço pela amizade, companheirismo, aprendizagens e por todos os momentos de alegrias e de angústias compartilhados.

- Um agradecimento especial à acadêmica de Psicologia Renata Brondani pelo valioso auxílio na transcrição das entrevistas.

- À doutoranda Clarissa de Oliveira, pela leitura e valiosas contribuições realizadas a este estudo.

- Às turmas de Fonoaudiologia e Psicologia, com as quais tive minha primeira experiência docente; obrigada por fazerem esta experiência ser incrível; e à professora Fernanda Barichello, agradeço por ter me dado a oportunidade maravilhosa de conviver com todo o seu conhecimento e profissionalismo e pelo apoio incondicional que me proporcionou na docência.

- Ao Instituto Federal Farroupilha, principalmente aos servidores da Coordenação de Assistência Estudantil (CAE), por terem possibilitado a realização deste estudo. Em especial, à Tatiana Menezes da Silveira, agradeço por ter acreditado na proposta deste estudo e por todo auxílio que recebi sempre com tanto carinho.

- Aos colegas das escolas em que trabalho: EMEI Maria Malgarin Frizzo e Escola municipal de Ensino Fundamental São José, de Nova Esperança do Sul, por todo apoio e incentivo que recebi e pela compreensão pelos momentos em que precisei me ausentar para a realização deste estudo.

A todos vocês, muito obrigada!

## EPÍGRAFE

*O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.*

*(José de Alencar)*



## RESUMO

Autor: Raquel Flores de Lima  
Orientadora: Ana Cristina Garcia Dias

Esta dissertação busca compreender como ocorre o processo de adaptação no ensino médio técnico de estudantes que saem de casa para estudar e passam a residir na moradia estudantil em uma escola técnica de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Participaram deste estudo 12 adolescentes com idade entre 15 e 17 anos, de ambos os sexos, provenientes de turmas de 2º ano de três cursos técnicos integrados ao ensino médio (Administração, Agropecuária, Manutenção e Suporte em Informática). Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas para coleta das informações. Estas foram submetidas à análise de conteúdo temática. Os resultados obtidos foram organizados em dois estudos empíricos. O objetivo do primeiro estudo consistiu em descrever os sentimentos e percepções relacionados com a experiência de sair de casa e começar a viver na moradia estudantil. O segundo estudo teve como objetivo identificar os fatores facilitadores e inibidores associados ao processo de adaptação. A experiência da saída da casa dos pais e do ingresso na moradia estudantil no ensino médio técnico permite que os estudantes se sintam mais preparados para experiências futuras no ensino superior e, além disso, contribui para o desenvolvimento da maturidade para esses adolescentes. O ingresso no ensino médio técnico gera uma série de mudanças pessoais aos estudantes, principalmente relacionadas com a aquisição de novas responsabilidades. Elas implicam em uma série de mudanças que não dependem apenas de fatores pessoais, mas também de fatores contextuais que são cruciais para o sucesso deste processo. Os resultados encontrados indicam que é importante que as escolas técnicas desenvolvam estratégias para melhor auxiliar os estudantes que precisam sair de suas casas e viver em moradias estudantis. O ingresso no ensino médio técnico é uma experiência que promove mudanças pessoais importantes, devido às novas exigências colocadas pelo ambiente escolar e pelo fato dos adolescentes viverem longe dos pais. Esta experiência, apesar de ser considerada estressante, também é encarada de forma positiva, como algo que produz crescimento pessoal. Assim, é necessário oferecer suporte a esses alunos, a fim de promover o seu desenvolvimento emocional, psicossocial e acadêmico. Os resultados deste estudo podem ajudar a promover avanços teóricos nesta área, que ainda é pouco estudada.

**Palavras-chave:** Adaptação. Ensino médio técnico. Moradia estudantil.



## ABSTRACT

AUTHOR: Raquel Flores de Lima  
SUPERVISOR: Ana Cristina Garcia Dias

This dissertation seeks to understand the process of adapting technical high school students who leave home towns to study and go to live in student housing from three technical high schools of a city in the interior of Rio Grande do Sul state. The study included 12 adolescents, aged between 15 and 17 years, of both sexes, from the 2nd year of three technical courses integrated into high school classes (Administration, Agriculture, Maintenance and Support in Computing). Individual semi-structured interviews to collect information were conducted. These ones were submitted to thematic content analysis. And the results organized into two empirical studies. The objective of the first study was to describe the feelings and perceptions related to the experience of leaving home and start living in student housing. The second study aimed to identify the facilitating and inhibitor factors associated to the process of adaptation. The experience of departure from the house of the parents and the entry into student housing in the technical high school allows students to feel more prepared for future experiments in higher education and, in addition, contributes to the development of maturity for these adolescents. Entering technical high school brings a number of personal changes to students, especially related to the acquisition of new responsibilities, which entail a number of changes that do not depend only on personal factors, but also contextual factors that are crucial to the success of this process. The results indicate that it is important that the technical high school develop strategies to better assist students who need to leave their homes and those living in student housing. Entering the technical high school is an experience that promote important personal changes, due to the new demands posed by the school environment, and the fact that teenagers start living away from parents. This experience, although it is considered stressful, it is also perceived positively, as something that produces personal growth. Thus, it is necessary to offer support to these students in order to promote their emotional, psychosocial and academic development. The results of this study may help promote theoretical advances in this area once it has been little studied.

**Keywords:** Adaptation. Technical high school. Student housing.



## LISTA DE TABELAS

|          |   |    |
|----------|---|----|
| Tabela 1 | Descrição dos participantes da pesquisa ..... | 35 |
|----------|---|----|



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|       |   |
|-------|---|
| AGRO  | Agropecuária  |
| MSI   | Manutenção e Suporte em Informática   |
| ADM   | Administração   |
| IF    | Instituto Federal Farroupilha   |
| IBGE  | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                                 |
| UFSM  | Universidade Federal de Santa Maria   |
| RS    | Rio Grande do Sul   |
| OMS   | Organização Mundial da Saúde  |
| TCLE  | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                                      |
| CAE   | Coordenação de Assistência Estudantil   |
| LDB   | Lei de Diretrizes e Bases da Educação   |
| MEC   | Ministério da Educação e Cultura  |
| DCNEM | Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico |



## LISTA DE APÊNDICES

|            |  |     |
|------------|--|-----|
| APÊNDICE A | ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....        | 137 |
| APÊNDICE B | TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL .....          | 141 |
| APÊNDICE C | TERMO DE CONSCIENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..... | 143 |



## SUMÁRIO

|                 |   |    |
|-----------------|---|----|
|                 | INTRODUÇÃO .....  | 23 |
| <b>ESTUDO 1</b> | <b>SAÍDA DE CASA E INGRESSO NA MORADIA ESTUDANTIL<br/>NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO</b>   |    |
|                 | <b>RESUMO .....</b>   | 29 |
|                 | <b>ABSTRACT .....</b>   | 29 |
| <b>1</b>        | <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | 30 |
| <b>2</b>        | <b>MÉTODO .....</b>   | 33 |
| 2.2             | DELINEAMENTO .....  | 33 |
| 2.2             | PARTICIPANTES .....   | 34 |
| 2.3             | INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS<br>INFORMAÇÕES .....   | 36 |
| 2.4             | ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES .....   | 37 |
| <b>3</b>        | <b>RESULTADOS .....</b>   | 38 |
| 3.1             | SAÍDA DA CASA DOS PAIS .....  | 38 |
| <b>3.1.1</b>    | <b>Escolha do curso .....</b>   | 38 |
| 3.1.1.1         | <i>Influência familiar .....</i>  | 39 |
| 3.1.1.2         | <i>Perspectiva de futuro .....</i>  | 39 |
| 3.1.1.3         | <i>Oportunidade de sair da casa dos pais .....</i>  | 40 |
| <b>3.1.2</b>    | <b>Decisão de sair de casa .....</b>  | 40 |
| 3.1.2.1         | <i>Dificuldades nos relacionamentos familiares .....</i>  | 41 |
| <b>3.1.3</b>    | <b>A experiência de sair de casa .....</b>  | 41 |
| 3.1.3.1         | <i>Desafios enfrentados .....</i>   | 42 |
| 3.1.3.2         | <i>Pontos positivos desta experiência .....</i>   | 44 |
| <b>3.1.4</b>    | <b>Aspectos emocionais envolvidos e mudanças percebidas com a<br/>saída de casa .....</b>   | 46 |
| <b>3.1.5</b>    | <b>Rede de apoio .....</b>  | 47 |
| 3.2             | MORADIA ESTUDANTIL .....  | 48 |
| <b>3.2.1</b>    | <b>Importância do acolhimento .....</b>   | 48 |
| <b>3.2.2</b>    | <b>Primeiras impressões a respeito da moradia estudantil .....</b>  | 49 |
| <b>3.2.3</b>    | <b>A escolha pela moradia estudantil .....</b>  | 50 |
| 3.2.3.1         | <i>Questão financeira .....</i>   | 50 |
| 3.2.3.2         | <i>Facilidade de acesso ao Campus .....</i>   | 51 |
| 3.2.3.3         | <i>Segurança .....</i>  | 51 |
| 3.2.3.4         | <i>Possibilidade de fazer novas amizades .....</i>  | 53 |
| <b>3.2.4</b>    | <b>Busca de referências .....</b>   | 53 |
| <b>3.2.5</b>    | <b>As regras da moradia estudantil .....</b>  | 54 |
| <b>3.2.6</b>    | <b>Maturidade adquirida com a vivência na moradia estudantil .....</b>  | 55 |
| <b>3.2.7</b>    | <b>Mudanças percebidas no cotidiano de uma moradia estudantil .....</b>   | 56 |
| 3.2.7.1         | <i>Falta de privacidade .....</i>   | 56 |
| <b>4</b>        | <b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>   | 58 |
|                 | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | 68 |
|                 | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | 70 |
| <b>ESTUDO 2</b> | <b>ADAPTAÇÃO A SAÍDA DA CASA DOS PAIS E AO INGRESSO<br/>NA MORADIA ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO:<br/>FATORES FACILITADORES E INIBIDORES</b> |    |
|                 | <b>RESUMO .....</b>   | 75 |

|              |   |     |
|--------------|---|-----|
|              | <b>ABSTRACT</b> .....   | 75  |
| <b>1</b>     | <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | 76  |
| <b>2</b>     | <b>MÉTODO</b> .....   | 78  |
| 2.1          | 2.1 DELINEAMENTO .....  | 78  |
| 2.2          | 2.2 PARTICIPANTES .....   | 78  |
| 2.3          | 2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS<br>INFORMAÇÕES ..... | 79  |
| 2.4          | 2.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES .....                                   | 81  |
| <b>3</b>     | <b>3 RESULTADOS</b> .....   | 81  |
| 3.1          | PRIMEIRAS IMPRESSÕES .....  | 81  |
| 3.2          | APRENDIZAGENS PROPORCIONADAS PELA EXPERIÊNCIA<br>DE ADAPTAÇÃO ..... | 82  |
| 3.3          | A DIFÍCIL E NECESSÁRIA ARTE DE CONVIVER .....                       | 84  |
| 3.4          | FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A ADAPTAÇÃO .....                       | 85  |
| <b>3.4.1</b> | <b>Rede de apoio</b> .....  | 86  |
| 3.5          | FATORES QUE DIFICULTAM A ADAPTAÇÃO .....                            | 88  |
| <b>3.5.1</b> | <b>Sentimentos envolvidos no processo de adaptação</b> .....        | 89  |
| 3.6          | SUGESTÕES PARA O IF .....   | 91  |
| 3.7          | PLANOS PARA O FUTURO .....  | 93  |
| <b>4</b>     | <b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....                               | 94  |
| 4.1          | O SER ADOLESCENTE NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO .....                     | 94  |
| 4.2          | “É PRECISO SE ADAPTAR...” .....                                     | 100 |
|              | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                   | 115 |
|              | <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 119 |
|              | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                   | 129 |
|              | <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 133 |
|              | <b>APÊNDICES</b> .....  | 135 |

## INTRODUÇÃO

*Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.*

(Rubem Alves)

Nós, seres humanos, estamos sempre tendo que nos adaptar a novas situações, sejam elas permanentes ou provisórias. Muitas vezes nos impressionamos com a velocidade com que as coisas acontecem e costumamos nos surpreender com o que acontece repentinamente, por não estarmos, talvez, preparados para enfrentar as mudanças. Adaptar-se é exatamente isso, ajustar-se às mudanças ocorridas. Na vida escolar não poderia ser diferente, pois nossa trajetória escolar/acadêmica também demanda por adaptações e isso ocorre durante todo o processo de escolarização, desde a educação infantil até os níveis superiores de ensino.

Inserida na realidade social, a escola é um espaço no qual se desenvolvem processos objetivos e subjetivos que influenciam tanto na construção da identidade dos indivíduos como em seus projetos educacionais e profissionais. No ensino médio, nível de escolaridade que abarca o período da adolescência, se intensifica essa construção. Durante esse momento do desenvolvimento, tanto as questões de estruturação da personalidade se fazem mais presentes como as pressões sociais face às escolhas educacionais e profissionais futuras que aumentam. De modo geral, o processo de escolarização é percebido como um diferencial no processo de formação e de aquisição do sucesso profissional. Dessa forma, os estudantes do ensino médio reconhecem que, quanto maior for sua bagagem de conhecimentos, melhores serão seus níveis de empregabilidade no futuro (DIEESE, 2011).

A adolescência, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o período do desenvolvimento humano situado entre os 10 e 19 anos de idade (WHO, 2011), no qual ocorrem diferentes transformações físicas, psíquicas e sociais (RODRIGUES et al., 2010). O desenvolvimento do adolescente não ocorre de forma linear.

Cabe destacar que essa investigação assumiu uma perspectiva sociohistórica, que se baseia na teoria de Vygotsky (1998). Esta perspectiva concebe o desenvolvimento humano a partir das relações estabelecidas pela pessoa no decorrer de sua vida em seu contexto social, enfatizando tanto o caráter histórico como a intencionalidade dos atos humanos. Assim, compreende-se a adolescência como uma categoria socialmente construída, gerada pela interação das pessoas com o seu meio social.

Nesta fase, o adolescente precisa lidar com perdas inerentes a este momento do desenvolvimento e deve construir sua identidade, revisitando o seu papel na família e na

sociedade em que vive. Há situações em que os estudantes, durante a adolescência, saem de suas casas para estudar em outras cidades. Nessas situações, o processo de adolecer e construir sua identidade pode ser ainda mais complexo.

Esses adolescentes deverão se adaptar à nova cidade, às novas rotinas, ao novo contexto acadêmico, deixando para trás sua cidade de origem e distanciando-se, de certa forma, de sua família e amigos. E ainda deverão encarar novas responsabilidades em prol de seus objetivos e planos futuros.

Projetos de vida e de identidade caminham juntos e constroem-se mutuamente. Esses projetos são organizados desde a infância e evidenciam-se na adolescência em virtude de novas demandas biopsicossociais do sujeito; porém, não se restringem a esse período. Ao longo da vida, estes projetos são redimensionados e/ou modificados, principalmente em função do contexto sociohistórico no qual o indivíduo está inserido e das relações que estabelece no mesmo (NASCIMENTO, 2006).

A saída da casa dos pais é um evento marcante para aqueles que deixam suas famílias de origem com o intuito de estudar em outra cidade. Essa experiência de sair de casa é percebida essencialmente de dois modos: como algo difícil, em virtude de se sentirem sozinhos; mas também como algo importante, devido à independência conquistada. A perda do contato cotidiano com as figuras parentais gera novas exigências, especialmente o desenvolvimento de um maior senso de “cuidar de si”, de ter responsabilidade por si mesmo (TEIXEIRA et al., 2008).

De fato, a saída de casa para estudar é o início de uma nova etapa que marca a sua independência (MONTEIRO et al., 2008). Para alguns, é a primeira vez que deixam a sua casa e se afastam dos amigos de sempre (FERRAZ; PEREIRA, 2002; GRANADO et al., 2005). Isso pode implicar em ter que adotar novas atitudes e responsabilidades para as quais eles podem ainda não estar preparados (MONTEIRO et al., 2008).

Diferentes questões e conflitos podem surgir em decorrência desse evento. No âmbito pessoal, por exemplo, estes adolescentes encontram dificuldades em estar em um ambiente novo, no relacionamento interpessoal e na convivência com pessoas desconhecidas. No âmbito acadêmico, as dificuldades referem-se à necessidade de maior organização de sua rotina e maior nível de exigência nos estudos. No âmbito social, as dificuldades podem estar associadas à necessidade de conhecer a nova cidade, a nova escola e integrar-se neste novo ambiente.

Ao se tornar usuário da moradia estudantil, o adolescente se afasta de sua rede social de origem e passa a dividir um espaço que passa a ser o seu lar, como é o lar de tantos outros

estudantes desconhecidos. Embora adquiram o direito de morar no local onde estudam, este local impõe novos e diferentes desafios quanto à adaptação em todos os sentidos (OSSE, 2008).

Atualmente, um dos grandes desafios que as instituições de ensino precisaram enfrentar diz respeito a propiciar condições favoráveis ao processo de formação dos estudantes, visto que muitos deles dependem das medidas adotadas pelas instituições para garantir a sua permanência no seu processo de formação até o término do curso. Ao conjunto dessas medidas, habitualmente denomina-se assistência estudantil. Dentre os serviços comumente disponibilizados estão: os restaurantes universitários, as diversas modalidades de bolsas-auxílio, o transporte, os serviços de saúde e as moradias estudantis, as quais representam, em inúmeros casos, a principal alternativa para esses estudantes concluírem sua formação (GARRIDO, 2012).

Muitos adolescentes que buscam qualificação em nível médio técnico não são provenientes da cidade onde se localiza o Campus em que este estudo foi realizado. Conforme levantamento feito no próprio Campus, através da Coordenação de Assistência Estudantil-CAE, no ano de 2014 foram oferecidos três cursos na modalidade de ensino técnico integrado ao ensino médio, sendo estes duas turmas do Curso de Manutenção e Suporte em Informática, quatro turmas do Curso de Agropecuária e uma turma do Curso de Administração, recebendo cerca de 258 alunos.

Cerca de 70 alunos das turmas de 1º ano residiam na moradia estudantil, sem contar os alunos que moravam em pensões fora do Campus e os que viajavam todos os dias, frequentavam as aulas e retornavam às suas cidades de origem, o que confirma que muitos alunos vêm de outras cidades para estudar. Isso evidencia a alta procura e a valorização desta escola por adolescentes de outras localidades, o que torna o Campus uma referência de ensino na região e também fora dela, acolhendo alunos de diversas cidades, das mais próximas às mais distantes.

Índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme Censo Demográfico realizado em 2010, indicam que, no nível superior, 29,2% dos alunos estudam em uma cidade diferente da que vivem e no ensino médio, o índice é de 7,2% de alunos que estudam em cidade diferente da que nasceram. O deslocamento para outros municípios cresce conforme a escolaridade e está relacionado à distribuição desigual das unidades de ensino no país, segundo o IBGE.

Diante disso, vê-se a necessidade de compreender como adolescentes que saem de suas cidades de origem, buscando qualificação em nível médio/técnico no 1º ano do ensino

médio e passam a residir na moradia estudantil, vivenciam todas estas questões que perpassam sua adolescência, as experiências que vivenciam e a necessidade de se adaptar às novas demandas que se impõem e, ao mesmo tempo, projetam seu futuro. O interesse por este estudo surgiu pelo fato de que, neste contexto específico, muitas vezes, adolescentes saem de casa precocemente, aos 14, 15 anos de idade, em busca de qualificação, pela necessidade de uma boa formação, em um ensino médio concomitante ao ensino técnico, realizando, inclusive, um processo seletivo para ingressar na instituição na qual foi realizado o estudo, aos moldes de um vestibular antecipado, o que acarreta uma série de questionamentos e inquietações em relação à adaptação destes adolescentes a essa nova realidade, já que, em sua maioria, estão na adolescência inicial, fase que, segundo Outeiral (2003), se dá aproximadamente dos 10 aos 14 anos.

Nessa etapa evolutiva, o adolescente ainda não possui maturidade suficiente para encarar todas as responsabilidades acarretadas por tais mudanças: saída da casa dos pais, adaptação à nova cidade, à nova rotina e às novas responsabilidades; inserção em um ensino médio/técnico de turno integral; passar a residir em moradia estudantil. Cabe destacar, ainda, que as influências que sofrem dos pares pode levar que se encontrem expostos a maiores fatores de riscos (álcool, drogas, falta de cuidado com seu próprio corpo, etc.).

Acredita-se que a relevância deste estudo, se dá primeiramente, por esta ser uma realidade que ainda carece de pesquisas, tendo em vista que a maioria dos estudos enfoca a adaptação de estudantes na universidade (CREDÉ; NIEHORSTER, 2012; FELDT et al., 2011; IGUE et al., 2008; SILVA; FERREIRA, 2009; TEIXEIRA et al., 2007) e não no ensino médio. Saliencia-se que a pesquisadora possui grande interesse na área de Psicologia escolar, atuando profissionalmente neste contexto, o que enfatiza o desejo de realizar a pesquisa nesta área. Entende-se que a escola não é qualquer instituição, mas a instituição à qual a sociedade confia a educação das novas gerações. Nesse sentido, configura-se como um espaço privilegiado para a construção de valores considerados relevantes, valores estes que guiam as opções de vida dos indivíduos (KLEIN, 2011).

Frente à aceleração desenfreada do ritmo da vida, da fugacidade dos (des) encontros, do peso de ter que alcançar o sucesso arcando com toda a responsabilidade pelo resultado de suas escolhas, o sujeito contemporâneo, em especial os adolescentes, encontra-se, muitas vezes, apreensivo (MAIA; MANCEBO, 2010). Assim, pode-se inferir que o futuro coloca-se, para os adolescentes do ensino médio, como um ideal a ser conquistado. Para tanto, estes necessitam se submeter à necessidade de adaptar-se e buscar um amadurecimento antecipado

em prol de obter um melhor processo de escolarização, que é pressuposto para a empregabilidade futura.

Atualmente, há um grande incentivo do governo às escolas técnicas. Nesse sentido, este estudo pode vir a colaborar, por meio da compreensão deste processo de adaptação de estudantes a esta realidade. Esse estudo poderá oferecer subsídios para gestores, professores e funcionários refletirem e construir melhores estratégias de intervenção para essa população. Conhecer melhor a realidade vivida por estes adolescentes pode auxiliar os gestores em educação a identificar fatores associados não apenas à evasão escolar mas também a outros aspectos do desenvolvimento psicossocial dos estudantes.

O Campus onde foi realizada a pesquisa possui uma longa trajetória na educação profissional e completou, em 2014, 60 anos de efetiva atuação e importante participação nas ações de desenvolvimento regional. A Instituição possui um quadro de pessoal composto por 222 servidores, sendo estes 115 técnico-administrativos, 90 docentes efetivos e 17 docentes substitutos e um total de 1479 alunos em seus cursos de nível médio e superior. Conforme a Lei 11.892/08, no desenvolvimento de sua ação acadêmica, o Instituto Federal de Educação, que rege o referido Campus, em cada exercício, deverá garantir o mínimo de 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para a educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os adolescentes, jovens e adultos concluintes do ensino fundamental.

Neste local, a integração entre ensino médio e educação profissional técnica de nível médio teve sua primeira fase no primeiro semestre de 2008, quando foi iniciado o processo de estruturação curricular do curso Técnico em Agropecuária, na modalidade integrada ao ensino médio. No ano de 2014, conforme levantamento realizado no próprio Instituto, através da Coordenação de Assistência Estudantil, foram oferecidos três cursos na modalidade de ensino técnico integrado ao ensino médio, sendo estes duas turmas do curso de Manutenção e Suporte em Informática, quatro turmas do curso de Agropecuária e uma turma do curso de Administração, recebendo certa de 258 alunos.

A fim de contextualizar o perfil dos participantes da pesquisa dos doze estudantes entrevistados, no que se refere ao contexto familiar, todos eles moravam com os pais antes de sair de casa; nove deles possuem um irmão, dois têm dois irmãos e um tem três irmãos. Seis optaram pelo curso Técnico integrado em Agropecuária (AGRO), três deles optaram pelo curso Técnico de Manutenção e Suporte em Informática (MSI) e três preferiram o curso Técnico integrado em Administração (ADM). Apenas uma estudante entrevistada é proveniente de uma escola privada e a origem escolar dos demais é escola pública.

Onze entrevistados afirmaram não terem obtido nenhuma reprovação escolar. Apenas um estudante relata ter optado por repetir o 1º ano do ensino médio que já havia feito na escola de sua cidade a fim de realizar o 1º ano na modalidade de técnico integrado para o curso que optou. Dos doze entrevistados, oito deles residiam com a família no interior de seus municípios; destes, cinco optaram pelo curso Técnico integrado em Agropecuária e dois optaram pelo Técnico Integrado em Administração e um pelo curso Técnico integrado em Manutenção e Suporte em Informática. De todos os entrevistados, apenas dois possuem bolsa de estudos na instituição, uma trabalhando na biblioteca e o outro com bolsa de pesquisa.

A partir da análise de conteúdo das entrevistas individuais realizadas, a fim de que possa contemplar os objetivos a que esse estudo se propôs, os resultados obtidos foram organizados em dois estudos empíricos. O primeiro estudo busca conhecer a experiência de estudantes do ensino médio técnico que vivenciaram a saída da casa dos pais e passaram a residir em uma moradia estudantil para estudar. O segundo estudo está estruturado em dois capítulos. O primeiro intitula-se: “O ser adolescente no ensino médio técnico”, buscando abordar questões referentes à adolescência e às transições inerentes a essa fase, discutindo ainda questões relativas aos estudantes de ensino médio e a construção do projeto de vida destes; ou seja, seus planos para o futuro. O segundo capítulo intitula-se: “É preciso se adaptar...” e propõe uma busca teórica procurando compreender como adolescentes que saem da casa dos pais e passam a residir na moradia estudantil vivenciam o processo de adaptação e vivências escolares, buscando na literatura referências sobre adaptação à universidade em função da carência de estudos referente à adaptação no ensino médio. Objetiva-se conhecer as experiências destes adolescentes e quais fatores facilitam e dificultam o processo de adaptação a este novo contexto em que estão inseridos.

## **ESTUDO 1: SAÍDA DE CASA E INGRESSO NA MORADIA ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO**

### **RESUMO**

Este estudo busca conhecer as percepções de estudantes de ensino médio técnico sobre suas experiências durante o 1º ano quando saem de suas cidades de origem para estudar e passam a viver em moradias estudantis no Campus. Participaram do estudo 12 adolescentes (com idade entre 15 e 17 anos) de ambos os sexos, provenientes das turmas do 2º ano de três cursos técnicos integrados ao ensino médio (Administração, Agropecuária, Manutenção e Suporte em Informática) de um Instituto Federal de Educação de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Foram conduzidas entrevistas individuais semiestruturadas que foram submetidas à análise de conteúdo temática. A decisão de sair da casa dos pais é vivenciada com ansiedade e insegurança; no entanto, é percebida como uma oportunidade de ter novas experiências de vida e maior liberdade. A decisão por residir na moradia estudantil se deve a facilidade de acesso ao Campus, a questões econômicas e de segurança. Os adolescentes descrevem que a responsabilidade de ter que tomar decisões longe da família, ter que cuidar de si, a convivência com outros estudantes desconhecidos, a falta de privacidade e o número elevado de estudantes por quarto são fatores estressores presentes nesta experiência. A convivência com os demais, embora desafiadora, é percebida de forma positiva, uma vez que os estudantes tendem a se apoiar mutuamente. Considera-se importante que as instituições estudantis de ensino médio técnico desenvolvam estratégias para realizar um melhor acolhimento dessa população.

**Palavras-chave:** Ensino médio técnico. Saída de casa. Moradia estudantil.

### **HOUSE OUT AND ENTRY IN STUDENT HOUSING IN TECHNICAL HIGH SCHOOL ABSTRACT**

This study sought to understand the perceptions of technical high school students about their experiences during the 1st year, when they leave their hometowns to study and go to live in student housing on campus. The study included 12 adolescents (aged 15-17 years) of both sexes, from the 2nd year classes three technical courses integrated into high school (Administration, Agriculture, Computer Maintenance and Support) of the Federal Institute of Education in a town in the interior of Rio Grande do Sul state. Semi-structured individual interviews were conducted and were submitted to thematic content analysis. The decision to leave parental home is lived with anxiety and insecurity. However, it is both the perceived as an opportunity to have new life experiences and more freedom. The decision to reside in student housing is due to ease of access to the campus as well as economic and security issues. Teenagers describe the responsibility of having to make decisions away from your family, having to take care of themselves, living with other unknown students, lack of privacy and the high number of students per room are the stressors present in this experience. The challenge of living with others while studying is perceived positively, since students trend to be mutually supportive. It is considered important that the student institutions of technical high schools develop strategies to achieve better care of this population.

**Keywords:** Technical high school. Leaving home. Student housing.

## 1 INTRODUÇÃO

*É engraçado voltar para casa. Tudo têm a mesma cara, o mesmo cheiro. Nada muda. Nos damos conta de que quem mudou fomos nós.*

(Benjamin Button, no filme “O Curioso Caso de Benjamin Button”)

A mudança e a vivência de novas experiências é algo comum durante toda a vida humana. Morar sozinho é uma experiência enfrentada, muitas vezes, por estudantes que buscam qualificação que, para isso, necessitam deixar a casa dos pais e suas cidades de origem. Transitar pelas dificuldades iniciais, realizar conquistas e descobrir algo até então desconhecido, sem deixar de lado a saudade e os sonhos para o futuro almejado, torna-se algo inerente a esta nova etapa da vida.

Muitos estudantes, já no ensino médio, enfrentam a saída da casa dos pais para estudar em outra cidade e, nestes casos, é comum a busca por moradias estudantis. Esta transição engloba uma série de mudanças em nível pessoal (mudança de residência, amigos, apoio familiar, adaptação a uma nova cidade) e em nível acadêmico (maior exigência em função do nível de ensino, rotina de maiores estudos, adaptação a uma nova instituição de ensino) (CANHA, 2009; TEIXEIRA et al., 2007).

A maioria das referências que tratam da saída de estudantes da casa dos seus pais para estudar refere-se ao contexto universitário (ASSIS; OLIVEIRA, 2011; CERVINSKI; ENRICONE, 2012; OSSE; COSTA, 2011; SCOPELLITI; TIBÉRIO, 2010; TEIXEIRA et al., 2008). A ênfase da literatura no âmbito do ensino superior é o que motiva a realização deste estudo, pois o mesmo busca compreender esta mesma realidade vivenciada ao ingressar no ensino médio técnico, um contexto de transição pouco explorado nas pesquisas. Assim, o objetivo deste estudo consiste em conhecer a experiência de adolescentes estudantes de um instituto federal de educação em nível de ensino médio técnico, focalizando a percepção destes adolescentes no 1º ano que saem de suas cidades de origem para estudar e passam a viver em moradias estudantis no Campus.

Pensando em melhores oportunidades futuras, muitos adolescentes necessitam sair da casa dos pais, alguns precocemente, para buscar em um ensino médio integrado aos subsídios para uma educação profissional que lhe proporcione preparar-se para se inserir no mercado de trabalho. Assim, precisa, além de lidar com todas as questões inerentes da adolescência, ainda se adaptar a um contexto totalmente novo, longe da família e cheio de novos desafios, na

medida em que necessitam sair de suas famílias de origem e morar longe dos pais, sozinhos ou com outras pessoas (TEIXEIRA et al., 2007).

O adolescente é um ser que se encontra em uma fase peculiar do desenvolvimento humano, devendo ser percebido em seu contexto sociohistórico, com características biopsíquicas, intelectuais e emocionais específicas (MOREIRA et al., 2008). De modo geral, a adolescência é concebida como o tempo de separação da família necessário para possibilitar o estabelecimento de novos laços afetivos fora desta (VIEIRA, 2013).

A tarefa de sair da casa parental para estudar em uma localidade distante é ainda mais complexa quando o indivíduo a experimenta na adolescência inicial. A saída da casa dos pais implica a aquisição de responsabilidades ainda não vivenciadas e maior grau de maturidade frente à vivência de novas experiências, o que possibilita um crescimento para o indivíduo. Além disso, este é o início de uma nova etapa que marca a importante conquista de maior autonomia, independência e liberdade para muitos adolescentes (TEIXEIRA et al., 2008). Relaciona-se com a mudança do espaço físico e afastamento dos amigos e da família. Essa mudança pode estar acompanhada de sentimentos dolorosos, que influenciam negativamente no desempenho acadêmico (MONTEIRO et al., 2008). Nesse sentido, muitos jovens sentem uma grande necessidade de voltar para casa, para a segurança e estabilidade emocional que sentiam quando ainda residiam na casa dos pais (FERRAZ; PEREIRA, 2002).

Algumas pesquisas têm mostrado que a saudade dos familiares e amigos, denominada *Homesickness*, é um sentimento desenvolvido por estudantes que deixam seu ambiente familiar para poder frequentar uma instituição de ensino superior (FERRAZ; PEREIRA, 2002). Ela é mais acentuada entre estudantes que precisam se deslocar de seu lugar de origem (SCOPELLITI; TIBÉRIO, 2010), embora não se restrinja aos estudantes que vivem em moradias estudantis.

Outras dificuldades também podem estar presentes em jovens que saem de casa para estudar. Dificuldades de ordem socioeconômica, na gestão do tempo, de organização pessoal, para tomar decisões, para formar uma nova rede de amigos, podem tornar essa população mais vulnerável no desenvolvimento de sentimentos negativos, tais como tristeza, ansiedade, medo, entre outros (OSSE; COSTA, 2011).

A saída de casa pode estar relacionada com uma das modalidades de assistência estudantil, a moradia estudantil. As moradias estudantis caracterizam-se por agrupamentos de pessoas com a finalidade de atender as necessidades de moradia em instituições de ensino. Aspectos positivos e negativos podem estar presentes nessa experiência, uma vez que viver em uma casa de estudante implica em modificações de rotinas anteriores e estilos de vida e

em uma adaptação a um ambiente novo, que envolve desafios acadêmicos, sociais e pessoais (FISHER, HOOD, 1987).

Durante a adolescência, essa experiência gera, em um curto período de tempo, o fato de não possuir mais a supervisão direta de um adulto, de ter que aprender a gerir seus próprios assuntos e a assumir responsabilidades (BERNIER et. al, 2005). Essa transição pode ser traumática, em função da vivência de mudanças abruptas e inerentes ao ingresso em um nível superior de escolaridade (LOWE, COOK, 2003 apud CHOW, HEALEY, 2008).

Cabe destacar que a única pesquisa encontrada que trata da temática da vivência em moradia estudantil no ensino médio foi a realizada por Morais et al. (2004). Esses autores desenvolveram uma pesquisa em uma escola técnica federal de nível médio localizada no município de Macaíba, RN, investigando os aspectos positivos e negativos da experiência de internato. Todos os alunos entrevistados reconheceram o valor positivo dessa experiência, em virtude, sobretudo, da possibilidade de conviver com pessoas diferentes.

Por outro lado, há alguns estudos referentes à experiência de viver em moradia estudantil realizados com o público do ensino superior. Por exemplo, os estudos de Araújo e Morgado (2008), Yeung (2009) e Turley e Wodtke (2010) buscaram identificar o impacto da experiência de morar em residências situadas no Campus sobre o rendimento médio do estudante e sobre sua integração acadêmica e social.

As pesquisas de Berlatto e Sallas (2008), Laranjo (2003) e Laranjo e Soares (2006) tiveram como propósito investigar como se desenvolvem os processos de socialização entre os estudantes residentes da moradia estudantil de uma universidade do estado de São Paulo. Martins (2002), por sua vez, buscou conhecer de que forma a experiência das estudantes na condição de moradoras de casa estudantis interferiu na construção da sua identidade feminina. Já Paiva e Mendes (2001) tentaram relacionar as interações sociais à ocupação e ao uso do espaço físico nas moradias.

A pesquisa de Sousa (2005) com os estudantes residentes nas moradias estudantis da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica de Goiás buscou apreender os significados e os sentidos da moradia estudantil para estes, tendo em vista o contexto social em que estavam inseridos e a forma como ocorriam as relações cotidianas dentro das casas. Estudo realizado por Araújo e Morgado (2008) teve como foco os moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU) e as bolsas de atividades acadêmicas. A investigação abrangeu os efeitos da assistência estudantil na formação acadêmica dos estudantes. Ficando evidenciada a importância da assistência estudantil para a formação e conclusão do curso

universitário, pois muitos, se não estivessem integrados nas ações assistenciais, jamais teriam conseguido chegar ao fim de uma graduação (ARAÚJO; MORGADO, 2008).

Essas moradias reúnem pessoas que investem na escolarização como uma forma de encaminhar suas vidas, em busca de uma carreira, tendo que, para isso, deixar sua cidade de origem, afastando-se de suas famílias e de todo contexto de vida que levaram até o momento de ingresso na universidade para morar com outras pessoas de condições semelhantes, porém desconhecidas (OSSE, 2008). Diante desse contexto, ressalta-se a importância de que as instituições estudantis, sejam elas de nível superior ou médio, desenvolvam estratégias para lidar com a adaptação dos estudantes que precisam sair de suas casas e, até mesmo, residir em moradias estudantis para concluir seus estudos.

Com o apoio e articulação das instituições, as necessidades dos estudantes podem receber um olhar de cuidado, o que contribuiria para o desempenho acadêmico assim como bem-estar emocional e psíquico. Tendo em vista que este é também um período de crescimento e de vivência de novas experiências, deve ser vivido da forma mais agradável possível, de modo que se possam partilhar diferentes conhecimentos e realizar novas aprendizagens.

## **2 MÉTODO**

### **2.1 DELINEAMENTO**

A pesquisa realizada possui um delineamento qualitativo e exploratório, de caráter transversal. A pesquisa qualitativa é caracterizada como aquela que produz resultados que não seriam alcançáveis através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação.

Esse delineamento considera a subjetividade dos sujeitos, permitindo compreender os resultados de maneira individualizada ou a partir do contexto multifatorial que envolve um fenômeno (BAUER; GASKELL, 2005). Os estudos exploratórios, por sua vez, são investigações cujo objetivo consiste em aumentar a familiaridade do pesquisador com um fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa mais precisa, procurando clarificar conceitos (MARCONI; LAKATOS, 1999).

## 2.2 PARTICIPANTES

Foram participantes deste estudo 12 estudantes de ambos os sexos (6 meninas e 6 meninos), provenientes das turmas de 2º ano de três cursos técnicos integrados ao ensino médio (Administração, Agropecuária, Manutenção e Suporte em Informática), de um Instituto Federal de Educação, situado em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Salienta-se que se optou por utilizar nomes fictícios para preservar o sigilo e confidencialidade em relação ao nome dos estudantes participantes da pesquisa. As informações detalhadas sobre os participantes se encontram na Tabela 1, a seguir.

Foram critérios de inclusão no estudo: a) concordar em participar do mesmo; b) estar regularmente matriculado em um dos cursos técnicos de nível médio no 2º ano no Campus onde foi realizada a pesquisa; c) ser proveniente de outra cidade, que não a em que está situada o Campus; d) ter residido durante o 1º ano e ainda estar atualmente residindo em moradia estudantil da cidade sede do Campus; e e) assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e concordar com a gravação da entrevista.

Observou-se o critério de saturação teórica das informações para determinar o tamanho da amostra. Nessa forma de amostragem, ocorre a suspensão da inclusão de novos participantes quando as informações obtidas passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição. Assim, não é mais necessário incluir novos participantes à pesquisa e, conseqüentemente, persistir com a coleta de informações (FONTANELLA et al., 2008). A saturação de dados ocorre geralmente após a análise de doze entrevistas, quando novos temas emergem com pouca frequência. Para a maioria dos estudos em que o objetivo é compreender percepções e experiências comuns entre um grupo de indivíduos relativamente homogêneos, doze entrevistas devem ser suficientes (GUEST et al., 2006).

A escolha por alunos de 2º ano decorre do fato que os participantes vivenciaram a experiência de sair de casa recentemente e já conseguem apresentar certo distanciamento da mesma para melhor descrevê-la. Distanciamento este que alunos do 1º ano, em função de estarem vivendo essa experiência, não teriam.

Tabela1 – Descrição dos participantes da pesquisa

| <b>Nome fictício do estudante entrevistado</b> | <b>Idade</b> | <b>Curso</b>   | <b>Idade em que saiu da casa dos pais</b> | <b>Cidade de origem e a distância do Instituto Federal Farroupilha</b> |
|--|--------------|--|---|--|
| André  | 17 anos      | Técnico Integrado em Agropecuária                        | 16 anos                                   | Itaqui/RS<br>265 km  |
| Antônio  | 16 anos      | Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática | 15 anos                                   | Segredo/RS<br>254 km   |
| Ariel  | 15 anos      | Técnico Integrado em Agropecuária                        | 14 anos                                   | Estrela Velha/RS<br>294 km   |
| Augusto  | 15 anos      | Técnico Integrado em Administração                       | 14 anos                                   | Salvador das Missões/RS<br>222 km                                      |
| Alan   | 16 anos      | Técnico Integrado em Agropecuária                        | 15 anos                                   | Lagoa Bonita do Sul/RS<br>219 km                                       |
| Anderson                                       | 16 anos      | Técnico Integrado em Administração                       | 15 anos                                   | Unistalda/RS<br>124 km   |
| Alice  | 15 anos      | Técnico Integrado em Agropecuária                        | 14 anos                                   | São Francisco de Assis/RS<br>50 km                                     |
| Aline  | 15 anos      | Técnico Integrado em Agropecuária                        | 14 anos                                   | Capão do Cipó/RS<br>129 km   |
| Amanda   | 16 anos      | Técnico Integrado em Agropecuária                        | 15 anos                                   | Sobradinho/RS<br>232 km  |
| Andressa                                       | 15 anos      | Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática | 14 anos                                   | São Gabriel/RS<br>130 km   |
| Ana  | 15 anos      | Técnico Integrado em Administração                       | 14 anos                                   | Santa Maria/RS<br>90 km  |
| Anelise  | 15 anos      | Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática | 14 anos                                   | Jóia/RS<br>200 km  |

## 2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

A coleta das informações foi realizada através de uma entrevista individual de caráter semiestruturado (COSTA, 2012), com questões norteadoras que foram especialmente desenvolvidas para esse estudo (APÊNDICE A). Tais questões buscaram conhecer a percepção dos estudantes entrevistados sobre a experiência vivenciada por eles no 1º ano em que saíram da casa dos pais e passaram a residir na moradia estudantil do Campus.

Esse tipo de entrevista objetiva compreender de que maneira os sujeitos percebem e vivenciam determinada situação ou evento que está sendo focalizado nas perguntas feitas pelo entrevistador. O roteiro semiestruturado permite que perguntas importantes para a investigação da proposta não deixem de ser realizadas, mas não impede o aprofundamento de aspectos que emergem ao longo da entrevista e que não estavam previamente planejados no roteiro (FRASER; GONDIM, 2004).

Inicialmente, os objetivos e procedimentos da pesquisa foram explicitados ao diretor do Instituto Federal de Educação do Campus em que a pesquisa foi realizada, sendo obtida a autorização institucional para a realização da mesma (APÊNDICE B). O mesmo procedimento foi realizado com a coordenadora da moradia estudantil e com os respectivos coordenadores dos cursos técnicos de ensino médio que esses alunos frequentam.

Obteve-se uma lista de alunos que se encontram no 2º ano do ensino médio que residiram no 1º ano de curso na moradia estudantil e que continuam residindo nessa moradia para realizar as entrevistas. Após o fornecimento desta lista com os respectivos contatos dos alunos, foram feitas duas listas (uma para o sexo feminino e outra para o masculino), atribuindo um número a cada possível participante.

Com a constituição dessas listas numeradas, foi sorteada a amostra provável para participação no estudo, com igual número de participantes para ambos os sexos. Foi realizado o contato pessoalmente com cada possível participante sorteado na instituição em que estudam para convidá-los a participar do estudo, quando foram explicados os objetivos e procedimentos do estudo, esclarecendo o caráter voluntário e confidencial de sua participação na pesquisa.

Para aqueles alunos que concordaram em participar do estudo, foram marcados dia e hora para a realização das entrevistas. No dia da entrevista, antes de iniciá-la, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), o qual foi lido e discutido com o participante, procurando oferecer um esclarecimento completo sobre a

natureza da pesquisa, a fim de que se tivesse certeza que o mesmo estava ciente dos procedimentos que seriam adotados na mesma.

Tal procedimento teve como intuito informar os objetivos, a técnica utilizada para sua realização, os benefícios previstos e potenciais desconfortos que poderiam ser desencadeados pela realização da pesquisa, demonstrando sua anuência em participar do estudo. Apenas após esse processo estar concluído, a entrevista individual foi realizada em uma sala no setor de saúde do Campus. Cabe ressaltar que apenas um dos estudantes convidados a participar da pesquisa não compareceu a entrevista, demonstrando não desejar participar da mesma.

Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e pesquisa na Universidade Federal de Santa Maria (CAAE: 40361015.9.0000.5346). A pesquisa realizada não envolveu mais que risco mínimo e a obtenção do consentimento dos pais era inviabilizada pela saída destes adolescentes de casa bem como pela distância que se encontram as cidades de origem destes.

Optou-se, desta forma, pelos próprios adolescentes assinarem o TCLE. Como a temática da pesquisa refere-se à adaptação destes a esta nova condição em que se encontram, tomar decisões por si mesmo faz parte da experiência que estes vêm vivenciando neste momento de suas vidas.

Salienta-se que esta decisão foi embasada na Resolução Complementar referente à Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais em sua versão preliminar que foi utilizada em reunião do GT de Ciências Humanas e Sociais – Conep, realizada nos dias 7 e 8 de outubro de 2015. Na referida resolução, consta que quando a pesquisa não envolver mais que risco mínimo (os riscos não excedem os riscos da vida diária) e a obtenção do consentimento dos pais for inviabilizada, bastará o consentimento dos adolescentes. Ainda em relação aos cuidados éticos, este estudo se baseou nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012) e na resolução nº016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

#### 2.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo temática que consiste em um método de descrição literal do conteúdo manifesto para sua posterior categorização (BARDIN, 2010). A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra. Ela permite produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na análise de conteúdo, o texto é um meio de expressão do

sujeito no qual aquele que analisa busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, por meio da inferência de uma expressão que as representem (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Nesse tipo de análise, deve-se proceder a uma organização, transcrição, ordenação, codificação e categorização das informações para, a partir de então, realizar uma análise e interpretação em unidades temáticas (BARDIN, 2010). Gil (2007) considera que essa técnica envolve uma sequência de atividades que realizam uma leitura exaustiva das informações coletadas na pesquisa, categorização e interpretação das mesmas. No estabelecimento de categorias, serão agrupadas ideias ou expressões em torno de evidências de conteúdos mais significativos que surgirem ao longo das entrevistas, com base nos objetivos propostos.

### **3 RESULTADOS**

Os resultados deste estudo serão apresentados em duas categorias distintas. A primeira refere-se às percepções e vivências adquiridas ao sair da casa dos pais e a segunda busca apresentar os principais resultados a respeito da experiência dos adolescentes entrevistados ao ingressar na moradia estudantil do Campus.

#### **3.1 SAÍDA DA CASA DOS PAIS**

Esta categoria aborda a saída da casa dos pais, descrevendo como se deu a escolha do curso, a decisão de sair de casa para estudar bem como a experiência que os adolescentes obtiveram, abordando os desafios enfrentados e os pontos positivos desta experiência. Também abordará a questão da autonomia e maturidade adquiridas com a saída de casa, os aspectos emocionais envolvidos neste processo e as mudanças percebidas em si com a saída de casa. A importância da rede de apoio e as dificuldades nos relacionamentos familiares também são aspectos abordados nos resultados deste estudo.

##### **3.1.1 Escolha do curso**

Alguns fatores aparecem nas entrevistas como significativos no momento da realização da escolha pelo curso de ensino médio técnico. Diferentes fatores contribuem para a escolha do curso e dessa experiência de sair de casa para estudar no ensino médio. São eles:

a influência familiar, a perspectiva de futuro e a oportunidade de vivenciar a experiência de saída da casa dos pais.

### *3.1.1.1 Influência familiar*

Na escolha pelo curso, percebe-se que a opinião dos pais têm uma influência significativa nesse processo. Além disso, a própria experiência prévia dos adolescentes com as possíveis atividades do curso parecem contribuir para a escolha.

*Eu escolhi agropecuária porque é mais a minha área, o pai lida com isso, ele é do interior, faz mais parte da minha área a agropecuária, daí eu decidi vim pra cá e fazer este curso (Ariel, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Eu escolhi fazer o técnico em agropecuária porque meus pais são agricultores, eles moram no interior, então achei que seria mais útil para mim fazer este curso entre as opções que tinha (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Como eu moro lá no interior, eu já tinha contato com isso, com bichos, me cativou bastante o curso, é o que eu quero seguir como profissão. (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

### *3.1.1.2 Perspectiva de futuro*

As expectativas dos adolescentes sobre seu futuro e o futuro projeto de vida são consideradas no momento da escolha. A escolha é realizada em função daquilo que eles acreditam que venha a somar em sua vida e auxiliá-los futuramente, tanto em uma perspectiva de trabalho futuro quanto em termos pessoais. Alguns estudantes recorrem a internet para ter um conhecimento prévio do curso técnico que almejam, em busca de informações que auxiliem na realização desta escolha.

*Eu acho que me chamou atenção que era um colégio que ainda tinha um curso técnico e que era fora da cidade, era algo grande. Uma coisa que eu senti que ia pesar bastante na minha vida em vários aspectos (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] uma prefeitura vai precisar de alguém que administre ela, uma empresa vai precisar de alguém que administre. Eu posso me especializar em contabilidade, posso ter uma empresa minha. Posso eu me organizar, na minha parte financeira. Então, eu acho que é muito importante a área (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Eu pensei que me ajudaria em tudo. Informática é uma área que tu pode usar em várias outras (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*Eu pesquisei um pouco na internet quando eu me inscrevi para ter uma noção de como era e achei interessante. (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

### 3.1.1.3 Oportunidade de sair da casa dos pais

O fato de sair de casa parece influenciar decisivamente na opinião dos estudantes durante a escolha do curso. Sair de casa para cursar o ensino médio técnico é percebido pelos estudantes como uma oportunidade de terem mais liberdade, conhecerem pessoas diferentes e terem novas experiências de vida.

*Eu gostava da minha escola lá, mas vir pra cá foi uma forma que eu achei de sair de casa, aqui eu tenho mais liberdade. Não preciso ficar dizendo aonde eu vou, apesar de que a maior parte do tempo eu só fico na moradia, aqui dentro do colégio [...] eu queria sair de casa, daí escolhi o curso que tinha mais vagas. Eu nem sabia o que se fazia nesse curso, mas eu acho legal o desafio (risos) (André, 17 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Era o meu sonho. É que meu irmão também saiu novo, daí desde que ele saiu eu queria sair também, eu queria ter essa experiência. Qual é o adolescente que não quer isso? (risos) [...] é liberdade (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] eu tenho aquela coisa comigo que eu tenho que sentir aquela coisa de independência. Eu gosto muito. Eu senti como se fosse uma oportunidade única que eu não queria perder (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*Primeira coisa, eu não vou mentir, foi, assim: 'meu Deus vai ser muito legal, não vai ter toda aquela supervisão da mãe, do pai, de todo mundo [...]' (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### 3.1.2 Decisão de sair de casa

A decisão de sair de casa nem sempre é fácil. Os adolescentes referem, em sua maioria, que essa foi a primeira experiência de morar longe dos familiares, o que tornou essa decisão, para alguns, muito difícil. Como vimos, diferentes fatores influenciam na decisão pelo curso, e de certa forma, esses fatores também contribuem para decidir sair de casa. São eles: a qualidade do curso, as expectativas de futuro, a oportunidade de conviver com outras pessoas e sair do interior.

Os adolescentes concordam que sair de casa aos 14 anos é um desafio. No entanto, a partir da experiência vivida, acreditam que quanto mais novo ocorre a saída de casa melhor é, pois quanto mais se tarda essa saída torna-se mais difícil sair pelo fato de acostumar tendo os pais em casa fazendo tudo para os filhos.

*É uma escolha nem sempre fácil, pelo menos para mim não foi. Eu nunca tinha ficado tanto tempo longe de casa, quando eu saía era no máximo para passear na casa de algum tio por uma semana. Essa decisão de sair de casa com esta idade, de encarar morar longe dos meus pais eu demorei para tomar. Fiquei bastante tempo pensando até me decidir, mas pensei que essa experiência seria boa pra mim, que iria me preparar para meu futuro, que era um curso bom e que valeria a pena qualquer esforço e daí eu vim (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Sair de casa foi legal, eu gostei. Eu fiz muita coisa aqui que eu não teria como fazer em casa, porque eu moro para fora em uma cidade pequena, então é muito isolado [...] eu não tinha amigos. Eu ficava sozinho, eu só via meus colegas na aula, quatro horas por dia, depois ia embora e em casa não tinha o que fazer. Trabalhava com o pai nas lavouras, ajudava nas coisas de casa e só, mas na maior parte do tempo só convivia com eles e com os cachorros [...] foi fácil sair de casa (risos). Desde que eu era criança eu nunca tive problema de ficar sozinho em casa. Na verdade, eu nunca tinha saído para morar em outro lugar. Eu tinha saído só para passar férias, mas morar é a primeira vez, mas eu esperava que esse dia chegasse. Eu queria sair de casa e daí eu vim, vi isso como uma oportunidade de viver uma nova experiência, uma escapada, sair do interior e vir pra cidade e está dando certo (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*[...] quanto mais cedo tu sair de casa acaba sendo melhor, porque em algum momento isso vai acontecer e quanto mais tu acostuma em casa com os teus pais fazendo tudo para ti fica mais difícil depois (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### 3.1.2.1 Dificuldades nos relacionamentos familiares

Sair de casa, em alguns casos, pode significar uma fuga, de certa forma, de dificuldades anteriores do adolescente com seus progenitores no convívio familiar. A saída de casa pode ser vivenciada como uma oportunidade de se distanciar de problemas presentes no contexto familiar que acabavam atingindo o adolescente.

*[...] eu não estava me dando muito bem com meu pai e com a minha madrasta e não queria voltar a morar com minha mãe, daí foi uma forma de eu sair de casa (André, 17 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Eu e a minha mãe a gente não era muito próximas, a gente brigava bastante [...] eu sempre quis estudar fora, eu sempre quis sair de casa. Era o meu sonho sair de casa e ser mais independente, não depender da minha mãe para tudo. E aí como surgiu aqui, eu vim (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### 3.1.3 A experiência de sair de casa

A experiência de sair da casa dos pais para estes adolescentes, a maioria aos 14 anos de idade, é vivenciada de forma ambígua. Por um lado, é entendida como oportunidade de

liberdade e autonomia, associando-se ainda a um sentimento de conquista, uma vez que o estudante conseguiu a vaga para o curso desejado. Por outro lado, é experienciada com ansiedade e insegurança frente aos novos desafios a serem enfrentados. Os estudantes demonstram perceber a necessidade de ter responsabilidade frente a esta escolha.

*Eu nunca tinha pensado em sair de casa aos 14 anos, inclusive eu pensava antes em terminar a 8ª série e ir para o ensino médio normal lá na minha cidade, mas daí eu fiquei sabendo que aqui tinha esse curso, daí eu me interessei. Só que no primeiro dia foi ruim longe de casa [...]. Têm pessoas que por saírem novos, querem aproveitar tudo ao mesmo tempo, não sabem ter liberdade com responsabilidade, tem que se controlar, tem que ter a cabeça boa (Ariel, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### 3.1.3.1 Desafios enfrentados

Os primeiros dias da saída de casa associada ao ingresso na moradia estudantil são desafiadores para o jovem ingressante, pois demandam estratégias de enfrentamento para dar conta das exigências da transição. Os estudantes entrevistados, vivenciando pela primeira vez a experiência de morar longe dos pais, necessitam se adaptar a um contexto totalmente novo e repleto de novos desafios. O maior desafio está no âmbito pessoal. Observa-se que é difícil e impactante se separar dos pais. Essa dificuldade associa-se a adaptação a uma nova cidade, a uma nova rotina, a novas responsabilidades.

Sair da casa dos pais é o início de uma nova etapa que marca a independência de muitos adolescentes. Eles terão que adotar novas atitudes e responsabilidades para as quais podem ainda não estar preparados, o que pode gerar alguns problemas tanto no âmbito escolar como pessoal.

Inicialmente, o adolescente acaba focando muito seus pensamentos na casa dos pais e não consegue se concentrar e manter-se focado em outras coisas. A possibilidade de voltar para casa dos pais aos finais de semana é encarada de forma positiva, pois voltar a casa dos pais é percebido como um retorno a um refúgio, no qual se busca um apoio e acolhimento neste momento marcado por tantas mudanças.

Porém, os familiares acabam influenciando na adaptação do estudante. Por exemplo, se demonstram estar emocionalmente fragilizados, os jovens acabam sofrendo e tendo dificuldades no processo de adaptação. Isso pode gerar dúvidas nos jovens quanto a decisão que tomaram.

Quando a saída de casa está relacionada com uma das modalidades de assistência estudantil – a moradia estudantil – considera-se que a convivência com outros estudantes

desconhecidos gera diversos desafios. As principais diferenças apontadas referem-se a maior dificuldade para se estudar em função da falta de privacidade. Apesar dos desafios, os estudantes relatam o desejo que possuíam em vivenciar essa experiência e alguns afirmam que, apesar de toda a dificuldade inicial da adaptação, atualmente não se imaginam vivendo de outra forma, pois acreditam que esta experiência agrega muito em sua vida.

*Foi bom, eu gostei de sair de casa, só que eu não gostei por um lado que morar em doze em um quarto não é que nem estar em casa assim, silêncio para dormir, silêncio para estudar, é tudo mais difícil. É tudo diferente, tem que aprender a conviver com gente que a gente nunca viu antes, com cultura diferente, jeito de falar, hábitos diferentes (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*Eu nunca tinha saído antes de casa, daí ficava só pensando em casa e eram ruim os primeiros dias, dava uma vontade de largar tudo e ir embora, era ruim, eu pensava em ir embora e ligava todos os dias para a mãe, na primeira semana, foi assim, na segunda já foi aliviando, agora eu não ligo tanto (Ariel, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] sabia que ia ser uma mudança grande em minha vida, afinal ia sair de casa pela primeira vez, morar longe dos meus pais, da minha família, dos meus amigos, da minha cidade, fazer um curso técnico integrado ao ensino médio, o que eu sabia que ia exigir muita dedicação minha e, além disso, morar em um lugar com mais onze meninos totalmente desconhecidos até então [...] eu tinha noção desta mudança que iria acontecer, mas queria experimentar, queria ver como iria ser (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Meu irmão veio para cá dois anos antes que eu, mas já foi embora, ele não conseguiu terminar, ele rodou duas vezes no 2º ano, daí a mãe tirou ele porque ele estava fazendo muita coisa errada aqui, ele não teve maturidade suficiente para estar aqui, veio para cá e achou que o mundo iria terminar, sei lá, quis fazer festa até não poder mais e acabou perdendo o foco dos estudos, daí ele voltou para casa e agora está estudando com os que eram meus colegas lá na minha antiga escola (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*[...] primeiro a mãe e a minha avó as duas começaram a chorar e eu não fiquei triste sabe, não sei se foi porque acho que no início eu não estava compreendendo exatamente o que iria acontecer, não tinha 'caído a ficha' ainda, não estava entendendo ainda, mas quando eu cheguei já deu aquele 'baque' que foi quando me dei conta: 'estou sozinha, agora tenho que me virar' [...] essa experiência de estar sozinha aqui, com pessoas que eu não conhecia, foi bem complicada para mim, eu demorei para me adaptar, hoje eu já não me imaginaria de outro modo, mas foi bem complicado no início (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*A primeira vez que fui no final de semana para casa, na hora de voltar, na minha mãe eu só dei um abraço nela em casa e saí [...] meu pai ele me deu um beijo, me deu tchau e minha irmãzinha foi me dar um abraço (silêncio) quando ela me deu um abraço, eu pensei em desistir (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] o início me marcou bastante, aqueles primeiros meses porque eu acho que foi quando eu senti que estava tudo mudando, minha vida era diferente, não estava mais em casa com meus pais, era responsável pelas minhas próprias coisas e daí depois as coisas mudaram para melhor e eu me sentia um pouco mais alegre, eu*

*fazia mais coisas, ocupava melhor meu tempo, eu tinha mais amigos que antes (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] quando eu vim pra cá, percebi que não tem ninguém te chamando para acordar de manhã, sei lá então é bom. Mas logo assim na primeira semana senti uma enorme diferença [...] eu estava acostumada há 14 anos a estar junto com todo mundo, a estar ouvindo todo mundo, a estar com as mesmas pessoas e, de uma hora para outra, mudar completamente, as pessoas que estão ali contigo, são pessoas completamente estranhas, que eu nunca vi [...] têm costumes diferentes dos meus e vieram de um lugar diferente do meu [...] me fez pensar assim, primeiro que eu tinha que me concentrar em alguma coisa para eu não me sentir mal. Eu pensei várias vezes nisso, de sair e voltar para casa, mas não. Até foi um pouco teimosia, para eu mostrar que eu conseguia. E depois, porque eu vi que não era uma coisa insuportável, que eu ia para casa todo fim de semana, que tinha gente em situação pior que a minha e que eu conseguia. Eu acho que foi por isso que eu consegui ficar, mas a maior diferença, que mais me estranhou foi isso, ficar com a rotina diferente em tudo (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### 3.1.3.2 Pontos positivos desta experiência

A saída de casa provoca a necessidade do adolescente desenvolver maior responsabilidade, o que possibilita a obtenção de novas aprendizagens e é encarado de forma positiva pelos estudantes. Eles conseguem perceber, até mesmo e principalmente com os erros que, apesar de estarem morando sozinhos e sem a cobrança presencial dos pais, eles precisam gerenciar de forma satisfatória seus estudos. As dificuldades são valorizadas pelos adolescentes e consideradas como essenciais para quem está saindo de casa pela primeira vez, pois elas são associadas à aprendizagem, à sensação de autonomia, à liberdade e, principalmente, à obtenção de maturidade.

Aprender a conviver com as diferenças também é percebido positivamente, uma vez que eles se deparam com indivíduos de diferentes lugares, culturas e hábitos. Por outro lado, o apoio, o fato de ter alguém presente tirando dúvidas e auxiliando o estudante que chega promove um sentimento de pertencimento.

A privação do convívio diário com os pais permite que os adolescentes adquiram maior liberdade e conquistem autonomia pois, na maioria das vezes essa é a primeira vez que eles passarão a gerir seu tempo e seus recursos econômicos, necessitando desenvolver maturidade para isso. O “amadurecer na marra” é percebido como inevitável para a adaptação.

Os adolescentes demonstram ter clareza de que terão que fazer escolhas e estas escolhas impreterivelmente levarão a consequências. Viver esta experiência, já no ensino médio, faz com que se sintam mais preparados para encarar novos desafios futuros ao ingressar no ensino superior.

Os entrevistados descreveram que conseguiram também perceber, nessa experiência de saída de casa, mudanças em si mesmos e no modo de comportar-se e de ser. Perceberam que adquiriram mais responsabilidades e com isso, tornaram-se mais independentes em relação a seus genitores, desenvolvendo maior autonomia e maturidade em suas atitudes.

Perceberam que estão adquirindo uma maior facilidade no que se refere a seus relacionamentos interpessoais e à aquisição de novas amizades, pois buscaram no grupo de iguais amparo e apoio, já que o vínculo afetivo com os colegas torna-se um ponto importante por estarem compartilhando juntos a mesma experiência.

*[...] vindo para cá eu fico 24 horas por dia em contato com pessoas, eu gosto de pessoas, daí eu acredito que a gente adquire uma forma melhor de lidar com a sociedade quando a gente está no meio de pessoas estranhas, que a gente não sabe o que fazer, daí a gente vai aprendendo com os erros, aprendendo com as dificuldades e também com as conquistas (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*[...] essa experiência também está sendo muito boa porque eu conheci um lugar diferente, pessoas que, se eu estivesse lá na minha cidade, eu não iria conhecer, não iria ter esta experiência (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Mudei minha perspectiva, digamos assim, de muita coisa que eu achava e também referente a conhecimentos, de eu aprender coisas novas, não só coisas da aula e do curso, mas coisas da vida assim, de convivência com as pessoas [...] eu tenho certeza que sou totalmente diferente de quando eu entrei, mudou uma coisa que eu acho que foi muito importante mudar, aquela coisa de ser fechada para o mundo, eu era muito fechada, agora eu acho que eu tenho muito mais conhecimento e eu consigo ter mais relações pessoais, eu consigo conversar mais com as pessoas, me divertir mais, eu tinha dificuldade em relação a isso antes de morar sozinha e precisar me virar, me fortaleceu neste aspecto [...] saindo de casa eu melhorei a convivência com as pessoas e eu acho que eu aprendi, tive um pouco mais de independência, aprendi a me virar mais, me virar sozinha (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*É bom ter a oportunidade de viver uma experiência assim, de poder conviver com pessoas de todos os jeitos, onde a gente precisa ter maturidade para fazer nossas escolhas e arcar com as consequências das escolhas que a gente faz (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*[...] eu amadureci, eu aqui me sinto mais preparada porque eu não tenho tanto mais essa dificuldade de ficar longe (silêncio) [...] a gente aprende a se virar com as próprias pernas, é bem isso, como é que eu vou explicar, até pelo ensino que eu considero mais puxado tem aula de manhã e de tarde, parece que um dia vale por dois [...] eu fico pensando, lá na minha cidade eles tem só de manhã, é um dia meu para dois deles, isso também me torna mais responsável porque tu tem que dar conta disso, o trabalho tem que ser feito, é uma responsabilidade que já se adianta, digamos assim, porque no caso eu iria sentir isso na faculdade e já estou sentindo (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Aqui a gente tem que se virar mesmo, amadurecer na marra, nem que não queira temos que nos tornar responsáveis por tudo, inclusive por nós mesmos [...] eu acho que eu aprendi a me virar sozinha porque eu era muito dependente em casa, qualquer coisa eu pedia para a mãe, para o pai ou para a minha avó (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Certas decisões tu tem que tomar na hora. Tem coisas que tu tem que passar pra ti aprender. [...] não dá pra ti esperar muito dos outros, tem que fazer por ti. Se tu quer alguma coisa, tu tem que acordar cedo e tem que ir atrás. Aprendi isso e principalmente que a gente tem que amadurecer, não tem outro jeito, temos que desenvolver maior autonomia e responsabilidade estando morando sozinha, longe dos nossos pais (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

### **3.1.4 Aspectos emocionais envolvidos e mudanças percebidas com a saída de casa**

Não é fácil deixar pra trás uma história, todo o afeto e a proteção familiar. O sentimento de sentir-se com o ‘coração apertado’ é experienciado tanto por quem vem quanto por quem fica. Tanto o estudante quanto seus familiares são afetados por esse evento. Podem ser vividos sentimentos de insegurança de ambas as partes. Alguns adolescentes consideram que seus pais ou outros familiares demonstram mais dificuldades do que eles próprios com relação à sua saída de casa.

Tais situações, muitas vezes, são motivadas pelo fato do adolescente ter que, pela primeira vez e aos 14 anos de idade, ainda na adolescência inicial, deixar de conviver diariamente com os familiares e outras pessoas do cotidiano. Através das entrevistas realizadas, foi possível perceber o quanto algumas situações vivenciadas após a saída da casa dos pais acabam impactando emocionalmente estes adolescentes.

A questão de não ter mais o seu quarto ao voltar para a casa dos pais gera um impacto emocional perceptível nestes adolescentes. Talvez o único espaço que demarcasse a presença do jovem na família e na casa dos pais fosse o quarto. Alguns jovens se sentem desterritorializados sem esse espaço físico.

Por outro lado, para alguns adolescentes, a saída de casa proporciona reflexões importantes e aprendizagens significativas. A saída de casa faz com que mudanças importantes aconteçam na relação familiar, sendo uma oportunidade de ressignificar essa relação. Em alguns casos, é perceptível que a distância física possibilita estreitar laços familiares e promove uma maior valorização do que até então talvez não fosse tão notado ou não recebesse a devida importância por fazer parte do cotidiano.

*[...] quando eu volto para casa, acho que mudou um pouco, porque acho que a gente se acostuma em um lugar e depois quando vai para outro parece que não é mais a mesma coisa, é diferente. Meu quarto é do meu irmão agora, era o único espaço da casa que era totalmente meu, quando eu cheguei pela primeira vez e vi que eu não tinha mais o meu quarto foi estranho, mas eu acostumei (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*[...] é um mundo diferente, eu me sinto mais em casa aqui do que lá, não me sinto mais tão a vontade lá e eu não tenho mais assunto para conversar com o pai e a mãe. E meu quarto lá está servindo mais como armazém do que como quarto, eu só vou lá para dormir, eles colocaram muitas coisas lá, tipo depósito (risos). Quando eu sair daqui e for para casa é óbvio que vou sentir falta daqui (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Eu senti que eu não tinha mais todo o meu lugar ali na casa dos meus pais, eu tenho a sensação de que eu não tenho mais todo meu espaço lá, que eu tinha antes, mas faz parte [...] o meu quarto passou a ser da minha irmã menor e daí o dela ficou de visita. Daí eu durmo naquele....de visita (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*Ano passado eu fiquei com o coração bem apertado de ter que encarar isso, é uma vida que, querendo ou não, a gente necessita deixar um pouco para trás e isso não é fácil, nem para quem vem nem para quem fica (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] eu acho que depois que eu vim para cá a minha relação com minha família mudou muito para melhor, porque talvez antes eu não tivesse uma relação muito boa com eles, mas agora é muito melhor assim, mudou totalmente, só pelo fato de eu vir para cá mudou toda a minha vida para melhor [...] antes eu brigava por coisas bobas, mas eu acho que foi uma fase, agora é aquela coisa de bastante saudade, abraços [...] não tem um dia que eu esteja lá que eu não dê um abraço neles e antes eu não fazia isso, nos aproximamos mais depois que eu sai de casa, sei lá talvez eu consiga compreender melhor as coisas, valorizar mais a família (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*No início do ano passado, até a metade era bem difícil para mim, porque o momento que eu tinha que voltar pra cá era o momento da separação, mas agora é um pouquinho mais natural, até eu tento não demonstrar tanto, não é tão ruim, o ruim é estar longe de casa, sair de casa [...] eu tento não demonstrar porque daí parece que eu estou deixando eles mal assim, não gosto de ver quando eles ficam dizendo que estão com saudade, me dói [...] mas a volta pra cá tem sido tranqüila, eu tenho encarado bem (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### **3.1.5 Rede de apoio**

A percepção do apoio emocional dos pais e a presença do diálogo familiar sobre a vida após a saída de casa, incentivando e dando forças para o adolescente continuar em busca do futuro almejado, pode contribuir para que este se adapte melhor a esta nova fase de sua vida. Reconhece-se a importância de uma ligação afetiva e do suporte familiar, assim como de demonstrações de confiança no desenvolvimento dos processos de autonomia e individuação. A possibilidade de fazer novas amizades e contar com o apoio dos colegas também são fatores importantes nesse processo.

*A família pode influenciar também [...] hoje em dia muita gente sai de casa em busca do estudo porque sem estudo não se chega a lugar nenhum; se a gente pensar por esse lado se torna mais fácil sair de casa (Ariel, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Meus pais não se posicionaram nem a favor nem contra, eles falaram que era para eu fazer o que eu achasse melhor para mim, me deram essa liberdade de escolher e isso foi bom pra mim, senti como um voto de confiança deles em mim (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Eu queria muito, sabia que era longe, mas eu queria muito porque eu nunca tinha saído sozinha de casa, mas meus pais sempre confiaram em mim [...] meu pai sempre me dizia; 'lá vai ter tantas coisas assim e tantas outras também, vai depender de ti', as escolhas é a gente que faz (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Foi meio difícil, mas eu não pensei nisso antes [...] vim e gostei, os três primeiros dias foram mais difíceis até acostumar, mas depois foi tranquilo, normal e como tive desde o início o apoio da minha família foi mais fácil (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### 3.2 MORADIA ESTUDANTIL

Esta categoria aborda os principais resultados referentes à experiência obtida pelos estudantes entrevistados ao sair da casa dos pais e passar a residir em uma moradia estudantil coletiva, no Campus onde estudam. Trata da importância do acolhimento recebido ao ingressar na moradia estudantil e das primeiras impressões obtidas ao chegar neste local. São abordados ainda fatores que auxiliaram na escolha pela moradia estudantil, como a questão financeira, a facilidade de acesso ao Campus, a segurança deste local e a possibilidade de fazer novas amizades.

A necessidade sentida pelos adolescentes de buscar referências que os auxiliem neste processo de ingresso e permanência na moradia estudantil também é descrita. As regras da moradia são percebidas de forma ambígua, ora vista como excessivas e ora como positivas.

#### 3.2.1 Importância do acolhimento

Sair da casa dos pais aos 14 anos de idade gera diferentes sentimentos. Os participantes descrevem euforia, expectativas, medo e apreensão. Dúvidas também encontram-se presentes no processo. Eles relatam que um ambiente acolhedor, com pessoas dispostas a auxiliá-los é fundamental. Alguns entrevistados descrevem a sensação de se sentirem sozinhos em meio a tantas pessoas. Por outro lado, o papel do apoio parental também é descrito. Na percepção dos estudantes entrevistados, a maneira como ocorre à despedida dos pais é importante, pois pode oferecer maior ou menor segurança.

*[...] minha mãe ficou um tempo conversando comigo e daí teve aquela despedida assim meio trágica, aquela hora que viramos em lágrimas, o nervosismo tomou*

*conta, mas daí depois eu tentei me empolgar o máximo possível, daí acho que me dei bem (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*O pessoal do CAE (Coordenação de Assistência Estudantil), eles têm bastante cuidado conosco aqui, por exemplo, se eu quero sair fim de semana, eu tenho que assinar um livro de registros. Não é obrigado, mas é melhor, porque é uma segurança que meus pais têm para, se eles ligarem, saber onde é que eu fui, se o colégio precisa saber, então eu assino quando eu saio e quando eu entro. Eles também têm câmeras que gravam, que registram o que tu está fazendo (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Eu vim com minha mãe, o meu pai estava viajando. Eu não conhecia o IF nem a cidade. Lembro que no dia que a mãe me trouxe foi meio ruim porque ela tinha que voltar para casa logo para cuidar do meu avô que estava no hospital e não deu tempo nem de se despedir, tirei minhas coisas do carro e ela teve que voltar [...] já os outros eu via os pais ali com eles um pouquinho mais, ajudando eles a organizar as coisas, mas, enfim, eu entendi que a minha mãe precisava voltar por causa do meu avô (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### **3.2.2 Primeiras impressões a respeito da moradia estudantil**

A partir das experiências vivenciadas pelos estudantes que saíram da casa de seus pais para estudar, foi possível constatar uma lembrança bem marcante sobre o seu primeiro dia na moradia. A chegada, o nervosismo, as expectativas, as percepções e, principalmente, o silêncio (tão cheio de significados) foi bastante presente nas falas e nas lembranças dos entrevistados.

É possível perceber o quanto eles necessitam se adaptar a esse novo contexto e o quanto o sentimento grupal se manifesta. Procuram, de certa forma, se fortalecer enquanto grupo para adquirir mais força para encarar essa vivência, já que todos compartilhavam nesse momento a mesma experiência de ter saído de casa e estar ingressando na moradia estudantil.

Por outro lado, ao se deparar com um número grande de adolescentes no mesmo quarto, sentem desconforto e dúvidas de como será essa experiência de convívio. A saída da casa, então, vincula-se a um objetivo futuro, um tempo em que se vislumbra estar em condições melhores, superadas as dificuldades atuais, em que será possível alcançar o tão almejado projeto futuro de mudar de vida.

*Lembrei do primeiro dia aqui, a primeira hora que eu entrei lá no quarto, foi aquela coisa, o primeiro dia que eu vim fazer a prova eu pensei: ‘como isso aqui é grande’, eu nunca tinha entrado em um colégio tão grande assim [...] foi aquela coisa toda: como é grande, como é legal aqui, como é bonito, daí comecei com aquela animação toda, aí depois que eu fui aprovada, o dia de eu vir para cá já fiquei com aquele nervosismo de tu chegar primeiro dia [...] eu lembro que eu entrei no quarto e fiquei só observando, aquele reconhecimento do espaço [...] pensei que eu tinha que me adaptar, que eu ficaria um bom tempo ali (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*No primeiro dia, tinha uns bem quietos, outros conversavam, uns bem assustados, (risos) mas no primeiro dia todo mundo já começou a conversar porque a gente iria morar junto, não adianta, a gente iria precisar se conhecer, ao menos a gente ia conviver junto por um bom tempo (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*No primeiro dia, estava todo mundo quieto, uns conversavam, mas a maioria quieta, parecia que estava todo mundo esperando para ver como iria ser (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Quando eu entrei na moradia na primeira vez e me deparei com doze no mesmo quarto foi um impacto, a gente acaba pensando que seria melhor não estar ali e ir para uma pensão, mas na pensão eu iria estar sozinho, não ia ter nada para fazer e aqui tem meus colegas junto comigo, facilita para fazer os trabalhos (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

### **3.2.3 A escolha pela moradia estudantil**

Alguns aspectos, segundo os entrevistados, auxiliaram no momento da escolha em residir na moradia estudantil. Os mais citados foram: a questão financeira (moradia gratuita), a facilidade de acesso ao Campus e as aulas, a segurança oferecida para quem reside neste local e a possibilidade de fazer novas amizades, por dividir a moradia com vários outros estudantes que também estão passando pela mesma experiência de saída de casa para estudar.

#### *3.2.3.1 Questão financeira*

O impacto financeiro inevitavelmente é levado em conta no momento de sair de casa. A gratuidade da moradia estudantil torna-se um atrativo que, muitas vezes, acaba sendo o ponto-chave para a escolha dessa opção de residência.

A possibilidade de residir na moradia estudantil também é descrita como determinante para a saída de casa. Na fala dos estudantes entrevistados, eles afirmam que, se não conseguissem vaga na moradia, não haveria possibilidade de realizarem o curso, tanto pelo impacto financeiro de pagar um local para residir quanto pela distância que vivem, o que tornaria inviável ir e vir de ônibus todos os dias para a escola. Esses depoimentos demonstram a importância de se ter este espaço a ser ofertado no âmbito escolar.

*Sempre quis ficar na moradia estudantil, pela facilidade e também pelo dinheiro. Com o que eu iria gastar em uma pensão eu posso ir para casa, eu posso comprar alguma coisa que eu queira [...] pensei tudo isso com meus pais, a gente colocou tudo no papel e ainda teria o fato de morar sozinha, aqui eu estou amparada, tem segurança, a responsabilidade fora já é minha, aqui dentro eu me sinto mais acolhida digamos do que fora (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Provavelmente, se eu não conseguisse a vaga na moradia, eu não iria vir pra cá, porque eu não teria condições de pagar uma pensão e é longe da minha casa, então, se eu não conseguisse a vaga na moradia provavelmente eu não estaria aqui (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] se não tivesse moradia, eu não iria ter como estar aqui porque eu acho que meus pais não gostariam que eu estivesse em uma pensão ou em casas, morando de aluguel ou coisas do tipo. E eu não teria como vir todo dia pra cá estudar; então a moradia é um recurso que eu acho que fez muito bem. Pessoas que vêm de muito longe também não tem como estudar aqui se não morar na moradia. Então, a moradia faz com que sustente bastante os alunos aqui. O refeitório, a alimentação que recebemos também é importante. Os projetos de auxílio de permanência e de transporte, o dinheiro eu acho que é uma coisa que influencia bastante (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*[...] não havia necessidade de gastar com moradia tendo como morar aqui na moradia estudantil, a escolha então foi mais pela questão financeira. E foi uma decisão dos meus pais também, eles achavam melhor a moradia, pelas regras e por ser dentro do Campus, é mais seguro (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] é que eu não posso pagar pensão, eu gasto cento e quarenta reais só pra ir para casa de passagem. De começo assim, achei estranho morar eu e mais doze, na hora do banho tomar banho e saber que tem mais onze no quarto foi estranho, mas fui acostumando. Aceitei bem desde o início, acho a moradia boa, não gasto com nada aqui e ainda tem aquela agitaçãozinha no quarto (risos) (André, 17 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### 3.2.3.2 Facilidade de acesso ao Campus

Outro fator bastante considerado no momento de optar pela moradia estudantil é a facilidade de acesso às aulas. A moradia estando localizada dentro do Campus facilita a locomoção dos estudantes, tornando-se um benefício a mais para quem ali reside.

*Acho que a moradia é um lugar melhor, acho complicado tu não conhecer ninguém e já vir para as pensões e ficar sozinho. E aqui é mais seguro e tem a questão da distância também, aqui eu já estou aqui dentro da escola, é mais perto para ir para aula (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Na moradia é mais seguro, acho vantagem que a gente não precisa pagar e ainda mora dentro do colégio, aqui se a gente não acorda para ir à aula, algum colega de quarto acorda ou até o pessoal do CAE passa para ver se ninguém ficou sem ir na aula. E não precisa se deslocar para vir até o colégio, se está chovendo a gente já está aqui (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### 3.2.3.3 Segurança

A segurança, tanto para os pais quanto para os estudantes de estarem em um local percebido como seguro, no qual possam se sentir protegidos e bem amparados, é o fator mais apontado pelos estudantes como determinante no momento da escolha por esse lugar para

morar. O fato da moradia ser um lugar com vigias vinte quatro horas e com regras a serem seguidas acaba deixando os pais mais seguros com a estadia dos filhos longe de sua supervisão.

Outro fator considerado importante descrito pelos estudantes é o fato de ser oferecido gratuitamente aos estudantes os serviços de médico, enfermeira, dentista e psicóloga dentro do Campus. A oferta destes serviços dentro do Campus traz segurança aos estudantes e familiares.

*[...] aqui dentro da escola parece mais seguro e eu também acho que eu não iria talvez ter o compromisso de me levantar cedo e ir para a aula se eu não estivesse aqui dentro, porque foi o pai que sempre me chamou (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Sempre gostei de ter um desafio e eu conseguir passar por ele. Eu acho que morar com pessoas diferentes, morar cinco dias por semana ou às vezes mais, quando eu tenho que passar mais de uma semana aqui, longe de casa, morar com uma vida regrada, que é o caso aqui iria ser um desafio para mim, então eu quis isso. Depois porque era uma segurança para mim, porque como eu me sinto insegura com algumas coisas, é importante, assim, ter alguém que te acompanhe todo dia, que te vigie, te controle. Então, acho que foi isso (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Aqui no Campus eles oferecem a moradia, que é uma coisa boa, eu me sinto mais segura dentro da moradia mais do que em qualquer outra pensão. Tem médico aqui, enfermeira, dentista, se tu precisar, sentir um mal-estar, tem aqui onde recorrer. Tenho mais segurança de estar aqui (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*É uma segurança, tem câmeras aqui, tem vigia. Se tu precisar de algo no meio da noite é mais fácil, tu está dentro de um lugar que tem bastante gente contigo. Talvez em uma pensão, tu precise, tu vai estar em um quarto sozinho, não vai ter quem chamar. É dentro do IF então não tem uma justificativa para faltar aula, tipo: 'choveu, estava frio, não consegui levantar'. Aqui não, tu está dentro, tu está aqui para estudar. Eu acho que quem está aqui para estudar e procura economia, está no lugar certo (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*Escolhi a moradia porque ali tu está bem seguro, tem câmera, tem guarda, dá pra ti acordar mais tarde, é só se arrumar e tomar café, já estamos aqui dentro da escola, não precisa se deslocar longe para ir para aula. E tem também as regras, que acho importante para nossa formação [...] tem lavanderia que lavam as nossas roupas, a gratuidade, a limpeza do nosso quarto que tem as tias que limpam, são muitas as vantagens de se estar na moradia (André, 17 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*A mãe optou por questão de segurança mesmo, ela não acha muito seguro essas pensões, ainda mais para quem sai cedo de casa e não tem muita experiência, não conhece muito, daí ela preferiu a moradia por ser mais seguro. E eu achei melhor mesmo, nas pensões fora do IF eles não têm controle e aqui eles controlam e também é bom porque não precisa pagar nada (Ariel, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Meus pais acharam melhor que eu ficasse na moradia, tanto pela questão de ser gratuita, quanto pela segurança, por ser aqui dentro do Campus, tem guardas, eles*

*ficam mais tranqüilos em saber que estou aqui dentro, sentem que estou mais protegido aqui (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração),*

#### 3.2.3.4 Possibilidade de fazer novas amizades

Na moradia estudantil, o suporte proporcionado pelas amizades é percebido como positivo, pois lhe possibilita que não se sintam sozinhos nesta experiência. Nessa convivência, surgem muitas identificações e fortes laços de amizade e companheirismo. Ao mesmo tempo, a diversidade, experienciada no convívio com os outros estudantes, em um primeiro momento, gera estranhamentos e até certo desconforto, pela falta de privacidade e pelo próprio desconhecimento inicial. Contudo, alguns reconhecem que esse é um ganho: aprender a conviver com a diversidade.

*Eu achava que seria melhor lá fora, morar em uma pensão porque eu era uma pessoa que eu não conseguia dividir o meu espaço. O que era meu era meu. E para mim, ter o meu cantinho seria melhor. Mas aí foi que eu cheguei aqui e eu vi que aqui era melhor mesmo, era melhor estar na moradia do que em pensão. Tanto que eu percebi que eu não teria tantos amigos se eu não estivesse aqui, porque tu acaba, meio que se obrigando a se relacionar estando morando com tanta gente. Mas isso é bom (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Acho positivo não ter que gastar dinheiro com moradia, é tudo gratuito, outra coisa que acho legal é o fato de ter os amigos no quarto para conversar, não precisa ficar sozinho o que talvez faria com que o tempo demorasse mais a passar ou então ficasse só pensando na casa, na família, acho bom também que no quarto podemos trocar ideias sobre as aulas, tirar dúvidas com colegas e estudar junto, a gente se ajuda bastante (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Eu vim com meu pai. Lembro que foi difícil, nós nos despedimos e eu fiquei sentado na cama, meio sem conseguir organizar minhas coisas, fiquei meio paralisado ali, parece que “caiu a ficha” que eu estava ali realmente [...] a gurizada começou a chegar no quarto, eu não conhecia ninguém, daí chegou um menino que era de uma cidade vizinha da minha e me convidou para dar uma volta e daí fomos. Depois nos primeiros dias, começamos a conhecer os colegas na sala de aula daí ficamos amigos (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Os companheiros de quarto desde o início e até hoje são bem parceiros. No ano passado, no quarto, a gente combinou que a cada semana dois cuidavam da organização do quarto, depois como teve mudanças, entraram os novos, daí a gente resolveu que seria melhor cada um cuidar das suas coisas. E deu certo, porque no nosso quarto nunca sumiu nada. Ficar aqui na verdade foi mais fácil do que eu achava que iria ser pelo fato de estar saindo pela primeira vez de casa (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

#### 3.2.4 Busca de referências

A referência à família, principalmente as figuras parentais, é algo bastante presente na fala dos estudantes que saíram de casa e estão residindo na moradia estudantil. A casa dos

pais ainda é descrita como a sua casa, lugar onde se sentem seguros, lugar de referência para eles. Também é apontada como essencial e que proporciona tranquilidade a necessidade de falar com os pais por telefone. A busca da referência dos pais neste momento do desenvolvimento tem grande valor para estes adolescentes. Pensar nessa experiência como uma preparação para novas vivências futuras, no âmbito universitário, também auxilia a permanecer na moradia estudantil.

*Eu acho que casa a gente só tem uma (risos). Mas eu posso dizer que está sendo a minha segunda casa por enquanto. Eu tenho que estar aqui e me sentindo como se fosse a minha segunda casa mesmo, porque se não eu iria me sentir em um lugar estranho e daí não iria dar certo. Então, por enquanto aqui está sendo a minha segunda casa. Mas a minha casa de verdade é lá com meu pai e com a minha mãe (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Quando o meu pai me deixou e foi embora eu fiquei meio preocupado, se iria ter gente que iria ser amigo, porque eu ali sozinho sem conhecer ninguém no quarto, não cheguei a ter medo, mas me senti preocupado, acho que é normal, era a primeira vez que eu tinha saído de casa. Eu acostumei a ligar para os meus pais todo dia, até hoje eu ligo, me sinto bem em saber como eles estão e falar com eles é bom (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Quando me vi na moradia, pensei que eu estava em uma casa, em um apartamento [...] eu me imaginava em uma faculdade, porque tinha o técnico que requeria mais esforço e o lugar aqui também parecia um ambiente universitário, eu me senti assim. Eu sempre procurei pensar em alguma coisa que eu gostasse que era pra eu ficar naquele lugar, pra mim meio que fantasiar assim, e daí era isso que eu ficava pensando sempre (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### **3.2.5 As regras da moradia estudantil**

As cobranças e regras que permeiam a vida do estudante que reside em moradia estudantil são vistas como positivas, trazendo a sensação de amparo, segurança e acolhimento para os estudantes e uma tranquilidade maior aos pais. Mas nem todos veem estas de forma positiva. Alguns estudantes não concordam com as regras estabelecidas na moradia, em função da limitação de horários, por exemplo, para a alimentação e para entrada e saída do campus para quem é morador, o que faz com que muitos considerem-nas excessivas.

*Tem gente que reclama, mas eu acho importante as regras da moradia. Parece que a gente ficaria desamparado se não fossem essas regras. E entendo a responsabilidade que eles têm conosco aqui (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Optei pela moradia estudantil porque é um local gratuito para a gente morar, não têm despesas aqui e outra que na pensão tu acaba sendo mais livre para não ir na aula e estando aqui, eles passam no quarto e te cobram se tu não acordou, se não foi para a aula, é mais cobrado e eu acho isso bom, pelo menos o meu objetivo aqui*

*é estudar, então sei que tenho que ir na aula (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### 3.2.6 Maturidade adquirida com a vivência na moradia estudantil

Sair de casa, conhecer pessoas diferentes, um novo lugar, passar por novas experiências, enfrentar desafios e responsabilidades até então não vivenciadas, tudo isso é encarado como precursor de amadurecimento para estes adolescentes que vivem, em sua maioria aos 14 anos, a experiência de morar em uma moradia estudantil. A questão da coletividade é percebida como uma aprendizagem que possibilita novos conhecimentos e hábitos até então não experienciados. O aprender com a convivência com outras pessoas torna-se uma vantagem para quem é morador desse tipo de habitação coletiva, os quais adquirem qualidades pessoais que até então não reconheciam em si mesmos.

*[...] a gente amadurece muito estando na moradia, porque precisamos ter responsabilidades e maturidade para morar sozinha, longe de nossos pais (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Eu acho que no ano passado eu era uma pessoa muito fechada, eu era muito tímida, e isso era um problema muito grande para mim anteriormente, então depois que eu vim para cá eu simplesmente resolvi, quer dizer, estou resolvendo esta parte [...] se eu não viesse pra cá, eu estaria provavelmente ainda assim porque eu perderia a oportunidade de conhecer pessoas, às vezes oportunidades que a gente perderia se não tivesse uma conversa às vezes com uma pessoa que tu acha que não vai fazer diferença, mas faz (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*Eu tive que aprender a me virar sozinha, porque quando eu queria ir até o centro da cidade comprar qualquer coisa ou simplesmente não estar mais tanto dentro do colégio, para eu sair um pouco, eu tive que me virar sozinha, achar as coisas sozinha. Coisa que eu não fazia quando estava com meus pais. Eu tive que aprender a me virar, tive que aprender a me mexer, a tomar conta de mim [...] essa independência que eu queria tanto no início, acabou que me complicou um pouco, mas depois me ajudou, eu acho que isso me ajudou, me fez amadurecer como pessoa. Tem tias minhas e conhecidos meus (e eu acho também) que dizem que se eu consigo suportar essa distância e essas regras que têm aqui, depois quando eu for morar longe dos meus pais definitivamente, eu vou me dar muito bem, porque eu sei fazer as coisas por mim mesmo. Eu vou melhorar. A tendência é essa (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Eu sempre digo que se eu consegui suportar o primeiro ano na moradia, com saudade de casa, tendo que aprender a conviver com pessoas até então desconhecidas para mim, tendo que me virar sozinha [...] se eu conseguir suportar os três anos na moradia eu vou estar preparada para tudo ou pelo menos para a maioria dos convívios que eu vou ter na minha vida, já passei por situações bem estressantes outras bem difíceis, acho que vou me preparar mesmo (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### 3.2.7 Mudanças percebidas no cotidiano de uma moradia estudantil

Quando se sai da casa dos pais e se passa a residir em um local diferente longe do convívio familiar e do lugar em que se estava acostumado, algumas mudanças tornam-se perceptíveis para os adolescentes. Até mesmo coisas que parecem simples, como a possibilidade de comer um brigadeiro no momento desejado, torna-se algo de grande valor, pois aprende-se a valorizar pequenas coisas que na moradia estudantil não são possíveis.

São pequenos enfrentamentos diários que são experienciados por quem vive essa experiência. A tolerância, a paciência, a empatia e a união se fazem necessárias para evitar e/ou amenizar a vivência de tensões como a disputa de espaço vivida por esses jovens. O silêncio para estudar é algo apontado como uma dificuldade no quarto dividido com mais onze pessoas. Contudo, alternativas vão sendo buscadas pelos próprios moradores a fim de que não haja prejuízos no processo próprio de ensino aprendizagem.

*Foi completamente diferente. Em casa, se eu quisesse, sei lá, fazer brigadeiro eu fazia, aqui não pode, não tem fogão para a gente fazer nada. Então, a comida me deixou muito com saudade da comida de casa porque, mesmo que a comida seja boa, de qualidade, mesmo sendo uma comida saudável, é diferente das comidas de casa. Não tinha como estar toda hora fazendo uma comida para mim. E geladeira, até ter geladeira no nosso quarto demorou um pouco. Então, eu só tinha comidas regradas, assim, no refeitório, uma bolacha, uma fruta para eu comer. Não pude mais conversar todo tempo com as minhas irmãs. Não pude mais assistir televisão a hora que eu queria. E tive que estudar em horários determinados. Estudar coisas diferentes, tudo isso foram mudanças na minha vida (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*O ruim é ter muita conversa quando a gente quer dormir, é ruim porque no outro dia a gente acaba acordando cansado se não descansa o suficiente. Mas por incrível que pareça na hora de estudar a gurizada respeita, não é difícil estudar, a gente pede para colaborar e todo mundo colabora. Somos em doze no quarto, esse ano entraram quatro meninos novos, saíram quatro que eram do terceiro ano porque terminaram aqui e foram fazer faculdade, mas os que entraram já estão bem integrados com nós, está bem tranquilo. (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*O ruim é que tem bastante gente por quarto só e o quarto não é muito grande, chega de noite todo mundo quer tomar banho, dá uma fila e às vezes quando a gente quer estudar tem um olhando televisão ou escutando música, daí também atrapalha um pouco, fica difícil estudar. Neste caso, uma alternativa é ir para a biblioteca que fica aberta até as dez horas da noite (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

#### 3.2.7.1 Falta de privacidade

Ter um quarto na casa dos pais é muito bom, é o lugar onde o adolescente encontra seu refúgio, onde estão suas coisas, é o lugar da casa que é seu, tem o seu jeito, onde ele tem a

sua privacidade. Quando se mora com mais onze pessoas, dividindo o mesmo espaço, com costumes que divergem e maneiras de ser diferentes, hábitos que se confundem, a privacidade torna-se objeto de desejo, algo muito cobiçado e que causa tanto desconforto. Para alguns entrevistados, este é um dos fatores mais impactantes e que demanda um maior tempo de adaptação no processo de residir na moradia estudantil.

Ao mesmo tempo a falta de privacidade faz com que com o tempo os adolescentes aprendam melhor a conviver e se adaptar com as diferenças e juntos criem alternativas para que haja um auxílio mútuo para que ninguém saia prejudicado. A partir do momento que cada um consegue ceder um pouco, a convivência torna-se mais fácil e agradável ou ao menos tolerável.

*Privacidade a gente não tem, eu não me sinto bem para falar, para estudar, eu tenho mania de estudar e ler em voz alta que daí eu gravo melhor e muitas vezes tu não pode estudar porque tem alguém do teu lado que tu pode estar atrapalhando, isso que eu acho ruim. A gente tem, na verdade, se adaptar ao jeito de cada um e elas tem que se adaptar ao meu jeito (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*A privacidade, no início, achei que seria um problema, no fim percebi que não é, porque eu vou ter que ir para o quartel, tomar banho na frente de um monte de homem, estou treinando (risos) (André, 17 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] no começo, eu achava ruim porque ficava sozinha nos finais de semana [...] tinha gente que estava ali e não queria estudar, me sentia mal por isso, me sentia incomodada, além da falta de privacidade, mas era um lugar seguro e isso compensa (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] a moradia é um lugar bom, eu prefiro a moradia do que pensão, se eu estivesse experimentado os dois, eu acho. Só é ruim ter mais onze no mesmo quarto, não é fácil isso, a gente não tem privacidade, não dá para escutar só a música que a gente quer, tem que respeitar os outros e para estudar também às vezes não é fácil para se concentrar por causa do barulho, às vezes tu está estudando e tem gente conversando ou ouvindo música [...] é que tem de turmas diferentes então as provas não são no mesmo dia, tem gente do 1º ano e do 2º lá no quarto, então um dia um tem prova, um dia outro, daí só tem o que tem prova estudando e os outros com certeza vão estar conversando (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*[...] se a gente quer privacidade, às vezes dá certo, às vezes não, mas falo com os meninos para eles pararem um pouco que eu quero estudar, eles param, todo mundo colabora com todo mundo, por isso o meu quarto é bom, todos se ajudam. A moradia é de graça, o IF oferece essa possibilidade para a gente, é aqui dentro da instituição (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os relatos dos estudantes entrevistados demonstram uma grande variedade de experiências relacionadas à vivência do 1º ano em que saíram da casa dos pais para estudar em outra cidade no ensino médio técnico e ingressaram na moradia estudantil. Nesta altura, novos desafios se apresentam. Essa experiência requer uma adaptação a novos papéis, novos contextos, novas rotinas e, sobretudo, a novas responsabilidades. Para muitos estudantes, esta transição corresponde também ao momento em que deixam a casa dos seus pais e passam a morar com outros estudantes ou mesmo sozinhos. É necessário que o adolescente se ajuste e se integre em nível acadêmico, pessoal, social e afetivo. Todas as transformações parecem que surgem de forma ampliada durante o primeiro ano; portanto, é neste momento que se deve prestar mais atenção a estes estudantes (TAVARES, 2012).

Neste estudo, não foi possível perceber um nível de sofrimento exacerbado em função desta experiência ser vivida, em sua maioria, na adolescência inicial, aos 14 anos de idade. Porém, é possível perceber nos participantes do estudo uma ambiguidade quando estes descrevem esta experiência. Ela é percebida de maneira positiva, pois é uma oportunidade de vivenciar algo novo, conhecer outras pessoas, estudar, conhecer uma nova cidade, aprender a conviver com pessoas diferentes e ter uma maior liberdade. Essa experiência é vista como uma oportunidade de preparação para novas experiências futuras no ensino superior.

Por outro lado, os desafios vividos tanto de âmbito pessoal quanto escolar, são descritos, nas falas dos entrevistados, com certo sofrimento. Aspectos como a separação parental e familiar, as responsabilidades acarretadas por morar sozinho, a necessidade de se adequar às normas da instituição e dar conta de um ensino médio integrado ao técnico são considerados desafios a serem enfrentados. Em suma, na percepção dos estudantes entrevistados, a possibilidade de realizar um ensino médio integrado ao ensino técnico é vista como uma oportunidade de experimentar antecipadamente as responsabilidades, as exigências e os desafios que irão enfrentar ao entrar no ensino superior.

Na pesquisa realizada por Morais et al. (2004) com alunos do ensino médio de uma escola técnica federal no Rio Grande do Norte, todos os alunos entrevistados atribuíram um valor positivo à experiência de morar em uma moradia estudantil, em virtude, sobretudo, da possibilidade de conviver com pessoas diferentes. Informaram, ainda, o seu desejo de ingressar na escola e que o internato foi um elemento motivador para isto. Tal motivação baseou-se em questões práticas, ou seja, ter onde morar e poder conciliar dois cursos (ensino médio e técnico em um único curso).

Na pesquisa realizada por Cervinski e Enricone (2012), de modo geral, os adolescentes, após deixarem a casa de seus pais, sentiam-se mais independentes, mostrando-se com um grau maior de maturidade. Dentre as principais dificuldades, enfrentadas estavam aquelas vividas no âmbito pessoal, como a gestão do tempo, a organização e a tomada de decisões. Esses aspectos estavam associados ao desencadeamento de ansiedade e angústia nos estudantes. Por outro lado, esta mesma pesquisa constata que, para a maioria dos adolescentes, o gosto e interesse pela instituição de ensino e o fato de conhecerem a cidade, em função de residirem em municípios próximos, contribuía de maneira significativa para que estes se sentissem melhor no ambiente em que transitariam durante o tempo de formação.

Isso não ocorreu no caso dos estudantes entrevistados neste estudo, pois a maioria deles relata não ter conhecido a cidade anteriormente. Inclusive, muitos dos participantes não conheciam o instituto federal onde passaram a estudar e residir. Assim, os participantes desse estudo podem apresentar um grau maior de ansiedade e expectativas quanto a essa nova etapa de suas vidas que estava iniciando.

Os adolescentes entrevistados neste estudo apontam como um fator importante na decisão de sair de casa a busca por uma qualidade de ensino melhor, ou seja, uma boa qualificação que poderá lhes oportunizar melhores condições futuras. Assim, encaram a saída de casa sem deixar de lado a saudade, carregando consigo seus sonhos e ambições para o futuro, focando em seu projeto de vida, que se torna algo inerente e crucial para esta nova etapa da vida destes estudantes.

Os fatores apoio familiar, boa convivência com as pessoas com quem residia e independência foram os aspectos mais citados pelos estudantes como positivos após a saída da casa dos pais. Já os fatores citados pelos participantes como dificultadores do processo adaptativo foram afastar-se dos pais e sentir saudade da família, necessidade de resolver as situações sozinho (a), dar conta dos afazeres domésticos, como cozinhar ou ir ao mercado, perder regalias que tinham na casa dos pais, afastamento dos amigos, sentimento de solidão, estabelecimento de rotinas com pessoas diferentes, cansaço físico em função das atividades, necessidade de estudar muito e adaptação a uma nova cidade (CERVINSKI; ENRICONE, 2012).

Estas observações corroboram com os achados deste estudo, pois o apoio familiar é visto ainda com maior relevância para os estudantes entrevistados, pelo fato de terem em média 14 anos de idade na época em que saem de casa e segundo eles, o maior desafio enfrentado foi a convivência com pessoas que até então não conheciam. Também destaca-se

nas entrevistas o quanto o distanciamento da família possibilitou reflexões importantes sobre suas vivências e uma maior valorização da convivência familiar como um todo.

A maneira como é conduzida essa etapa da saída de casa dos pais pelos familiares é de suma importância pelos estudantes, que expressam claramente seu primeiro dia longe de casa, lembrando da chegada na moradia estudantil, descrevendo como foi a despedida dos pais e relatando, muitas vezes com grande carga emocional, as mudanças percebidas por eles no ambiente familiar após sua saída de casa. Também conseguem perceber, nessa experiência de saída de casa, mudanças em si mesmos no modo de comportar-se e de ser, percebendo-se como tendo mais responsabilidades, tornando-se mais independentes em relação a seus genitores e conseguindo ter mais autonomia e maturidade em suas atitudes. Também é perceptível uma maior flexibilidade no que se refere a seus relacionamentos interpessoais e aquisição de novas amizades, buscando no grupo de iguais amparo e apoio por estarem compartilhando juntos a mesma experiência.

A dificuldade de tomar decisões e aprender a fazer as coisas por si mesmo também tem grande destaque como desencadeadora de ansiedade na experiência vivida pelos estudantes entrevistados. Associado a isso, sentem-se mais autônomos, tornando-se mais independentes e maduros, apesar da pouca idade.

A saída de casa exclusivamente para estudar é um percurso relativamente recente, cuja especificidade tem merecido uma atenção especial por parte da academia. Esta especificidade baseia-se no fato deste tipo de saída ser, por natureza, vinculado a um projeto de curta duração, transicional e temporário, permitindo uma readaptação dos pais e filhos a uma relação a distância, mas também à manutenção de uma relação de poder e dependência (HEATH; CLEAVER, 2003; NICO 2008).

Além disso, a transição para um novo grau de ensino traz consigo modificações nos métodos de ensino, nos relacionamentos e vínculos estabelecidos, nos papéis sociais e na rotina (TAVARES, 2012). Dentre essas mudanças, uma das mais significativas é a mudança de cidade para cursar a graduação com a conseqüente saída da casa dos pais (ASSIS; OLIVEIRA, 2011; SULKOWSKI; JOYCE, 2012) e a vivência em moradias estudantis (CHOW; HEALEY, 2008).

Os estudantes entrevistados experienciaram todas essas questões já no ensino médio, enfrentando modificações nos métodos de ensino, tendo em vista a realidade do ensino médio técnico, tendo aulas referentes ao currículo básico do ensino médio e, somado a isso, as aulas específicas do currículo de acordo com o curso técnico escolhido. Além disso, vivenciam modificações significativas em sua rotina diária e alterações em sua rede de relacionamentos

interpessoais em função de estar em outra cidade longe dos amigos que até então possuíam e pelo fato de estar vivendo a experiência de no ensino médio passar a residir em uma moradia estudantil com outros tantos estudantes.

Este momento, na maior parte das vezes, é a primeira vez que o jovem adolescente deixa a sua casa, enfrentando o dilema da separação parental e familiar, o que faz com que muitos sintam uma grande necessidade de voltar para casa, para a segurança e estabilidade emocional que sentiam antes quando ainda residiam na casa dos pais (FERRAZ; PEREIRA, 2002). Numa tentativa de facilitar esta fase de adaptação, vários estudantes visitam regularmente a casa dos pais e a localidade de origem, na qual há não só um sentido de familiaridade como um maior apoio de amigos e familiares, porém, devido à distância, dificuldade e custos de deslocação até à terra natal, alguns estudantes enfrentam um maior condicionamento nas visitas aos pais e à sua cidade de origem. Nestes casos, há uma dificuldade acrescida, visto que têm que lidar com todos os fatores ligados à mudança, longe da sua rede de apoio habitual (CANHA, 2009).

Cabe salientar que sentir saudades de casa em algum momento da vida é algo normal. De certo modo, as saudades de casa são emoções positivas, tendo em vista que implicam a existência de um lugar que considera-se familiar, reconfortante e seguro, no qual se encontram os amigos e a família. Por outro lado, não é fácil sentir saudades de casa, pois esse sentimento pode desencadear tristeza, sentimentos de vulnerabilidade e de não pertença ao lugar em que se passou a morar. Muitas vezes, até mesmo os pequenos problemas e desafios diários podem tornar-se catastróficos e desencadear ansiedade, acrescido ao fato de, muitas vezes, não ser fisicamente possível ou financeiramente viável ir regularmente a casa dos pais para se sentir mais seguro.

Nas entrevistas realizadas, claramente se percebe que alguns estudantes possuem essa necessidade de voltar à casa dos pais com a maior brevidade e regularidade possível para buscar apoio, segurança e para amenizar a saudade. Outros, apesar de sentirem a mesma necessidade, precisam se adequar ao fato de estarem morando a grandes distâncias da casa dos pais e, deste modo, precisam se conformar a vê-los com uma menor regularidade. Porém, sempre o momento de reencontro com os pais é visto de forma positiva.

A privação do convívio diário com os pais permite que os adolescentes adquiram maior liberdade e autonomia, pois, na maioria das vezes, essa é a primeira vez que eles passarão a gerir seu tempo e seus recursos econômicos. Assim, o ingresso no ensino superior apresenta desafios em termos de desenvolvimento pessoal e de constituição da identidade para os adolescentes (ALMEIDA, 2007).

Na medida em que o tempo decorre, o jovem estudante pode conquistar, dessa forma, a sua autonomia e crescer em maturidade (DINIS, 2013). Para enfrentar esse processo de transição, ressalta-se a importância de desenvolvimento da individualização e capacidade de estabelecer e lidar com novas relações ao longo da adolescência. Estas competências se fazem importantes, particularmente, neste momento de saída de casa (MACHADO, 2007).

Muitos estudantes vêm com bons olhos a liberdade para tomarem as suas próprias decisões acerca daquilo que eles querem fazer. Outros podem achar este nível de liberdade estranhamente não familiar ou mesmo difícil. No estudo realizado, percebe-se a dificuldade inicial dos estudantes em gerir seu tempo e seus recursos econômicos, bem como a necessidade de ter responsabilidade pelas suas ações e o ‘ter que se virar’ sozinho é visto como um desafio inicial para o adolescente que, no início da adolescência, está saindo de casa. Adquirir maturidade e se tornar mais responsável é visto pelos estudantes como uma necessidade ao sair de casa e morar longe dos pais, tendo que assumir inevitavelmente a responsabilidade por si mesmo e por suas ações.

A perda do contato cotidiano com a família, mais precisamente com as figuras parentais gera, a necessidade dos mesmos desenvolverem estratégias para ‘cuidar de si’, para terem condições de gerir com as responsabilidades por si mesmo e pelas suas escolhas, a partir do momento que não possuem mais o suporte diário da família. Precisam, assim, dar conta desde questões rotineiras até questões mais complexas, como o gerenciamento financeiro e as decisões diárias a serem tomadas, tanto de âmbito pessoal quanto relacionadas a questões inerentes à vida estudantil e à vida na moradia estudantil.

Essas transformações requerem do estudante que ele corresponda às cobranças de bom desempenho e se adeque às novas regras da instituição na qual está se inserindo e às pessoas com ela envolvida, como colegas, professores e funcionários. O impacto gerado por todos estes fatores, muitas vezes, leva o estudante a pensar em desistir, por ter dificuldades em se adaptar a esta nova condição de vida imposta por todas as mudanças vinculadas à saída de casa.

Em um curto período de tempo, os adolescentes que saem de casa mudam para uma nova casa ou dormitório sem a supervisão de um adulto, aprendendo a gerir seus próprios assuntos e a assumir responsabilidades (BERNIER et al, 2005). A transição pode se caracterizar como traumática, devido à mudança abrupta e inerente ao ingresso no ensino superior (LOWE; COOK, 2003 apud CHOW; HEALEY, 2008).

Esta alteração no curso da vida diária ocasiona, invariavelmente, ansiedades e angústias, as quais se relacionam com mecanismos de enfrentamento normais dos

estudantes. Porém, para a maioria destes, a excitação de experimentar um novo ambiente, além da oportunidade de maior independência, proporcionam maneiras para mediar essas mudanças (TOGNOLI, 2003).

As mudanças geográficas ocasionadas pela mudança de cidade para estudar resultam numa alteração dos padrões de vida diária e, simultaneamente, num encontro com um novo ambiente, que se vê como um desafio, levando-se em conta que, além do problema da distância, o estudante vê-se confrontado com a falta do apoio social que tinha na família e nos amigos (FISHER; HOOD, 1987; FISHER et al., 1985; URANI et al., 2003).

Reconhece-se, desta forma, a importância da ligação afetiva e do suporte através do apoio das figuras parentais e demais familiares bem como da demonstração de confiança para com o filho, para o desenvolvimento da autonomia e da individuação, para a promoção do desenvolvimento pessoal e para a adaptação a este novo contexto de vida. A possibilidade de fazer novas amizades e contar com o apoio dos colegas e com o incentivo dos professores também são fatores importantes nesse processo.

Perante acontecimentos de vida inesperados ou indesejados, momentos de transição no desenvolvimento e fases de crise dos indivíduos, como a que representa o ingresso e a frequência em uma nova modalidade de ensino, o suporte social pode funcionar como um escudo contra o estresse sendo, este tanto mais eficaz quanto de maior qualidade for o suporte social desenvolvido pelos indivíduos (ANTONUCCI et al., 2000). Em qualquer dos tipos de suporte social, desenvolvem-se relações sociais e a sua importância depende da qualidade dessas relações e das funções que estas assumem. Entende-se como suporte social algo que sustenta uma pessoa que está em crise, como fonte de recursos a que as pessoas recorrem para suprir as suas necessidades e dificuldades (DINIS, 2013).

Quando a saída de casa está relacionada com uma das modalidades de assistência estudantil, a moradia estudantil, considera-se que existem fatores de socialização implicados. A convivência com outros estudantes desconhecidos, no mesmo ambiente, pode gerar diversos desafios, uma vez que esta diversidade se faça presente.

Ao longo do tempo, as moradias estudantis passaram a ser mais reconhecidas e procuradas, com o reconhecimento de que cumprem seu papel social no contexto da vida universitária, pois os estudantes que ali residem acabam por constituir um grupo informal de rede e relações e passam a ter suas próprias regras de conduta e relacionamento. Embora a diversidade seja um dado da realidade das moradias estudantis, existem algumas características comuns. Essas casas são ocupadas por estudantes que vêm de outras cidades, com condições socioeconômicas semelhantes, o que determina a busca por uma moradia

coletiva e sem custos. Assim, essas moradias reúnem pessoas desconhecidas, que investem na escolarização como uma forma de encaminhar suas vidas, em busca de uma carreira (OSSE, 2008).

A segurança, tanto para os pais quanto para os estudantes, de estarem em um local seguro, onde possam se sentir protegidos e bem amparados, é o fator mais apontado pelos estudantes como determinantes no momento da escolha por esse lugar para morar. O fato da moradia ser um lugar com vigilância e regras a serem seguidas acaba deixando os pais mais seguros com a estadia dos filhos longe de sua supervisão. Outro fator de relevância apontado pelos estudantes é o fato de ser oferecido gratuitamente aos estudantes os serviços de médico, enfermeira, dentista e psicóloga dentro do Campus, o que também é visto como um fator de grande importância, pensando na proteção e cuidados dos mesmos.

Quanto aos comportamentos adotados pelos estudantes em face dos desafios impostos pela condição de viver em uma moradia estudantil, alguns afirmam que é necessária a interação para diminuir a solidão (LARANJO; SOARES, 2006; LARANJO, 2003; SOUSA, 2005). Já outros preferem o isolamento, pois essa seria uma forma de proteção (BERLATTO; SALLAS, 2008; LARANJA; SOARES, 2006; LARANJO, 2003; SOUSA, 2005).

De acordo com Teixeira et al. (2008), a relevância que a interação entre colegas tem extrapola a dimensão afetiva e de amizade, que permite ao estudante a construção de um sentido partilhado sobre as experiências tanto positivas quanto negativas vividas, que colabora no desenvolvimento de estratégias para ajustar-se nessa nova experiência. Tendo em vista a importância destacada que a interação entre pares representa para o enriquecimento da experiência dos estudantes, conclui-se que essa condição intrínseca da moradia aponta para o forte potencial que a interação entre os moradores tem, para que o estudante possa vir a se sentir inserido na instituição da qual faz parte e o quanto tal condição pode ser potencializada, como, por exemplo, a partir da construção de ações de acolhimento aos ingressantes.

As moradias estudantis constituem-se como espaços de relações interpessoais entre grupos de pessoas que convivem diariamente. A complexidade das relações estabelecidas pode gerar tensões relacionadas a variáveis como a população ser essencialmente jovem, projetos de vida, separações das famílias e vida coletiva com implicações no que se refere à convivência e privacidade. Deste modo, o relacionamento cotidiano representa um desafio para estes adolescentes com diversas exigências necessárias à adaptação (OSSE, 2008).

Yeung (2009) efetuou um estudo cuja finalidade foi a de identificar o impacto da experiência de morar em residências situadas no Campus sobre o rendimento médio do estudante e sobre sua integração acadêmica e social. O autor concluiu que morar no Campus

exerce influência positiva na integração acadêmica e social do estudante, enquanto morar com os familiares exerce ligeira influência positiva sobre o desempenho acadêmico.

Com o propósito de aprofundar a compreensão sobre a relação entre tipo de moradia dos estudantes e desempenho acadêmico, Turley e Wodtke (2010) compararam o rendimento médio de estudantes que moravam dentro do Campus com mais três grupos de estudantes: aqueles que moravam fora com suas famílias, aqueles que moravam fora sem a família e aqueles que viviam em outros tipos de residência. Os autores verificaram que, em alguns grupos de estudantes, morar em residências dentro do Campus causa impacto mais expressivo sobre o desempenho acadêmico.

Sousa e Sousa (2009) realizaram um estudo com 114 moradores de casas estudantis, em Goiânia, com o objetivo de discutir a relação entre os significados e os sentidos das casas estudantis para seus moradores, jovens universitários, apontando os processos de inclusão e exclusão vividos por esses sujeitos. As informações colhidas indicam que a experiência de ser morador é vivida com sacrifício, porém a aprendizagem adquirida com esta experiência é vista como uma grande vantagem para quem é morador, ou seja, os moradores acreditam que sua experiência nas casas os leve a ser pessoas que adquirem qualidades que superam as de quem não viveu essa experiência.

Remetendo-se à história, tem-se como dado que, no Brasil, somente a partir da década de 60 é que a juventude de classes socioeconômicas mais baixas passou a ter acesso à universidade, o que até então era privilégio das classes economicamente mais favorecidas (LARANJO; SOARES, 2006). O interesse pelos estudos fazia com que muitos adolescentes se deslocassem de várias partes do país, deixando suas cidades de origem em busca de formação acadêmica. Muitos estudantes apresentavam dificuldades com alimentação, vestuário, livros e alojamento para permanecer na universidade.

A necessidade destes estudantes de se estabelecer no lugar em que estava sediada a universidade levou a uma série de reivindicações e lutas. Paralela aos movimentos estudantis, no período do regime militar, uma história conturbada marcada por uma série de invasões marcou a origem da moradia estudantil universitária. Assim, as instituições acabaram por assumir a responsabilidade de manutenção de algumas necessidades básicas dos alunos que não dispunham de recursos (SOUSA, 2005).

Essa mudança representa desafios que as instituições de ensino precisaram enfrentar, no sentido de propiciar condições favoráveis ao processo de formação dos estudantes, porque muitos deles dependem das medidas adotadas pelas instituições para garantir a permanência no seu processo de formação até o término do curso. Ao conjunto dessas medidas,

habitualmente denomina-se assistência estudantil. Dentre os serviços comumente disponibilizados, estão os restaurantes universitários, as diversas modalidades de bolsas-auxílio, o transporte, os serviços de saúde e as moradias estudantis, as quais representam, em inúmeros casos, a principal alternativa para esses estudantes concluírem sua formação (GARRIDO, 2012).

A moradia estudantil recebe estudantes que chegam no começo de cada semestre e que se candidatam para as vagas na moradia. Trata-se de um período tenso não só porque se inicia e anuncia-se a socialização forçada do estudante que, neste momento, se vê sozinho, longe de casa e tendo que se virar por conta própria numa terra estranha. Longe de casa, o indivíduo descobre e inventa, graças às relações que busca estabelecer, outra casa. Esse artifício, cujo aprendizado é em boa parte inconsciente, gera novos valores e produz um novo indivíduo. Um novo espaço, uma nova identidade que marca uma experiência pessoal que torna o espaço da moradia estudantil um lugar de um reconhecimento, criando-se assim progressivamente novas maneiras de ser e de agir (BERLATTO; SALLAS, 2008).

Nestes espaços de moradia coletiva, é de se esperar que o privado e o público se confundam e o segundo acabe superando e impondo-se ao primeiro. A privacidade acaba ficando em segundo plano e é algo que causa desconforto, sendo visto como um desafio na convivência na moradia, em que pessoas até então estranhas entre si passam a habitar o mesmo cômodo, dividindo seu espaço, o seu quarto, a sua vida. E a convivência que, ao menos no início, é involuntária e automática entre os estudantes, que exige concessões constantes para viver naquele espaço comum, dá lugar, aos poucos, a solidariedade, para a troca e aprendizagem de uma experiência em comum, que acaba culminando, muitas vezes, na construção de fortes laços sociais e afetivos.

Quando a influência paterna torna-se distante, como no caso dos moradores de casas estudantis, é nos professores que os adolescentes inspiram-se e tomam seus exemplos. Já as mudanças sociais ficam por conta de toda a modificação que é enfrentada por esses adolescentes quando saem de sua cidade natal e de seus lares para passar a conviver com outros estudantes, tendo que dividir seu espaço com pessoas com quem estão tendo seu primeiro contato. A moradia estudantil, como parte integrante dessa diversidade, abriga usuários que nela devem viver e conviver. São pessoas com diferentes crenças, perspectivas de vida, cultura e hábitos (GOETTEMS, 2012). A partir das experiências vivenciadas pelos estudantes entrevistados, foi possível constatar uma lembrança bem marcante sobre o seu primeiro dia na moradia, a chegada, o nervosismo, as expectativas e as primeiras impressões que permanecem marcadas em suas memórias.

É possível perceber claramente o quanto eles evidenciam, logo em sua chegada, a necessidade de se integrar a esse novo contexto e o quanto o sentimento grupal vai se manifestando aos poucos, procurando, de certa forma, se fortalecer enquanto grupo para adquirir mais forças pra encarar essa vivência, já que todos compartilhavam, naquele momento, da mesma experiência de ter saído de casa e estar ingressando na moradia estudantil. Ao mesmo tempo, ao se deparar com um número grande de adolescentes no mesmo quarto, esta situação gera desconforto e dúvidas de como será essa experiência de convívio e esse é mais um desafio a ser enfrentado.

De modo geral, a questão da coletividade é percebida como uma aprendizagem que possibilita novos conhecimentos e hábitos até então não experienciados. O aprender com a convivência com outras pessoas torna-se uma vantagem para quem é morador desse tipo de habitação coletiva, os quais adquirem qualidades pessoais que até então não reconheciam em si mesmos.

Na pesquisa realizada por Moraes et al.(2004) com alunos do ensino médio de uma escola técnica federal no Rio Grande do Norte, todos os entrevistados avaliaram a experiência de viver em moradia estudantil como um importante momento de suas vidas. Destacaram o amadurecimento pessoal alcançado em virtude das amizades conquistadas e das dificuldades enfrentadas, assim como pelas possibilidades de reflexão e mudança em suas ações.

Na presente pesquisa, a dificuldade de relacionamento interpessoal entre os estudantes residentes da moradia estudantil é apontada como uma das maiores dificuldades enfrentadas ao longo do primeiro ano, visto a dificuldade de convivência com pessoas advindas das mais diferentes cidades, havendo costumes, modos de vida e opiniões diferentes, o que ocasiona, em alguns momentos, quebra de regras estabelecidas (som com volume muito alto, gritos, luz acesa fora de hora). Os entrevistados apontam as limitações estruturais da moradia como o número elevado de estudantes em cada quarto e a perda da privacidade como um dos desafios enfrentados para a adaptação e permanência na moradia estudantil.

Também foi descrita a dificuldade inicial de administrar o tempo, entre as diversas atividades curriculares, apontando como estressante a rotina a qual estão submetidos, sendo esta, muitas vezes, fonte de angústia para eles, uma vez que têm que conciliar dois cursos (médio e técnico) e o tempo que lhes resta é somente a noite para fazer trabalhos, estudar e manter a organização de seus materiais de aula e de uso pessoal. Percebe-se ainda a falta de articulação entre os dois cursos, sendo que os mesmos não conseguem visualizar uma integração, de fato, entre o ensino médio e técnico.

Para amenizar os efeitos da saída da casa dos pais, principalmente para os alunos recém-chegados, parece ser importante algumas iniciativas de acolhimento, que passam pelo conhecimento da cidade onde se situa a instituição e a respectiva comunidade envolvente, pela apresentação ou “visita-guiada” à própria instituição e, ainda, pela explicitação da estrutura curricular do curso em que se matricularam e das formas de avaliação. Apesar de, provavelmente, toda esta informação se encontrar disponível na Internet, é importante dar um rosto, ou melhor vários rostos, a este processo que permitirá ao aluno pouco e pouco “sentir-se em casa” (SECO et al., 2005).

Percebe-se que a necessidade de programas voltados a toda a comunidade estudantil se faz presente bem como uma atenção para a subjetividade de cada estudante. Articular as duas dimensões significa a participação ativa de cada um e de todos na responsabilidade sobre a construção do ambiente relacional em que vivem bem como a produção de bem-estar e qualidade de vida na moradia estudantil (OSSE, 2008).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os primeiros dias da saída da casa dos pais, associado ao ingresso na moradia estudantil, são desafiadores para o jovem ingressante, pois demandam estratégias de enfrentamento para dar conta das exigências da transição. Os desafios enfrentados pelos estudantes, além da exigência de um grau mais elevado de comprometimento com os estudos, para dar conta das demandas de cursar o ensino médio concomitante ao ensino técnico são de ordem pessoal.

A responsabilidade de ter que tomar decisões longe da família, cuidar de si mesmo e a convivência com outros estudantes até então desconhecidos, no mesmo quarto, bem como a falta de privacidade e o número elevado de estudantes por quarto na moradia estudantil, acabam por serem fatores apontados como desafiadores nesta experiência. Ao mesmo tempo que desafiadora, a convivência também é vista de forma positiva, pois os estudantes procuram vincular-se aos colegas, buscando apoio mútuo, já que estão compartilhando da mesma experiência, apoio este também fundamental quando vindo da família, auxiliando para que os adolescentes consigam adaptar-se de forma satisfatória. Para isso, o acolhimento recebido pela instituição e o incentivo por parte dos familiares e professores é apontado como sendo de suma importância também.

A partir dos resultados da presente investigação, verificou-se que a decisão de sair da casa dos pais não é encarada como algo fácil pelos estudantes entrevistados, sendo vivenciada

com ansiedade e insegurança. No entanto, esta decisão é vista como uma oportunidade de ter uma nova experiência de vida e mais liberdade, apesar de demonstrarem consciência das responsabilidades inerentes a esta escolha. De modo geral, a vivência da saída da casa dos pais e o ingresso na moradia estudantil no ensino médio técnico é vista de forma positiva, pois em função disso se sentem mais preparados para experiências futuras no ensino superior. A obtenção de maturidade por estes adolescentes, apesar da pouca idade, é algo perceptível nas entrevistas realizadas.

No que se refere à decisão de residir na moradia estudantil do Campus, os estudantes apontam que os fatores que auxiliam nesta escolha são: a facilidade de acesso ao Campus estando residindo no mesmo local onde se tem as aulas; a questão financeira (pela gratuidade da moradia) e a segurança, por ser um local que possui guarda vinte e quatro horas e está localizado nas dependências do Campus, fator este que traz mais tranquilidade também para os pais dos estudantes que ali residem, conforme relatos dos adolescentes entrevistados. Pode-se perceber ainda que, na escolha do curso técnico, os pais, assim como o contexto familiar em que se encontra o adolescente, acabam influenciando na escolha feita pelo estudante.

Tendo em vista esta realidade, acredita-se ser importante que os profissionais envolvidos nesse contexto escolar conheçam as particularidades da transição destes estudantes ao saírem da casa dos pais e ingressarem na moradia estudantil, a fim de possibilitar vivências menos inseguras e ansiogênicas para os estudantes. Conhecer melhor a realidade vivida por estes adolescentes possibilita auxiliá-los, de forma mais incisiva, nesta experiência tão importante e significativa de suas vidas.

Sugere-se que, para uma melhor compreensão da temática da saída da casa dos pais e ingresso na moradia estudantil para estudantes do ensino médio técnico, que mais estudos sejam realizados de modo a oferecer as instituições de ensino médio, principalmente as de nível técnico, que vivenciam com frequência essa realidade, informações importantes para que as mesmas aprimorem os serviços de apoio oferecidos aos alunos ingressantes, principalmente a estes que se deslocam de suas cidades, saindo da casa dos pais na adolescência inicial e passando a usufruir da moradia estudantil aos 14 anos de idade.

Por estarem vivenciando pela primeira vez essa experiência, os adolescentes que deixam a casa dos pais para estudar necessitam de uma atenção especial das instituições de ensino que possibilite um acolhimento que proporcione subsídios para que essa transição ocorra de forma satisfatória. Faz-se necessário colaborar, para que os adolescentes recém-chegados, pouco a pouco se sintam mais ambientados e seguros no local onde escolheram

para estudar e residir, possibilitando aos estudantes uma experiência satisfatória e repleta de novas aprendizagens.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. **Revista Galego-Portuguesa de Psicología e educación**, Coruña, Espanha, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2007. Disponível em: <[http://ruc.udc.es/bitstream/2183/7078/1/RGP\\_15-14\\_Cong.pdf](http://ruc.udc.es/bitstream/2183/7078/1/RGP_15-14_Cong.pdf)>. Acesso em: 2 mar.2015.

ANTONUCCI, T. C.; LANSFORD, J. E., AJROUCH, K. J. Social support. In G. Fink (Ed.), **Encyclopedia of stress**, San Diego, Academic Press, v.3 p. 479–482, 2000.

ARAÚJO, D.; MORGADO, M. A. universidade e assistência Estudantil: perspectivas de jovens moradores da CEU-UFMT, Campus Cuiabá. In: SEMINÁRIO INTERNO SOBRE EDUCAÇÃO (SEMIEDU), 17 a 19 de novembro de 2008, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UFMT. Disponível em: <<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt14/ComunicacaoOral/DENISE%20PEREIRA%20DE%20ARAUJO.pdf>>. Acesso em: 7 dez.2015.

ASSIS, A. D.; OLIVEIRA, A. G. B. Vida universitária e saúde mental: atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 2, n. 4-5, p. 159-177, 2011. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1113/1305>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, M.W.; GAKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de P. A. Guareschi. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BERLATTO, F.; SALLAS, A. L. F. Um lar em terra estranha: espaço e sociabilidade em uma casa de estudantes feminina. **Revista Chilena de Antropologia Visual**, Santiago, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.antropologiavisual.cl/#>>. Acesso em: 9 fev.2014.

BERNIER et al. Leaving home for college: A potentially stressful event for adolescents with preoccupied attachment patterns. **Attachment & Human Development**, v. 7, n. 2, p. 171-185, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

CANHA, J. I. E. **Adaptação, saudades de casa e sintomatologia depressiva nos estudantes deslocados**. 2009. 51 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Universidade de Lisboa, 2009.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Revista Texto Contexto Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

CERVINSKI, L. F.; ENRICONE, J. R. B. Percepção de calouros universitários sobre o processo de adaptação ao sair da casa dos pais. **Perspectiva**, Erechim, v. 36, n. 136, p. 101-110, dezembro/2012. Disponível em: <[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/136\\_311.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/136_311.pdf)>. Acesso em 3 jan.2015.

COSTA, M. A. F. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHOW, K.; HEALEY, M. Place attachment and place identity: first-year undergraduates making the transition from home to university. **Journal of Environmental Psychology**, v. 28, n. 4, p. 362-372, 2008. Disponível em: <<http://uhra.herts.ac.uk/bitstream/handle/2299/2849/902992.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

DINIS, A. C. A. R. **Adaptação acadêmica, apoio social e bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior: um estudo nas residências universitárias**. 2013. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Coimbra, 2013.

FERRAZ, M. F.; PEREIRA, A. S. A dinâmica da personalidade e do homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v.2, n. 3, p. 149-164, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v3n2/v3n2a04.pdf>>. Acesso em: 8 nov.2015.

FISHER, S.; HOOD, B. The stress of the transition to university: a longitudinal study of psychological disturbance, absent-mindedness and vulnerability to homesickness. **British Journal of Psychology**, v. 78, p. 425-441, 1987. Disponível em: <[http://www.readcube.com/articles/10.1111%2Fj.2044-8295.1987.tb02260.x?r3\\_referer=wol&tracking\\_action=preview\\_click&show\\_checkout=1&purchase\\_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase\\_site\\_license=LICENSE\\_DENIED](http://www.readcube.com/articles/10.1111%2Fj.2044-8295.1987.tb02260.x?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purchase_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase_site_license=LICENSE_DENIED)>. Acesso em: 10 mar.2015.

FISHER, S.; MURRAY, K.; FRAZER, A. Homesickness, health and efficiency in first year students. **Journal of Environmental Psychology**, v. 5, n. 2, p. 181-195, 1985.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro. n. 24, p. 17-27, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003)>. Acesso em: 10 mar.2015.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2004000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004)>. Acesso em: 10 fev. 2015.

GARRIDO, E. N. **Moradia estudantil e formação do (a) estudante Universitário (a)**. Campinas: SP, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRANADO, J. I. F. et al. Integração acadêmica de estudantes universitários: contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. **Psicologia e Educação**, v. 2, n. 4, p. 31-41, 2005. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12089/1/Granado%2c%20Santos%2c%20Almeida%2c%20Soares%20%26%20Guisande%2c%202005.pdf>>. Acesso em: 20 fev.2015.

GOETTEMS, R. F. **Moradia estudantil da UFSC**: estudo sobre as relações entre o ambiente e os moradores. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How many interviews are enough?: an experiment with data saturation and variability. **Field Methods**, v.18, n. 1, p. 59-82, 2006. Disponível em: <<http://fm.sagepub.com/cgi/content/abstract/18/1/59>>. Acesso em: 2 mar.2016.

HEATH, S.; CLEAVER, E. **Young, free and single?** twenty-somethings and household change. New York: Palgrave MacMillan, 2003.

LARANJO, T. H. **O CRUSP**: processo de socialização e consumo de drogas. 2003. 140 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LARANJO, T. H.; SOARES, C. Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas. **Revista Saúde Pública**, v. 40, n. 6, p. 1.027-1.034, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n6/en\\_10.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n6/en_10.pdf)>. Acesso em: 28 jul.2015.

MACHADO, T. S. Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. **Revista portuguesa de Pedagogia**, v. 41, n. 2, p. 5-28, 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/pc/Downloads/1194-3354-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/1194-3354-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 2 fev.2015.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, A. P. V. **Um lar em terra estranha**: a casa da estudante universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

MONTEIRO, S. O. M.; TAVARES, J. P. C.; PEREIRA, A. M. S. Optimismo disposicional, sintomatologia psicológica, bem-estar e rendimento acadêmico em estudantes do primeiro ano do ensino superior. **Estudos em Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 23-29, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/03.pdf>>. Acesso em: 4 ago.2015.

MORAIS, N. A. et al. Notas sobre a experiência de vida num internato: aspectos positivos e negativos para o desenvolvimento dos internos. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, p. 379-387, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000300006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 3 jul.2015.

MOREIRA, T. M. M. et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 2, p. 312-20, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reusp/v42n2/a14.pdf>>. Acesso em: 7 dez.2015.

NICO, M. Género e saída de casa dos pais: percursos de autonomia habitacional por diferentes camadas analíticas. **Sociologias**, 2008. Disponível em: <[file:///C:/Users/pc/Downloads/sociologias\\_e\\_working\\_paper\\_n\\_8%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/sociologias_e_working_paper_n_8%20(1).pdf)>. Acesso em 10 jan. 2015.

OSSE, C. M. C. **Pródomos e qualidade de vida de jovens na moradia estudantil da Universidade de Brasília – UnB**. 2008. 119 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) -Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 115-122, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n1/a12v28n1.pdf>>. Acesso em: 2 dez.2015.

PAIVA, D.; MENDES, G. Onde se pode ficar nu: territorialidade e privacidade na casa do estudante universitário da UNB. **Textos do laboratório de psicologia ambiental**. n. 7, 2001. Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia. Disponível em: <<http://www.psiambiental.net/pdf/2001FicarNu.pdf>>. Acesso em: 2 fev.2015.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a07.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

SCOPELLITI, M.; TIBÉRIO, L. Homesickness in University Students: The Role of Multiple Place Attachment. **Environment and Behavior**, v. 42, n.3, p. 335–350, 2010.

SECO, G. M. dos S. B. et al. Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões. **Psicologia e Educação**. v. 4, n. 1, p. 7-21, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.8/55>>. Acesso em: 15 dez.2015.

SOUSA, L. M. **Significados e sentidos das casas estudantis**: um estudo sobre jovens universitários. 2005. 112 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO, 2005.

SOUSA, L. de; SOUSA, S. M. G. Significados e sentidos das casas estudantis e a dialética inclusão-exclusão. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 4-17, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100002)>. Acesso em: 2 fev.2015.

SULKOWSKI, M. L.; JOYCE, D. J. School psychology goes to college: the emerging role of school psychology in college communities. **Psychology in the Schools**, v. 49, n. 8, p. 809-815, 2012.

TAVARES, D. M. **Adaptação ao ensino Superior e otimismo em estudantes do 1º ano.** 2012. 95 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica e da saúde) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2012.

TEIXEIRA, M. A. P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v.12, n. 1, p. 185-202, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf>>. Acesso em: 26 nov.2015.

TEIXEIRA, M. A. P.; CASTRO, G. D.; PICCOLO, L. R. Adaptação à Universidade em Estudantes Universitários: Um Estudo Correlacional. **Interação em Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 211-220, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewFile/7466/8142>>. Acesso em: 1 dez.2015.

TOGNOLI, J. Leavinghome: Homesickness, place attachment, and transition a mongres identical college students. **Journal of College Student Psychotherapy**, v. 18, n. 1, p. 35-48, 2003.

TURLEY, R.; WODTKE, G. College residence and academic performance: who benefits from living on campus? **Urban Education**, v. 45, n. 4, p. 506-532, 2010.

URANI, M. A. et al. Homesickness in socially anxious first year college students. **College Student Journal**, v. 37, n. 3, p. 392-399, 2003.

VIEIRA N. F. R. **O processo de separação-individuação e as experiências depressivas na adolescência.** 2013. 87 p. Dissertação (Mestrado integrado em Psicologia clínica e da Saúde) - Universidade de Lisboa, 2013.

YEUNG, R. A quasi-experimental approach to estimating the impact of Collegiate Housing. In: **Annual Appam Research Conference**, v. 31, p. 5-7, 2009, Washington, DC. 16 p. Disponível em: <<https://www.appam.org/conferences/fall/dc2009/papers-submitted.asp>>. Acesso em: 9 dez. 2009.

## **ESTUDO 2: ADAPTAÇÃO A SAÍDA DA CASA DOS PAIS E AO INGRESSO NA MORADIA ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: FATORES FACILITADORES E INIBIDORES**

### **RESUMO**

Este estudo visa compreender como os adolescentes que saem de casa para estudar em escolas técnicas se adaptam às novas exigências colocadas por esta situação, tentando identificar os fatores que facilitam e dificultam sua adaptação. O estudo inclui 12 estudantes com idades entre 15 e 17 anos, de ambos os sexos, provenientes das turmas de 2º ano de três cursos técnicos integrados ao ensino médio de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Entrevistas semiestruturadas individuais foram realizadas e submetidas à análise de conteúdo temática. Entrar na escola técnica traz uma série de mudanças pessoais aos estudantes, especialmente relacionadas à aquisição de novas responsabilidades. Os laços emocionais com os colegas, as relações estabelecidas com outros adolescentes na moradia estudantil, as relações com os professores e demais servidores do Campus, o incentivo e apoio dos pais, a qualidade do ensino, as bolsas de estudo e as atividades extracurriculares são fatores importantes que facilitam a adaptação destes estudantes. Por outro lado, a saudade de casa, a carga horária extensa que se estende por dois turnos de aula, o número elevado de disciplinas, a falta de privacidade na moradia estudantil, as dificuldades de convivência geradas pelo número de estudantes por quarto e as regras estabelecidas pela moradia estudantil são fatores que dificultam a adaptação. O conhecimento desses fatores pode auxiliar no desenvolvimento de programas destinados a ajudar esses adolescentes a melhor se adaptar a essa nova situação e reduzir as taxas de abandono dos cursos que frequentam.

**Palavras-chave:** Adaptação. Moradia estudantil. Ensino médio técnico.

### **ADAPTATION TO LEAVE THE PARENTS' HOUSE AND TO ENTER THE STUDENT HOUSING IN TECHNICAL HIGH SCHOOL: ENHANCER AND INHIBITOR FACTORS**

### **ABSTRACT**

This study aims to understand how adolescents who leave home to study at the technical high school adapt to the new demands posed by this situation, trying to identify the factors that facilitate and hinder their adaptation. The study included 12 students aged between 15 and 17 years, of both sexes, from the 2nd year classes of three technical courses integrated to high school in a city in the interior of Rio Grande do Sul state. Individual semi-structured interviews were conducted and submitted to thematic content analysis. Entering the technical high school brings a number of personal changes to students, especially related to the acquisition of new responsibilities. The emotional bonds with classmates, the relationships established with other teenagers in student housing, relationships with teachers and the campus staff, encouragement and parental support, the quality of education, scholarships and extracurricular activities are important factors that facilitate the adaptation of these students. On the other hand, the homesickness, the extensive workload that spans two school shifts, the high number of disciplines, the lack of privacy in student housing, the coexistence of difficulties caused by the number of students per room and the rules established by student housing are factors that hinder adaptation. Knowing these factors may help design programs aimed at helping these to better adapt and reduce dropout rates from the courses they attend.

**Keywords:** Adaptation. Student housing. Technical high school.

## 1 INTRODUÇÃO

*Não é o mais forte da espécie que sobrevive, nem o mais inteligente; é o que melhor se adapta à mudança.*

(Charles Darwin, Teoria da Evolução das Espécies, 1858).

A adolescência é um momento da vida em que o indivíduo necessita escolher um entre tantos futuros possíveis, transformando seus desejos em objetivos passíveis de serem alcançados. Essas construções dependem de possibilidades dadas pelos contextos socioeconômico e histórico-cultural nos quais cada adolescente se encontra inserido. Nesse sentido, cada projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida em que ocorre o amadurecimento dos próprios adolescentes e as mudanças em suas possibilidades (LEÃO et al., 2011).

Frente a isso, apresenta-se às escolas de ensino médio o desafio de se constituírem em uma referência na qual os adolescentes possam ter acesso a reflexões, informações, habilidades e competências, dimensões importantes para a construção dos seus projetos de vida (KLEIN, 2011). A escola tem papel fundamental no desenvolvimento do adolescente, pois contribui com a formação global deste e da sociedade na qual está inserido.

O surgimento das escolas técnicas de nível médio no Brasil ocorreu para atender a demanda do mercado de trabalho, que necessita que os adolescentes apresentem uma bagagem cada vez mais ampla de conhecimentos. Além disso, os adolescentes precisam buscar subsídios que os auxiliem a começar a planejar o seu futuro. Nesse sentido, essas escolas podem auxiliar nesta proposta, proporcionando oportunidades de profissionalização para esta faixa etária (COSTA, 2012). Assim, adolescentes passaram a ter novas oportunidades de formação técnica integrada ao ensino médio.

Para estudar em alguns desses centros, muitos estudantes necessitaram se deslocar de suas cidades de origem e, conseqüentemente, se afastar do convívio com seus familiares e amigos em busca de uma maior e melhor qualificação. A partir desse fenômeno, foram implantadas as moradias estudantis nas escolas de ensino médio técnico. Essas são uma oportunidade para quem não tem condições de arcar economicamente com os custos de uma moradia fora do Campus.

As instituições de ensino superior bem como as instituições de ensino médio técnico vivenciam a chegada de estudantes em seus Campus, saindo de casa cada vez mais cedo para buscar qualificação. Nestes casos, é necessário que se atente tanto para as necessidades acadêmicas como pessoais de seus estudantes. É preciso pensar e prestar atendimento a essa

população de forma global e sistêmica (FERNANDES, 2011; SECO et al., 2005), sendo necessário compreender os processos de adaptação (à nova cidade, à instituição, aos colegas, ao curso) pelos quais passam esses estudantes.

De fato, são necessárias várias adaptações. É necessário que o adolescente se adapte a um novo espaço, novos funcionários, professores, colegas e, não raras vezes, amigos e companheiros de casa e/ou quarto, adaptação a novas regras, novas exigências, estilos de aprendizagem e de avaliação. Enfim, uma série de mudanças que não dependem apenas dos fatores pessoais dos estudantes, mas também de fatores contextuais e institucionais que são determinantes para o sucesso deste processo. Para que a adaptação seja bem sucedida, é necessário um ajustamento global a diferentes níveis (STOCKER, 2008).

Diante disso, percebe-se a necessidade de compreender como adolescentes que saem de suas cidades de origem em busca de qualificação em nível médio/técnico no 1º ano do ensino médio e passam a residir na moradia estudantil vivenciam as questões que perpassam sua adolescência. Objetiva-se conhecer as experiências destes adolescentes e quais fatores que facilitam e dificultam o processo de adaptação a este novo contexto que estão inseridos.

Acredita-se que a relevância deste estudo se dá por esta ser uma realidade que ainda carece de pesquisas, tendo em vista que a maioria dos estudos enfoca a adaptação de estudantes na universidade (CREDÉ; NIEHORSTER, 2012; FELDT et al., 2011; IGUE et al., 2008; SILVA; FERREIRA, 2009; TEIXEIRA et al., 2007). Por esta mesma razão, a revisão de literatura elaborada para este estudo baseia-se na análise da temática da adaptação no ensino superior para que se possa refletir sobre o tema no ensino médio técnico quando os adolescentes ingressantes estão na adolescência inicial.

Nisso se dá a importância de conhecer os aspectos facilitadores e inibidores da adaptação à saída de casa e ao ingresso na moradia estudantil em um nível de ensino médio técnico. Deste modo, se propõe a repensar questões específicas e atuais sobre esse nível de formação e, assim, ajudar a implementar ações que visem auxiliar esses adolescentes a melhor se adaptarem. Quanto mais amplo o conhecimento da realidade dos alunos, maiores serão as possibilidades de elaborar políticas de assistência estudantil que sejam efetivas para esse grupo de indivíduos (MALAGRIS et al., 2009).

## 2 MÉTODO

### 2.1 DELINEAMENTO

A pesquisa realizada possui um delineamento qualitativo e exploratório, de caráter transversal. A pesquisa qualitativa busca investigar fenômenos, tais como histórias de vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos (STRAUSS; CORBIN, 2008). Os estudos exploratórios, por sua vez, são realizados quando o tema escolhido é pouco explorado e se encontram dificuldades para formular hipóteses precisas sobre ele (GIL, 2007).

### 2.2 PARTICIPANTES

Os participantes deste estudo foram 12 estudantes, com idade entre 14 e 17 anos, de ambos os sexos (6 meninas e 6 meninos), provenientes das turmas de 2º ano de três cursos técnicos integrados ao Ensino Médio (Administração, Agropecuária, Manutenção e Suporte em Informática), de um Instituto Federal de Educação, situado em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Foram critérios de inclusão no estudo: a) concordar em participar do mesmo; b) estar regularmente matriculado em um dos cursos técnicos de nível médio no 2º ano no Campus onde foi realizada a pesquisa; c) ser proveniente de outra cidade, que não a que está situada o Campus; d) ter residido durante o 1º ano e ainda estar atualmente residindo em moradia estudantil da cidade sede do Campus; e e) assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e concordar com a gravação da entrevista.

Observou-se o critério de saturação teórica das informações para determinar o tamanho da amostra. Nessa forma de amostragem, ocorre a suspensão da inclusão de novos participantes quando as informações obtidas passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição. Assim, não é mais necessário incluir novos participantes à pesquisa e, conseqüentemente, persistir com a coleta de informações (FONTANELLA et al., 2008). A saturação de dados ocorre geralmente após a análise de doze entrevistas, quando novos temas emergem com pouca frequência. Para a maioria dos estudos em que o objetivo consiste em compreender percepções e experiências comuns entre um grupo de indivíduos relativamente homogêneos, doze entrevistas devem ser suficientes (GUEST et al., 2006).

A escolha por alunos de 2º ano decorre do fato de que os participantes vivenciaram a experiência de sair de casa recentemente e já conseguem apresentar certo distanciamento da mesma para melhor descrevê-la. Os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios a fim de preservar suas identidades.

### 2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

A coleta das informações ocorreu por meio de uma entrevista individual semiestruturada (COSTA, 2012). Esse tipo de entrevista objetiva compreender de que maneira os sujeitos percebem e vivenciam determinada situação. Para tanto, foi elaborado um roteiro que buscou auxiliar o pesquisador a conduzir a entrevista e organizar a interação social entre pesquisador e sujeito entrevistado, permitindo a ambos uma maior segurança (MANZINI, 2003).

As questões norteadoras foram especialmente desenvolvidas para esse estudo (APÊNDICE A). Elas buscam conhecer a percepção dos estudantes entrevistados sobre a decisão de realizar um ensino médio técnico, a experiência de sair da casa dos pais e residir em uma moradia estudantil e fatores que facilitaram ou dificultaram a adaptação destes estudantes tanto à saída de casa quanto ao ingresso na moradia estudantil.

Para a realização desta pesquisa, inicialmente, os objetivos e procedimentos da mesma foram explicitados ao diretor do Instituto Federal de Educação do Campus onde a pesquisa foi realizada, sendo obtida a autorização institucional para realização da mesma (APÊNDICE B). O mesmo procedimento foi realizado com a coordenadora da moradia estudantil e com os respectivos coordenadores dos cursos técnicos de ensino médio que esses alunos frequentam.

Obteve-se uma lista de alunos que se encontram no 2º ano do ensino médio que residiram no primeiro ano de curso na moradia estudantil e que continuam residindo nessa moradia para realizar as entrevistas. Após o fornecimento desta lista com os respectivos contatos dos alunos, foram feitas duas listas (uma para o sexo feminino e outra para o masculino), atribuindo um número a cada possível participante.

Foi sorteada a amostra provável para participação no estudo, com igual número de participantes para ambos os sexos. Foi realizado o contato pessoalmente com cada possível participante sorteado, na instituição em que estudam, para convidá-los a participar do estudo, sendo explicados os objetivos e procedimentos do estudo, esclarecendo o caráter voluntário e confidencial de sua participação na pesquisa.

Para aqueles alunos que concordaram em participar do estudo, foi marcado dia e hora para a realização das entrevistas. No dia da entrevista, antes de iniciá-la, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), o qual foi lido e discutido com o participante para oferecer um esclarecimento completo sobre a natureza da pesquisa. Este processo foi realizado a fim de que se tivesse certeza de que o mesmo estava ciente dos procedimentos que seriam adotados na pesquisa, com o intuito de informar os objetivos, a técnica utilizada para sua realização, os benefícios previstos e potenciais desconfortos que poderiam ser desencadeados pela realização da pesquisa, demonstrando sua anuência em participar do estudo.

Apenas após esse processo estar concluído, a entrevista individual foi realizada em uma sala no setor de saúde do Campus. Salienta-se que este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (CAAE: 40361015.9.0000.5346).

A pesquisa realizada não envolveu mais que risco mínimo e a obtenção do consentimento dos pais era inviabilizado pela saída dos adolescentes de casa e pela distância que se encontram as cidades de origem destes, condições estas que inviabilizariam a realização da pesquisa pelo tempo que necessitaria para que todos fossem até sua cidade de origem buscar junto aos pais a autorização para a participação na pesquisa, decisão esta que também foi pensada porque se acredita que, desta forma, não se estaria respeitando sua nova condição de relativa independência da família. E como a temática da pesquisa refere-se à adaptação destes adolescentes a esta nova condição em que se encontram, tomar decisões por si mesmo faz parte da experiência que estes vêm vivenciando neste momento de suas vidas. Deste modo, os próprios adolescentes assinaram o TCLE.

Salienta-se que esta decisão foi embasada na Resolução Complementar referente à Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais em sua versão preliminar que foi utilizada em reunião do GT de Ciências Humanas e Sociais – CONEP, realizada nos dias 7 e 8 de outubro de 2015. Nesta resolução, consta que quando a pesquisa não envolver mais que risco mínimo (os riscos não excedem os riscos da vida diária) e a obtenção do consentimento dos pais for inviabilizada, bastará o consentimento dos adolescentes. Ainda em relação aos cuidados éticos, foram seguidas as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012a) e a resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

## 2.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo temática. Esta consiste em um método de descrição literal do conteúdo manifesto para sua posterior categorização (BARDIN, 2010). A análise de conteúdo consiste em uma sequência de atividades a serem desenvolvidas que se resumem em leitura crítica dos dados coletados na pesquisa, categorização e interpretação dos mesmos (GIL, 2007).

No estabelecimento das categorias, foram agrupadas ideias ou expressões em torno de evidências de conteúdos mais significativos que surgiram ao longo das entrevistas, com base nos objetivos propostos por este estudo. Assim pode-se elencar duas categorias: “O ser adolescente no ensino médio técnico”, buscando abordar questões referentes à adolescência, ao ensino médio técnico e projeto de vida; a segunda categoria intitula-se: “É preciso se adaptar...”, a qual propõe uma busca teórica sobre como se dá para o adolescente a saída da casa dos pais bem como o processo de adaptação e vivências escolares.

## 3 RESULTADOS

A seguir serão apresentadas as percepções dos estudantes entrevistados sobre sua experiência do 1º ano quando saíram da casa de seus pais para estudar em outra cidade e passaram a residir em uma moradia estudantil.

### 3.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A primeira impressão ao chegar à instituição e na moradia estudantil foi de estranhamento, angústia, coração apertado, medo do desconhecido, de se sentir sozinho em meio a tantas pessoas que também chegavam e não sabiam bem ao certo como seriam os próximos dias, meses, anos e aquela pergunta que ecoava no pensamento daqueles alunos recém-chegados: ‘e agora como é que vai ser?’. Alguns chegaram a questionar a escolha feita: ‘o que eu estou fazendo aqui?’. Dar o abraço de despedida nos pais, vê-los partir e se dar conta de que dali para frente teria que se virar sozinho, tudo isso foi descrito carregado de emoção pela maioria dos estudantes entrevistados como a primeira impressão sentida no momento da chegada na moradia estudantil.

Segundo relato dos estudantes entrevistados, no primeiro dia o silêncio ecoou por um bom tempo naquele ambiente; ninguém falava nada, simplesmente cada aluno arrumava suas

coisas silenciosamente no quarto, junto aos demais estudantes recém-chegados que também faziam o mesmo. A sensação era de que ninguém queria tocar no assunto, ninguém queria falar sobre o fato de ter saído de casa, de os pais terem ido embora e eles ficado a fim de iniciar uma nova etapa de suas vidas. Todos evitavam falar nisso, pois precisavam pensar, era necessário naquele momento deixar a “ficha cair”, refletir sobre o que estava acontecendo. Posteriormente, aos poucos foram se conhecendo e cada um se organizando e montando sua estratégia para se adaptar e juntos foram vivenciando, cada um de sua forma, a experiência de ter saído da casa dos pais aos 14 anos para estudar em outra cidade.

*Sentia uma angústia em saber que eu estava sozinho que meus pais não estavam aqui, que nenhum parente estava aqui [...] quando eles foram eu olhei eles indo e eu fiquei, logo fui para o quarto, pensei em me distrair para ver se passava aquela angústia, daí foi passando, é até se acostumar que é difícil, depois a gente fica bem (Ariel, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Nos primeiros dois dias de aula, que eu ficava preocupado com medo de reprovar, de não dar conta das matérias e eu já estava preocupado de estar longe de casa, daí piorou. Mas daí depois nas outras semanas já melhorou, foi passando, daí eu vi que o melhor era ficar e não desistir. Acho que o maior desafio foi o primeiro dia, chegar num colégio bem grandão e não conhecer ninguém (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Meu pai me trouxe de carro no primeiro dia, quando ele foi embora e eu vi que eu tinha ficado, comecei a me dar conta que a partir daquele momento eu não morava mais com meus pais e teria que me virar sozinho, digamos que a sensação que eu tive é que eu engoli a seco aquilo, não tem como explicar, é que dá um frio de cima abaixo, ‘o que eu to fazendo aqui?’, ‘E agora como vai ser?’ Tudo que a gente não conhece, o desconhecido assusta, era muita novidade, novo curso, nova cidade, novas pessoas, um novo lugar para morar (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*[...] quando eu cheguei aqui eu pensei: ‘quero voltar!’ Foi horrível a sensação, eu tive vontade de voltar, sei lá e todo mundo que eu via, não tinha uma cara conhecida [...] eu morei a maior parte do tempo no interior, nunca fui de sair, não tinha muitas amizades lá, e daí meu pai já me assustou um bom tanto antes, daí foi assim me senti uma estranha ali. É uma coisa assim, como que eu vou dizer é uma vida nova, tu vai ter que começar do zero ali (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

### 3.2 APRENDIZAGENS PROPORCIONADAS PELA EXPERIÊNCIA DE ADAPTAÇÃO

Vivenciar a experiência da saída de casa, associada ao ingresso na moradia estudantil aos 14 anos de idade, proporciona muitas e significativas aprendizagens aos adolescentes que passam por essa experiência. Talvez a mais significativa seja o fato de que passar a morar em uma moradia estudantil é uma oportunidade de inevitavelmente aprender de fato o conceito de coletividade.

E essa aprendizagem é vista como uma vantagem para quem é morador, pois estes acreditam que sua experiência na moradia estudantil os leva a serem pessoas que adquiriram qualidades, como a compreensão, aprender a conviver e aceitar as diferenças, a dividir o espaço, a tolerar o barulho, a perda da privacidade, as opiniões divergentes, são algumas das coisas que se aprende no dia a dia dessa vivência coletiva. Além disso, a socialização, o desejo e a necessidade de se relacionar com as pessoas para conhecê-las e assim conviver, compartilhar espaços, histórias e experiências torna-se de suma importância e é vista como uma oportunidade de aprendizagem para suas vidas.

Outro fator elencado como positivo e adquirido com essa experiência vivenciada pelos estudantes do ensino médio técnico é o amadurecimento que eles perceberam em si mesmos, em suas atitudes, seus modos de pensar, de ser e vivenciar as coisas. Acreditam, em sua maioria, que a partir da experiência vivida adquiriram maior maturidade pelas responsabilidades acarretadas por tal vivência e que, atualmente, um ano após o ingresso no ensino médio técnico e na moradia estudantil sentem-se mais seguros, maduros e capazes de cuidar de si do que antes de sair da casa dos pais e ingressar na moradia estudantil.

*Eu aprendi que antes de vir pra cá eu me achava um pouco egoísta e depois que eu vim pra cá eu mudei, eu compartilho as coisas com meus colegas, eu aprendi a dividir, a conviver e aceitar as diferenças. E muita gente ainda tem dificuldade com isso. Esse colégio aqui é para amadurecer a pessoa, se não quer amadurecer, volta para casa então (André, 17 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Estou aprendendo a conviver, a aceitar as diferenças, precisei me adaptar, queria ficar, acho que esta experiência eu precisava passar, isso aqui ensina sobre a vida, como dizem os mais velhos (risos), mas eu concordo, a gente aprende a não ser tão egoísta e se dar conta que existem outras pessoas a nossa volta e talvez viver isso tudo me fez me dar conta que talvez passei muito tempo vivendo sozinha, individualmente e não percebendo as pessoas a minha volta. Hoje valorizo muito mais a minha família. O mais positivo de tudo é a experiência, eu acho (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Eu, ano passado, quando eu cheguei aqui, eu não falava com ninguém. Eu estava sempre quieta. Eu tinha muita resistência, muita dificuldade em interagir, fazer amizade. Eu aprendi muita coisa aqui, fui obrigada a mudar. Eu odiava dividir as minhas coisas, eu fui obrigada, porque eu era acostumada em casa. Era o meu canto, era meu, foi um 'baque' pra mim, até aceitar essa mudança, que pra mim foi radical (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Aqui tu tem que se adaptar, tu tem que se acostumar. Apesar disso ou em função disso, aprendi bastante coisa legal aqui. A minha privacidade acho que era o que eu mais prezava, e acabou. Eu sou muito tímida e eu não consigo tomar banho pensando que outra pessoa está tomando banho do meu lado. E aí precisei ir me adaptando, mas ainda eu tenho que esperar todas tomarem banho pra eu depois ir (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] bem como diz aquele ditado eu realmente aprendi a não julgar um livro pela capa, aprendi que por mais incrível que pareça ficar sozinha não é legal, pelo menos não é tudo aquilo que a gente pensa de ser tão bom ter total liberdade*

*quando se mora sozinho, estar em grupo é ruim pelas divergências, mas estar sozinho é pior ainda, tu se sente muito num vazio, sei lá, quase depressivo quanto tu fica totalmente sozinha (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### 3.3 A DIFÍCIL E NECESSÁRIA ARTE DE CONVIVER

Dividir o espaço do quarto com mais oito, nove ou dez estudantes não é uma tarefa fácil: exige paciência, compreensão, diálogo, mas também é uma oportunidade para estudar junto, desabafar, trocar ideias e formar laços de amizade e apoio mútuo, pois além de dividir o mesmo espaço, estes estudantes estão dividindo a mesma experiência. Apesar de cada um vivenciar de uma forma, todos têm em comum o fato de terem saído da casa dos pais e estar pela primeira vez morando em uma moradia estudantil, o que, para muitos, faz com que se sintam, no decorrer do tempo, como uma família.

Por essa razão, a convivência com pessoas desconhecidas, advindas dos mais diversos lugares, provenientes de famílias diferentes, de culturas diferentes, com hábitos diferentes, apesar de ser vista como o maior desafio enfrentado na adaptação dos adolescentes, também é vista como positiva, por proporcionar a oportunidade de aprender a conviver com as diferenças e a ganhar muitos amigos. Estando na moradia, se convive com muitas pessoas e torna-se uma oportunidade de fazer novas amizades, mais facilmente do que quem não reside neste lugar. Além disso, para muitos, residir na moradia estudantil é a única possibilidade de realizar o curso pretendido. Desta forma, a adaptação a essa moradia coletiva torna-se um fator decisivo para concluir os estudos.

*[...] dividir o quarto com muitas pessoas não é fácil, tem gente que não se dá conta, é muito espaçosa, deixa as coisas espalhadas, como se pudesse tomar conta de todo espaço, só que se só uma toma conta, todas as outras ficam sem espaço, é complicado (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] eu cheguei aqui e tive que dividir com oito meninas estranhas, que eu nunca tinha visto na vida, tudo tinha que dividir e o pior não era as coisas materiais o mais difícil era dividir o espaço, conviver. Elas não tinham os mesmos costumes que eu, vieram de culturas diferentes, contextos diferentes, foram criadas de forma diferente por famílias diferentes...nós éramos diferentes! (risos). O pior para mim foi dividir minha coisas. Dividir o quarto com tanta gente. Não tinha privacidade pra nada, isso foi o pior [...] no início, me sentia sozinha no meio de tanta gente, é estranho (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Eu procurava não falar nem para o meu pai nem para a minha mãe o que eu passava aqui para não preocupar eles, no caso assim o quanto era difícil de ficar longe deles, o quanto era ruim essa convivência, digamos que forçada, com pessoas que tu nunca antes tinha visto na vida e agora dividiam o mesmo quarto contigo, não foi fácil, mas eu não falava nada porque eles já tinham os problemas deles (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*[...] tem que pensar que tu vai ter que acordar com aquelas pessoas todos os dias, tu vai ter que conviver todos os dias. Então, tem que ter diálogo [...] porque se tu está ali, é porque tu depende daquilo. As pessoas que estão ali, bem dizer, se tornam tua família (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

### 3.4 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A ADAPTAÇÃO

Para os entrevistados, a facilidade de socialização, a vontade de ter um futuro melhor, um ensino de qualidade e fazer novas amizades são fatores que contribuem para se adaptar ao novo contexto ao qual os adolescentes se deparam ao sair da casa dos pais. Além destes fatores, o acolhimento recebido e a recepção oferecida pela instituição e pelos funcionários são fatores relevantes para a adaptação, além das bolsas de auxílio e de estudo que são oferecidas. O apoio dos pais e dos colegas, tanto da moradia estudantil quanto dos colegas de aula, também são fontes importantes de apoio, que auxiliam significativamente na adaptação destes a este novo contexto.

*O que me ajudou a me adaptar foi a minha facilidade de socialização, a persistência que eu sempre tive bastante, a minha mãe também me ajudou, ela sempre fala para eu não desistir (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*O cara fica preocupado daí não sabe muito bem o que vai fazer nos primeiros dias para aguentar, daí eu procurei conhecer os outros, conversar e ficar amigo e sair com os outros, andar por aí, não ficar só parado no quarto, se ficar só parado fica o tempo todo pensando em casa, daí se o cara sai esquece um pouco (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Sei lá, acho que o carinho que as pessoas têm com a gente, as pessoas acabam se apegando muito umas às outras aqui, porque não tem com quem se apegar e do nada quando a gente vê, já tá se abraçando, quando a gente vê a gente já é uma família, uma coisa bem rápida. A gente vai buscando se fortalecer um nos outros. Eu confio muito mais em um colega meu de quarto do que no meu irmão. As pessoas aqui saíram de casa, estão abatidas, sozinhas, daí buscam alguém, quando vê já é melhor amigo, irmão (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*A recepção que a escola nos proporcionou eu achei essencial, todas as palestras, tudo que a gente teve foi muito importante para gente ter uma noção porque a gente chega aqui perdido sem saber nada, aí já vai tendo noção das coisas vai se adaptando aos pouquinhos (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*A ideia de ter o ensino mais forte, além do ensino médio tu já ter um curso técnico, uma possibilidade de trabalho, até pelo ensino ser mais forte, mais puxado, é algo que influencia, ajuda e o que mais contribui para se adaptar são as amizades, criar laços afetivos aqui, ter alguém a quem recorrer, a quem pedir um ombro amigo (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] a sala de convivência foi uma boa ideia eles fazerem, é uma sala onde o pessoal do IF colocou televisão, videogame, tem jogos, xadrez, damas, é uma sala que pega bastante wi fi, e se junta bastante pessoas lá, para conversar, fazer trabalho e até para ficar de boabeira lá sem fazer nada, é uma sala bem interessante, agora eles colocaram no final do ano passado uma mesa de pingue-pongue também (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] o bom de estar aqui é a segurança. Tem sempre um guarda na frente. Tem médico aqui, dentista, enfermeira e psicóloga também, só que agora ela está licenciada. Negativo é a falta de privacidade aqui dentro (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*Aqui temos uma educação muito boa, os professores são muito bons, além da moradia estudantil, oferecem ainda bolsas de apoio para a gente se manter aqui, uma ajuda de custo, que também ajuda bastante. No quarto, oferecem cama, banheiro, armário e sala de estudos, uma lavanderia que podemos utilizar e um refeitório onde temos três refeições gratuitas por dia (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Aqui temos muito auxílio, muita bolsa. Eu tenho uma bolsa de pesquisa desde o ano passado, é um auxílio profissionalizante, conta como horas extracurriculares, então isso me ajudou bastante porque eu tenho uma coisa a mais no meu currículo, eu tenho um ganho financeiro, além de me possibilitar uma maior percepção sobre o curso, ajuda bastante. Para quem mora na moradia, também eles oferecem cursinhos, aqui na área de saúde, por exemplo, tem cursinho de primeiros socorros, tem a internada, então tem um monte de oportunidades sem ser estudantis também, de socialização, integração e novas aprendizagens, vale realmente à pena (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### **3.4.1 Rede de apoio**

Sair da casa dos pais em busca de melhores condições de estudo, pensando em oportunidades futuras é uma decisão difícil quando se tem 14 anos de idade. Com essa idade, ficar longe da família e dos amigos, encarar morar em outra cidade, fazer um ensino médio técnico, tendo uma rotina intensa de aulas em dois turnos, necessitando dar conta de responsabilidades ainda não vivenciadas (cuidar de si mesmo, administrar seu dinheiro, seu tempo, cuidar de suas coisas) e ainda residindo em uma moradia estudantil, convivendo com mais dez ou mais estudantes em um quarto, sem dúvida, é desafiador.

Nestes momentos, percebe-se a importância de se ter o apoio da família, pois é a esta que os estudantes recorrem em momentos difíceis emocionalmente ou momentos de decisões importantes, seja através do bate papo do *facebook*, seja por uma mensagem no celular ou por uma ligação, em que ouvir a voz dos seus pais já é uma fonte de alívio e amparo. Os colegas de aula e as novas amizades que se formam na instituição também passam a ser fontes de apoio importantes para estes estudantes que saem de casa para estudar em outra cidade, seja para tirar dúvidas em relação a uma disciplina seja para conversar, rir, chorar junto, desabafar, trocar ideias e curtir momentos de lazer.

A experiência vivenciada no 1º ano em que chegaram a moradia estudantil e ao Campus possibilitou aos estudantes que partilhassem momentos que não foram vistos como positivos por eles, como os apelidos colocados pelos estudantes mais velhos, do 2º e 3º ano. Este fato fez com que, no ano posterior, eles recepcionassem os estudantes recém-chegados de forma diferente, buscando acolhê-los de uma melhor forma, para que não passassem pela mesma experiência que estes passaram, procurando apoiá-los em sua adaptação.

Outra fonte de apoio, não menos importante, são as pessoas que fazem parte da instituição (professores, funcionários e o setor responsável pela moradia estudantil). Todos têm um papel importante na adaptação dos estudantes recém-chegados, dando orientações e apresentando a instituição, para que os estudantes se sintam ambientados e, principalmente, acolhidos neste lugar.

*Apesar de ser bem próximo e eu ir todo final de semana sempre é bom, eu chego, eu abraço todo mundo, eu quero estar muito perto, então mesmo que eu tenha alguma coisa para estudar, eu adio o máximo, eu quero ficar sentada na frente da televisão, tomando chimarrão junto com as minhas irmãs, com a mãe e com o pai, ajudar a fazer alguma coisa ou sei lá, simplesmente descansar. A coisa que eu mais gosto é estar junto com eles, não importa muito o que fazendo, mas de estar junto com eles (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Nunca fui de fazer amigos, só que tem um momento que tu se sente tão sozinha, que tu precisa de alguém. E daí eu comecei, foi indo, fui me enturmando e daí quando eu vi, eu estava bem melhor (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*[...] alguns colegas e professores me deram conselhos, me auxiliaram bastante, me deram força pra eu continuar [...] meu avô também me incentivou bastante a vir pra cá. E isso sempre é bom, ajuda na adaptação (Ariel, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*A amizade da gurizada acho que a gente que está aqui, está passando pela mesma situação e daí a gente precisa se apoiar, se ajudar para ficar melhor para todos, nos fortalece (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Me senti bem acolhido sim, fui bem recebido, fiz amizade fácil com eles e esse ano que nós somos do 2º ano nós procuramos tratar bem quem estava chegando do 1º ano, procuramos acolher eles bem, nós procuramos fazer com que eles se sentissem bem, como no primeiro ano nós não tivemos isso, quem eram os maiores, passavam com as brincadeiras e apelidos, nós vimos que isso não era legal e daí procuramos fazer diferente com os que estavam chegando (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Acho importante salientar o quanto é importante esse aparato que as pessoas têm que dar, eu não vejo ninguém sem ser os colegas de quarto falarem pra alguém que tem nota baixa: 'fica, tu tem chance, te esforça que vai dar, tu tem como recuperar'. Não tem ninguém que faça isso, acho que eles teriam que ter alguém que tivesse ali, seja professor, seja funcionário, que falasse: 'tu vai conseguir', dar força para a pessoa, para ela não desistir (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*A ajuda deles aqui. Eles ajudam bastante a gente. Eles tentam fazer com que tu te sintas em casa. Também meus amigos que ajudam bastante. E a força de vontade de querer ficar aqui acho que isso é o principal, tu precisa perceber que isso é importante para ti. Tem que querer muito isso (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Quando tenho dúvidas, recorro ao coordenador do meu curso, às minhas colegas, ao pessoal da secretaria, se eu preciso de alguma coisa eu pergunto para elas, uma dúvida muito grande que eu tenha eu vou no CAE e também recorro ao pessoal daqui da portaria. Os professores também, no que a gente precisa, eles ajudam a gente. Sempre que eu preciso de alguma coisa eu sei que têm pessoas que podem me ajudar a tirar dúvidas (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### 3.5 FATORES QUE DIFICULTAM A ADAPTAÇÃO

Os fatores que, segundo os estudantes entrevistados, dificultam a adaptação dos estudantes que saem da casa dos pais e passam a residir na moradia estudantil são as dificuldades sentidas frente às exigências de um ensino médio técnico, como uma carga horária extensa e a saudade de casa, dos pais, dos demais familiares e amigos. Outros fatores também citados foram a falta de privacidade, a dificuldade de convivência com as pessoas e as regras da moradia. Outros acreditam que a dificuldade de adaptação tem a ver com a criação recebida.

*Os que desistiram é porque estavam achando muito difícil e outros não se interessavam também, tem um pessoal que não aguenta ficar longe de casa, daí acaba desistindo, não consegue se concentrar aqui, fica o tempo todo muito focado em casa, daí fica difícil ficar (Alan, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] a maioria desistiu porque uns achavam que não iriam passar de ano, que não iriam dar conta de tanta matéria e resolveram ir para outra escola e outros por saudade de casa também, que se a pessoa não tem muito em mente a determinação de que é isso que ela quer, que tem muita vontade de fazer o curso e ter um estudo melhor para o futuro, se não se foca nisso e não tem o apoio dos pais para ficar, não é difícil desistir quando estamos nos adaptando ainda (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Cheguei a pensar em ir embora por causa da quantidade de matérias, da pressão sentimental que eu estava tendo, porque no tempo que eu estava livre eu pensava: 'O que será que estão fazendo em casa? O que eu iria estar fazendo se eu estivesse em casa?'. E daí aquilo começava a tomar conta de mim. Eu tive crises de choro, de querer dormir o tempo inteiro, de não querer ficar dentro do quarto, de ficar muito mal mesmo. E o que eu fiz foi não mostrar para minha família que eu estava desse jeito [...] lá pra casa estava tudo bem, eu estava bem, eu estava passando um pouco de dificuldade, mas eu preferi não contar, porque se não eles iriam querer me tirar daqui. Eu achei que fosse ser difícil pra eles também, como estava sendo difícil pra mim, eu não queria causar uma coisa maior (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Eu acho que os que desistiram é porque tu perde muito da tua privacidade. E daí é muita diferença de quando tu morava em casa para morar aqui com pessoas que tu nem conhece. Foi muito tenso porque a gente brigava muito, porque até começar a*

*se entender é difícil. Eu estava até pensando em ir para uma pensão em uma época, mas daí depois eu acabei me acostumando e quem não se acostuma sai (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Sei lá depende da criação porque tem gente que é criado muito mimado, cheio de regalia em casa, daí é difícil sair. Se tu é filho único, não tem mais irmão, se tu é filho único certamente teus pais vão te mimar e se tu vem pra cá mimado certamente tu não vai querer ficar, porque aqui todo mundo é igual, não importa se tu é preto, branco ou rosa, todos vão te tratar igual, vai comer a mesma comida que todo mundo come, vai ganhar o mesmo serviço de lavanderia, vai ter que dividir quarto com mais onze pessoas (André, 17 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Acho que o que dificulta é o medo do desconhecido, do que está por vir, de enfrentar uma situação nova. Acho que a família, também por outro lado, pode ser um fator que dificulta a saída de casa dos filhos, se passam muita insegurança aos filhos, se não incentivam, se criam os filhos muito dependentes deles (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

### **3.5.1 Sentimentos envolvidos no processo de adaptação**

Os participantes relataram sentir saudade da família. Descreveram o quanto os primeiros dias foram difíceis, que os pensamentos continuaram focados na família e na casa dos pais. Apesar de todos os estudantes recém-chegados estarem compartilhando da mesma experiência e muitos das mesmas dificuldades (saudade, angústia), esse era um assunto que eles não dividiam entre eles, pois evitava-se tocar neste aspecto como uma tentativa de amenizar a saudade.

Alguns participantes relataram a necessidade de se manter ocupados para fazer com que os pensamentos sobre a família não dificultassem ainda mais a adaptação. Outros estudantes descreveram que não conseguiam interagir nos primeiros momentos, que se isolavam no quarto, que solicitaram aos pais que não ligassem, pois em cada ligação a saudade tornava-se maior. E ainda há os que demonstraram ter sentido ansiedade de separação dos pais, sentindo-se preocupados se algo acontecesse com estes e não pudessem ajudá-los por estarem longe.

Alguns encaram os finais de semana como o momento de rever os familiares e amenizar a saudade. Já outros aproveitavam as primeiras semanas para ficar no Campus e conhecer pessoas em busca de maior integração ao novo ambiente. Percebe-se que a reação dos familiares nos momentos em que os adolescentes chegam nos finais de semana em casa ou se despedem deles para voltar pode influenciar na adaptação. O fato de ver os pais chorarem ou estar tristes pode dificultar a adaptação do adolescente.

A saudade tornando-se mais amena também se torna um termômetro na visão dos estudantes, que indica o nível de adaptação que se encontram. Outra questão descrita por eles como sendo indicadora de adaptação é o momento em que eles passam a se considerar preparados para encarar as situações que se apresentam, sentindo-se mais maduros e confiantes.

Esta nova etapa da vida destes adolescentes é marcada por um misto de sensações e emoções, tais como angústias, alegrias, preocupações, insegurança, medo e sonhos, que se misturam e passam a fazer parte das vivências de quem encara os desafios do ensino médio técnico longe de casa, dos amigos e da família. Apesar disso, buscam amadurecer e ter novas aprendizagens a partir da experiência vivida, pois reconhecem a responsabilidade que possuem frente ao seu futuro.

*No início, era melhor ficar aqui nos finais de semana, sei lá, eu ficava mais tempo aqui para conhecer mais gente e ficar melhor aqui. Então, no início, eu não ia muito para casa porque eu vim com a intenção de ficar aqui, eu já vim de casa porque eu queria ir embora de casa, daí eu fiquei aqui um mês e meio para depois ir pra casa pela primeira vez de novo, depois quando eu fui, senti saudade, mas foi normal, não foi de voltar para casa e querer ficar lá (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*O pessoal aqui, se não desistir no 1º ano não desiste mais, porque depois acostuma [...] o técnico não é difícil, mas o ensino médio aqui é muito difícil, nós no 1º ano tínhamos 15 matérias diferentes para estudar, aula o dia inteiro e com certeza no outro dia tinha uma prova de alguma matéria e trabalho pra entregar [...] os que saíram é porque não aguentaram o 'tranco' e por causa da família também longe. Alguns sofrem muito por causa disso, a gente vê gente bem triste nas primeiras semanas (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*Na adaptação, o maior desafio foi a diferença na carga horária que eu tenho aqui para a que eu tinha antes e toda aquela parte de ficar longe de casa, em um lugar onde eu vou chegar e não vou ter ninguém me esperando, se estiver bagunçada minha cama eu vou chegar e minha cama vai estar bagunçada, quem vai ter que arrumar vai ser eu. Tudo isso, não vai ter alguém para puxar minha orelha se eu não fiz o meu trabalho, então é aquela responsabilidade que eu tenho que ter (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*[...] a carga horária é muito puxada. E aí eu tenho que estudar de manhã, de tarde e de noite. E eu não faço mais nada a não ser estudar. E ainda a gente está fora de casa, longe da família da gente e daí é muito horrível e quando fica muito tempo assim como eu fiquei sem ir pra casa é pior ainda (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Também senti preocupação, sei lá se é essa a palavra, mas ficava pensando que se algo acontecesse lá com a minha família eu não poderia fazer nada estando longe e esses pensamentos me dominavam nos primeiros dias, essa saudade sufocava, mas na medida em que o tempo foi passando, eu procurei me focar no meu objetivo aqui, que era estudar, e como é ensino médio integrado, temos muitas aulas e isso é bom, ter aula o dia inteiro era sinônimo de manter a cabeça ocupada, daí chegava em casa a tardinha, já estava cansado, tomava banho e me organizava para o outro dia*

*e assim ia passando e fui acostumando (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Foi meio estranho me adaptar, mas consegui. No início, é sempre mais complicado, mas depois a gente vai acostumando, eu senti muita saudade e saudade de tudo mesmo, dá saudade de coisas que como eram cotidianas, a gente acaba nem se dando conta do quanto são importantes, tipo tomar café com meus pais, almoçar, almoço de mãe é único (risos), sentar à tardinha pra conversar e tomar chimarrão com meus pais, saudade da minha casa, do meu quarto, tudo isso foram coisas que me deixaram com muita saudade (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*A saudade era uma coisa ruim, sei lá, difícil descrever, dava uma angustia, vontade de chorar, eu ligava pra casa, não muito, mas ligava e eles me ligavam também. Entre os colegas, a gente não conversava muito sobre isso, mais sobre coisas do curso mesmo, sei lá ninguém tocava neste assunto (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*[...] a minha mãe sentia muita saudade também, daí era mais complicado no início os finais de semana, quer dizer, a volta de lá, porque meu irmão também é bem apegado a mim, daí no fim ele chorava, minha mãe também e eu saía de lá com o coração na mão. Agora todos já fomos nos acostumando, se tornou algo normal ter que voltar pra cá. Mas, sem duvida, é muito bom estar com eles, aprendi a aproveitar muito mais cada tempinho que estou lá e valorizar estes momentos que estamos juntos, mais do que antes. Ficar longe da família eu acho que é a maior dificuldade que a gente acaba enfrentando aqui (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Minha mãe me ligava pra saber como é que eu estava. E eu ficava mais nervosa, queria mais ainda ir para casa e eu chorava muito daí [...] eu mandava mensagem que eu não podia atender, que eu estava ocupada. E depois eu ligava para saber como é que estavam. Eu pedi pra ela parar de me ligar, porque estava piorando a situação. Aí ela parou. Foi um período muito ruim. Pior que os primeiros dias [...] eu me dei conta que eu vim para esta escola por um desejo meu e que precisava ficar, era o melhor para mim (Amanda, 16 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*Eu sabia que uma hora, cedo ou tarde, eu iria ter que me adaptar. Porque eu via as pessoas desistindo. Mas eu pensava, elas vão voltar pra casa, mas um dia vão ter que sair né? Eu pensava assim. Meus pais não vão estar ali pra sempre, eu tenho que ter um caminho meu, um futuro meu. E que eu queria estar aqui (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

### 3.6 SUGESTÕES PARA O IF

Algumas sugestões para auxiliar na adaptação dos estudantes recém-chegados foram citadas, tais como a importância de proporcionar diálogos informais. Uma equipe atuando diretamente nestes primeiros dias na moradia estudantil, para possibilitar a escuta de quem recentemente deixou sua casa, sua família e os amigos em outra cidade e passou a viver uma experiência nova e cheia de desafios, é visto como importante o que poderia estar fazendo com que se sentissem mais acolhidos e pertencentes ao contexto em que estão inseridos.

Também foi sugerido conversar com os pais, dando orientações a estes para que auxiliem mais ativamente neste processo de adaptação, encorajando os filhos neste momento e dando o apoio necessário. A possibilidade de construção de quartos menores para receber um número menor de estudantes por quarto também é vista como positivo, o que, segundo eles, facilitaria a convivência.

Outra sugestão citada é a realização de palestra motivacional, buscando conscientizar os estudantes da importância que eles têm na família. Nestas palestras, seria interessante salientar para os adolescentes a necessidade de pensar em seu projeto de vida para conquistar o futuro almejado e que, para isso, em algum momento, talvez seja necessário sair da casa dos pais.

*O IF poderia auxiliar, eu acho que ter mais diálogos informais assim, chegar no quarto e falar com as gurias ver como está a adaptação delas, não só no início, mas no primeiro mês, que é o mais complicado, então dá toda essa base, ir lá ver, tem sempre alguém que está mais perdido, alguém que está sentindo mais falta, porque todo mundo sente muita falta, principalmente a parte das meninas sente muito mais aquela coisa, até as meninas do nosso quarto elas falam, eu tenho que estar distraída para não lembrar que daí dá aquela vontade de chorar (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária)*

*O que o IF poderia fazer é acolher mais, mas não iria mudar muita coisa, porque essa ansiedade, esse estranho inicial é fato, acontece com todo mundo, é tudo muito novo, mas a gente vai aprendendo a lidar com isso. O IF tem tudo para manter as pessoas aqui, tem toda uma estrutura para isso, mas as pessoas, muitas vezes, acabam não ligando muito pra isso (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração)*

*Eu acho que tem que ter uma equipe para acompanhar mais de perto, tipo a chegada no primeiro ano, assim de quem tem mais dificuldade nas notas, em aprendizagem, essas coisas assim (Anelise, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática)*

*Tem muita gente que eu acredito que falta persistência. O que eu acho que as pessoas aqui do IF tinham que fazer para ajudar era pedir para os pais darem força aos filhos para não desistirem, porque muitas vezes os pais acabam ajudando mais a desistir do que a permanecer porque são pais né? Estão com saudade dos filhos, então acabam permitindo que desistam sem tentar incentivar a ficar. É aquela coisa, os pais querem que a gente fique, mas querem que a gente fique do lado deles também (risos), quando o ideal seria eles falarem: 'fica mais um pouco, eu sei que se tu te esforçar um pouco mais tu consegue' (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Talvez no início palestras explicando o quanto a gente é importante na nossa família, mas que a gente talvez tenha que desapegar um pouco porque a gente não vai ficar pra sempre junto com ela. Eu acho que talvez se eles abordassem mais esse assunto, explicassem melhor, pedissem para os pais conversarem, enfim, acho que uma preparação, algo motivacional (Andressa, 15 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

*[...] talvez fazer quartos menores para menos gente, talvez seria mais fácil de se adaptar com menos pessoas por quarto, é algo que eles poderiam pensar ainda*

*mais agora que a moradia pode passar por reformas (Antônio, 16 anos, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte de Informática).*

### 3.7 PLANOS PARA O FUTURO

Ter saído de casa aos 14 anos não foi uma decisão fácil para os estudantes que deixaram suas famílias e seus amigos em busca de um ensino médio técnico de qualidade. Porém, por trás desta decisão há muitos sonhos e planos para o futuro, pois é neste momento que o projeto de vida destes adolescentes vai sendo trilhado. Todos os estudantes entrevistados percebem a importância de realizar um curso técnico concomitante ao ensino médio, vendo como uma oportunidade de trabalho futuro, mas, além disso, almejam continuar estudando e fazer um curso superior.

Chama a atenção que todos os entrevistados demonstraram ter bastante clareza do que almejam para suas vidas e salientam que o fato de ter saído de casa já no ensino médio foi um fator facilitador para as vivências que irão ter no ensino superior. Segundo eles, já vão ter a experiência da saída de casa anteriormente e também da rotina extensa de um curso técnico integrado ao ensino médio, o que acreditam que está os preparando para a graduação.

*Eu quero terminar o curso aqui e trabalhar com o curso técnico, pode ser lá na minha cidade ou em outro lugar, tanto faz e depois fazer alguma faculdade. Quero fazer Engenharia Elétrica, acho que pelo fato de eu ter saído cedo de casa, isso vai me ajudar depois, porque já vou estar bem adaptado a não morar na casa dos meus pais (Augusto, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Eu quero ser militar e ser médico. Depois de terminar, aqui eu quero ir para casa, mas por tempo determinado, não de ir para casa e ficar morando lá, eu quero terminar com 17 anos aqui, me alistar depois e fazer a prova da ESA e já entro como sargento e faço medicina na escola militar. E o curso de administração eu vou deixar no currículo, já posso entrar no exercito como sargento administrativo, é bem mais fácil o caminho já tendo um curso técnico. E se eu quiser fazer um concurso público depois, já é algo a mais que vou ter no meu currículo (Anderson, 16 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Como eu quero fazer Oceanografia e não vou então poder ficar em casa, vou ter que ir para um lugar mais longe, então essa experiência de já ter me distanciado um pouquinho, já ter saído de casa, vai me ajudar depois, porque eu vou estar mais ou menos acostumada e como eu vou estar mais velha eu vou entender melhor, vai ser menos difícil [...] vai tudo colaborar, eu já estou eu acho que na divisão entre o ensino médio e a graduação que seria o técnico em administração e estar numa universidade federal é algo que eu sempre quis e como aqui é um instituto federal eu acho que é mais ou menos os mesmos parâmetros (Ana, 15 anos, Técnico Integrado em Administração).*

*Agora que se eu saí da casa dos meus pais, eu não me imagino voltando pra lá, só para passar férias, essas coisas, mas eu quero fazer faculdade e continuar os estudos, não quero parar (Alice, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*[...] não é algo que eu pense voltar pra casa, até porque sempre que eu volto não me sinto mais em casa, parece que eu sou visita, não me sinto em casa [...] até porque agora a gente está morando na cidade, até o lugar é diferente de onde eu estava acostumada (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

*Às vezes eu tenho até vontade de, no futuro, vir dar aula aqui, eu acho muito legal dar aula aqui e às vezes eu tenho vontade de vir, me esforçar e me especializar e voltar para cá como professora. Eu olho os professores aqui e acho muito legal. E até para eu poder contar depois que eu voltar como era a vida aqui, como era na época em que eu era aluna, acho incrível isso (Aline, 15 anos, Técnico Integrado em Agropecuária).*

## **4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1 O SER ADOLESCENTE NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO**

O enfrentamento de desafios é um aspecto pontuado com ênfase nas entrevistas realizadas com os adolescentes que, na faixa etária dos 14 aos 16 anos, estão deixando a casa dos pais para buscar qualificação em nível de ensino médio técnico. São desafios estes que, para a grande maioria, são experienciados na saída de casa para estudar no momento da graduação, mas que para este grupo estudado já é vivenciado antes, em uma fase anterior de suas vidas, correspondente a adolescência inicial, o que exige um amadurecimento anterior diante das responsabilidades oriundas de tal escolha e acarreta uma necessidade precoce de enfrentar os desafios inerentes ao mundo adulto (tomar conta de sua casa, neste caso, a moradia estudantil, tomar conta de suas coisas e ter responsabilidade frente às suas decisões longe dos pais).

Nesta fase, o adolescente vive um período novo em sua vida, buscando encontrar como definir o seu papel dentro do círculo social no qual está inserido. Na transição da infância para idade adulta, novas relações interpessoais são vivenciadas e estabelecidas, por meio da interação dentro de um grupo de iguais e o grupo de adolescentes é um dos mais importantes para a busca de identificações (BRÊTAS et al., 2008; OUTEIRAL, 2003). Estar inserido em um grupo de pares significa comportamento saudável para o adolescente, o qual influencia na adaptação à escola, sendo que, na medida em que gosta dos grupos de pares a que pertence, se sente mais amparado no âmbito escolar. Não adaptar-se ao grupo dificulta sua adaptação também na escola (DAVIM et al., 2009).

É importante ressaltar que o tornar-se adolescente é também um processo que se dá em rede, nas interações pessoais, no diálogo e nos conflitos. A adolescência é um momento em que escolhas são feitas e projetos começam a ser construídos (MARCELINO et al., 2009). Há

um momento, nesse processo, em que o adolescente se descobre autor de sua própria vida, pois começa a olhar para frente e perguntar-se como garantir um futuro melhor, ou seja, começa a pensar no seu “projeto de vida”. Tal projeto nasce das interações entre o fortalecimento da identidade pessoal e da autoestima bem como do vislumbre de oportunidades ou perspectivas de futuro (GRAF; DIOGO, 2009). O projeto de vida representa a possibilidade de projetar o futuro desejado e elaborar maneiras de atingi-lo (MAIA; MANCIBO, 2010; VELHO, 1999).

Entretanto, essa escolha ou essa elaboração de projetos não serão realizadas no vazio, mas sim em meio a uma situação social, econômica e política, sofrendo influências dessas diversas dimensões, inclusive da família. O indivíduo que escolhe está inserido em um determinado contexto, logo o projeto não é puramente individual, uma vez que ele é formado no seio da família e da sociedade. A possibilidade de se elaborar um projeto frente a tantas alternativas que se impõem na contemporaneidade impulsiona o indivíduo a fazer da sua própria vida um projeto (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

O presente estudo evidencia esse aspecto ao demonstrar que as escolhas pelos cursos técnicos a serem realizados receberam influência direta ou indiretamente do meio familiar de origem dos estudantes. O contexto em que os adolescentes estavam inseridos anteriormente a sua saída de casa foi preponderante frente à escolha realizada, com vistas ao seu projeto de vida para alcançar o futuro almejado. Dos 12 entrevistados, 8 deles residiam com a família no interior de seus municípios; destes, 5 optaram pelo curso Técnico integrado em Agropecuária com vistas às experiências anteriores obtidas ao residir no meio rural.

Nesses projetos, está contida a visão que o adolescente tem de si mesmo, das suas qualidades e daquilo que deseja alcançar, tudo isso atrelado às suas vivências anteriores e às relações estabelecidas em sua trajetória de vida (MARCELINO et al., 2009). Portanto, a construção do projeto de vida é um processo de desenvolvimento pessoal e social. Considera-se, assim, que o adolescente esteja preparado para iniciar essa construção após ser capaz de formar sua identidade, compartilhá-la com o grupo e ter em vista seus sonhos, desejos, planos e metas (MARCELINO et al., 2009).

O projeto de vida torna-se de fundamental importância na vida de qualquer ser humano que se posiciona de maneira crítica e coerente diante de si mesmo e do meio em que vive. Tal questão, para os que vivem a adolescência, é um grande desafio. O adolescente, que comumente é um ser questionador, traz em si um grande potencial para ser o grande autor de sua vida (FURLANI; BOMFIM, 2010). Ter um projeto vital envolve questões de orientação

futura, como metas e forças valorizadas pelos indivíduos e que os direcionam ao longo de suas vidas (KLEIN, 2011).

Percebe-se claramente nas falas dos adolescentes entrevistados que estes possuem uma percepção da importância de, chegando o momento de cursar o ensino médio, ir aos poucos pensando em seu futuro, ir traçando objetivos a serem alcançados a partir de seu projeto de vida, daquilo que almejam conquistar. Para isso, inevitavelmente acabam se deparando com desafios maiores, como a saída da casa dos pais, um nível de ensino com uma exigência maior, a entrada na moradia estudantil, desafios estes que requerem uma adaptação. Assim, a possibilidade de realizar um ensino médio integrado ao ensino técnico também é vista como uma oportunidade de experimentar as responsabilidades, exigências e os desafios que iriam enfrentar ao entrar no ensino superior. Além disso, realizar o ensino médio integrado é percebido de modo positivo como mais uma opção de trabalho futuro, o que se torna um atrativo para estes adolescentes.

A adolescência passa a ser um momento da vida em que o indivíduo necessita escolher um, entre tantos futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias em objetivos passíveis de serem alcançados, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida. Tais elaborações dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas experiências. Nesse sentido, o projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios adolescentes e/ou mudanças no seu campo de possibilidades (LEÃO et al., 2011).

Inserida na realidade social, a escola é um espaço de construção da subjetividade e, assim sendo, é também um importante lugar para a construção do projeto de vida. Isso ocorre especialmente no ensino médio, nível de escolaridade que compreende a fase da vida em que se intensifica essa construção devido à pressão sofrida pelos adolescentes para que escolham uma profissão (DIEESE, 2011). Além disso, a escola pode ser vista como potencialmente favorável à construção de projetos de vida, quer seja pela extensão que ela tem na vida das crianças e adolescentes, que ao menos doze anos de suas vidas passam na escola, quer seja pela gama de experiências que a mesma proporciona (KLEIN, 2011).

No caso dos adolescentes que participaram deste estudo, evidencia-se a contribuição de sua instituição de ensino tanto nas questões inerentes ao ensino-aprendizagem quanto no desenvolvimento integral destes, fato este proporcionado pelas responsabilidades acarretadas pelo curso técnico de nível médio, com um grau elevado de exigência, quanto pela autonomia adquirida pela saída da casa dos pais. O fato de residir no Campus onde estudam faz com que

se sintam ainda mais pertencentes aquele local e as bolsas de ensino corroboram para um engajamento maior para com a instituição, proporcionando a oportunidade de muitos trabalharem na própria escola e outros aperfeiçoarem ainda mais seus estudos com as monitorias oferecidas nos cursos que frequentam, apoiando estes adolescentes em sua busca por profissionalização.

Desta forma, a escola pode ser vista como um espaço de promoção da saúde, proporcionando ambiente seguro e de apoio, nos aspectos físico, psicossocial e na construção da cidadania e desenvolvimento de todos aqueles que fazem parte deste contexto (MOREIRA, et al., 2008). Assim, apresenta-se às escolas de ensino médio o desafio de se constituírem em uma referência, na qual os adolescentes possam ter acesso a reflexões, informações, habilidades e competências, dimensões importantes para a construção dos seus projetos de vida (LEÃO et al., 2011).

Os adolescentes são seres nos quais a sociedade deposita expectativas no que tange à sua inserção no mundo adulto; em contrapartida, os adolescentes também têm seus sonhos e objetivos. Trata-se então, de uma fase da vida que talvez, de forma mais intensa do que em outras, os indivíduos sejam confrontados com a necessidade de olhar para o futuro e projetar a sua existência (KLEIN, 2011). Assim, a escolarização é vista por estes como um diferencial em seu processo de formação e sucesso profissional. Dessa forma, os estudantes do ensino médio reconhecem que, quanto maior for sua bagagem de conhecimentos, melhores serão seus níveis de empregabilidade no futuro (DIEESE, 2011).

Justamente pensando em todas as questões que permeiam a adolescência, como necessidade de estar com uma bagagem de conhecimentos cada vez mais ampla que possa subsidiar uma preparação destes para o mercado de trabalho, é que se começou a pensar na criação das escolas técnicas de nível médio no Brasil. A partir da aprovação do Decreto oficial Nº 5.154/2004, foi autorizada a oferta da educação profissional técnica de nível médio, estabelecendo a possibilidade de articulação e diálogo entre o ensino médio e a educação profissional, com uma proposta de formação do indivíduo não apenas para o mercado de trabalho, mas, sobretudo, uma formação que o prepare para a vida (BRASIL, 2007; COSTA, 2012).

Com a Lei n. 11.741/2008, o Decreto No 5.154/2004 foi incorporado à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) e, ocorreu uma alteração no dispositivo do artigo 36 - Da educação profissional técnica de nível médio, assegurando que esta modalidade de ensino poderá ser ofertada em sua forma integrada exclusivamente ao aluno que tenha concluído o ensino fundamental, visando uma perspectiva de integração do ensino médio com

o técnico, a qual é denominada de ensino médio integrado, que apresenta uma proposta de educação que remete ao sentido de unir o ensino médio com a educação profissional, no qual o princípio educativo da formação integrada é o trabalho (FRIGOTTO et al., 2010).

O documento base do MEC orienta o que se espera quanto à oferta de uma educação profissional e tecnológica pública e de qualidade no Brasil. O ensino deve conceber o trabalho, a ciência e a cultura como eixos indissociáveis na formação integrada, pois tratam de dimensões que estão presentes na prática social dos indivíduos. Portanto, uma formação que atenda a perspectiva de integração deverá incluí-las como eixos integradores (BRASIL, 2007; PORTO, 2011).

Alguns estudiosos vêm discutindo e pesquisando a proposta de ensino médio integrado entre eles, Araujo e Rodrigues (2011), Arroyo (2004), Cêa (2005), Frigotto, Ciavatta e Ramos (2010), Kuenzer (2010), Machado (2008), Moura (2009), Nosella (2011) e Saviani (2009). A proposta desta modalidade de ensino consiste em possibilitar ao educando uma forma de cursar o ensino básico e profissional em um único curso, conduzindo-o a uma habilitação profissional técnica de nível médio na mesma instituição de ensino e com uma só matrícula e certificação (CÊA, 2005).

Nesses moldes, o ensino médio integrado tem uma perspectiva de preparação básica para o trabalho o que, teoricamente, deverá considerar os saberes inerentes a uma formação ampla do trabalhador a partir de um currículo que articule e, principalmente, integre os conhecimentos gerais e específicos de forma contínua (ARAUJO; RODRIGUES, 2011). A relação entre essas dimensões precisa ser enfatizada no projeto da escola, na organização do currículo, nas práticas de ensino escolar, no intuito de que o trabalho seja compreendido enquanto fruto das práxis humana e produtiva. Assim, busca evitar que haja uma dissociação entre formação geral e profissional (RAMOS, 2008).

Os esforços para conseguir essa associação de fato entre ensino médio e educação profissional são grandes, porém desafiadores. O ensino médio técnico foi implantado em várias instituições de ensino pelo País; no entanto, no contexto deste estudo, a integração curricular tão almejada ainda é algo que carece de ajustes. Segundo os entrevistados, eles ainda percebem o ensino médio e o técnico fragmentados, não conseguindo vislumbrar uma integração curricular de fato. Cabe salientar que essa é uma constatação oriunda da percepção dos estudantes que foram entrevistados e que estes falam a partir da percepção obtida no 1º ano do ensino médio, o que não significa que possa ser uma constatação a ser generalizada.

A compreensão do ensino médio integrado enquanto conteúdo concebe a perspectiva de formação unitária do educando de maneira multilateral, envolvendo todas as dimensões da

vida social no processo de formação, como o trabalho, a ciência e a cultura. Teoricamente, deverá considerar os saberes inerentes a uma formação ampla do trabalhador a partir de um currículo que não apenas articule mas integre os conhecimentos gerais e específicos de forma contínua (ARAÚJO; RODRIGUES, 2011).

Uma formação profissional que integre trabalho e ensino apresenta-se como um desafio, pois apresenta inovações e inquietações no âmbito da educação formal no cotidiano das instituições de ensino. Esse tipo de formação provoca rupturas com as concepções tradicionais do ensino e com as formas escolares academicistas desvinculadas da prática cotidiana de uma atividade profissional. A inovação, motivada pela integração, encontra obstáculos em articular teoria e prática, considerar o saber científico e os saberes dos educandos; entrelaçar a parte e a totalidade; romper com a disciplinaridade e a separação entre a formação geral e a profissional, fazendo ressurgir conflitos sobre o verdadeiro papel da escola, que seria o de preparar para a continuidade dos estudos futuros ou então para ingressar no mercado de trabalho; porém, no caso do ensino médio integrado, a escola tem que dar conta de ambas as questões (BEVILAQUA; CARVALHO, 2009).

O ensino médio técnico, tendo como um de seus objetivos a profissionalização, a priori deveria se constituir numa possibilidade a mais para os estudantes na construção de seus projetos de vida, possibilitados por uma formação ampla e integral que, acima de serem técnicos, sejam pessoas que compreendam a realidade e que possam atuar como profissionais. Assim, a presença da profissionalização no ensino médio deve ser compreendida, por um lado, como uma necessidade social e, por outro lado, como meio pelo qual a categoria trabalho encontre espaço na formação como princípio educativo (FRIGOTTO et al., 2010).

Pensando na integração e articulação dos currículos de ensino médio e educação profissional, o governo federal promulgou a Lei 11.892/2008, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. Servindo a esta Lei, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico (DCNEM) - (Resolução Nº 2, de 30 de Janeiro de 2012), determinam que a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, deve garantir ao cidadão o direito ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social. Estas diretrizes propõem a interlocução entre os eixos ciência, tecnologia, cultura e trabalho como caminho para a busca de sentido ou de uma identidade para o ensino médio.

Entre outros princípios norteadores destas novas diretrizes para a educação profissional técnica de nível médio, estão: a formação integral do educando; o trabalho como

princípio educativo; a indissociabilidade entre formação geral e educação profissional; a indissociabilidade entre educação e prática social; a integração entre educação, trabalho, ciência, tecnologia e cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular. Estão incluídos, ainda, a integração de conhecimentos gerais e profissionais realizada na perspectiva da interdisciplinaridade; a indissociabilidade entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem; a articulação com o desenvolvimento socioeconômico e ambiental dos territórios onde os cursos ocorrem; a valorização da diversidade humana, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes e a inclusão educacional e acessibilidade, como base para acesso ao currículo (BRASIL, 2012, p. 02).

Ao entrevistar alguns dos estudantes que passaram pela experiência de saída da casa dos pais no 1º ano do ensino médio técnico, o que não deixa dúvidas é que o fato de ter saído de casa aos 14 anos não foi uma decisão fácil para eles, pois deixaram suas famílias e seus amigos em busca de um ensino médio técnico de qualidade. Por trás desta decisão, estão muitos sonhos, planos e, principalmente, o desejo de trilhar o caminho para conquistar o futuro almejado.

Todos os estudantes entrevistados percebem a importância de realizar um curso técnico concomitante ao ensino médio, devido às oportunidades que podem surgir de trabalho futuramente, mas, além disso, almejam continuar estudando e realizar um curso superior. Acreditam que a vivência da saída de casa e da realização de um curso técnico integrado ao ensino médio tem possibilitado a eles uma experiência enriquecedora que irá auxiliá-los no momento posterior em que forem ingressar em uma universidade.

#### 4.2 “É PRECISO SE ADAPTAR...”

Cabe destacar que essa seção foi elaborada a partir da análise de estudos sobre adaptação acadêmica e na moradia estudantil na graduação. Optou-se por realizá-la dessa maneira devido a não existência de pesquisas sobre adaptação na moradia estudantil e saída de casa de estudantes no ensino médio.

Pretende-se elucidar, deste modo, como ocorre a transição para a universidade e quais fatores influenciam esse ajustamento. Acredita-se que, se na literatura estudada é abordada como um desafio a transição para a graduação, considera-se importante compreender como se dá essa adaptação quando se vivencia a experiência de saída da casa dos pais e ingresso na moradia estudantil no ensino médio.

Neste caso, ensino médio técnico, quando também há a necessidade dos discentes adequarem-se a um novo contexto, visto que apesar do ensino médio técnico possuir características diferentes da graduação, alguns aspectos como o fato de sair da casa dos pais, ir morar em outra cidade, deixar a família e os amigos que possuía, passar a morar em uma residência coletiva, como é a moradia estudantil, são aspectos também presentes na vivência dos estudantes entrevistados para este estudo. Assim, por meio do entendimento da adaptação acadêmica na graduação, pretende-se compreender como esse constructo se faz presente em outro nível de formação, que é o ensino médio técnico. A entrada para uma instituição de ensino pela qual se almeja muito uma vaga é o momento do confronto entre os sonhos, os planos e os projetos idealizados com a sua possibilidade de concretização.

Os estudantes que ingressam na universidade se deparam com uma nova realidade a qual necessitam se adaptar. A adaptação acadêmica é um constructo multidimensional que se refere à capacidade dos alunos de se adaptar ao ensino superior. O processo de adaptação pode ser compreendido por meio das atitudes dos alunos em relação ao curso, de sua capacidade para estabelecer novas relações de amizade, da presença ou ausência de estresse e ansiedade ante as demandas acadêmicas e do vínculo desenvolvido pelo estudante com a instituição universitária (BAKER; SIRYK, 1984). A adaptação acadêmica pode ser entendida como o modo que os discentes conseguem se ajustar à vida universitária e atender as demandas impostas pelo ensino superior (TEIXEIRA et al., 2008).

No caso da adaptação no ensino médio técnico, a integração a este novo contexto, com o estabelecimento de novas relações de amizade, é vista como importante fonte de apoio. Neste nível de ensino, é dado ênfase à saudade de casa, que é vista como um “termômetro” que define o grau de adaptação do estudante e, associado a isso, os entrevistados acreditam que estão adaptados quando conseguem cuidar de si e dar conta das responsabilidades acadêmicas e de âmbito pessoal na moradia estudantil.

A transição para o ensino superior reflete a necessidade de o adolescente lidar com situações novas, na sua grande maioria difíceis, e também de desenvolver estratégias para lidar com as novas etapas da sua vida (MONTEIRO, 2008). Esta transição reflete um confronto com uma nova instituição, que possui regras próprias e diferentes das instituições anteriores, exige tarefas acadêmicas diferentes, que interferem com as competências de estudo, mas também com a organização e autonomia do aluno (MONTEIRO, 2008; SECO et al., 2005).

Existe um alargado conjunto de desafios que estão presentes nesta fase e que têm maior ou menor impacto na vida dos estudantes e no seu desenvolvimento pessoal e social

(OLIVEIRA et al., 2010). Quanto maiores forem as mudanças a fazer, mais processos de adaptação são necessários; uma boa ou má adaptação nesta fase pode influenciar a saúde mental do sujeito (COSTA; LEAL, 2008).

Na perspectiva de estudantes que deixam a casa dos pais e passam a viver a rotina de uma moradia estudantil, dividindo seu espaço com tantos outros estudantes que passam pela mesma experiência em busca de realizar um ensino médio técnico em uma instituição pública federal, tendo dois turnos de estudo com disciplinas tanto do ensino médio quanto do técnico, estes já vivenciam a experiência da adaptação em um período anterior ao ingresso no ensino superior. Estes adolescentes necessitam adaptar-se à nova escola, à novas pessoas, à nova turma, novas regras e nova rotina. Muitos alunos ingressantes vêm de outras cidades para estudar, o que gera a necessidade de adaptar-se também a nova cidade, para onde muitos acabam se mudando e passam a residir.

Com isso, se faz necessário sair da casa dos pais, em sua maioria aos 14 anos de idade, e encarar o desafio de morar sozinho ou então dividir o seu espaço com outros estudantes até então desconhecidos, necessitando ajustar-se a essa nova realidade, o que acaba proporcionando a eles uma experiência nem sempre fácil, mas enriquecedora em termos de amadurecimento, acarretada pela necessidade de assumir responsabilidades para as quais talvez ainda não estivessem preparados, necessitando dar conta de seus estudos, sua nova “casa” e, principalmente, tomar conta de si mesmo, momento este, que torna coisas que podem parecer à primeira vista fáceis, como ir ao médico sozinho, tomar decisões e gerir suas finanças, como verdadeiros desafios.

De fato, a expressão adaptação torna-se um pouco redutora, uma vez que se trata não de uma adaptação apenas, mas de várias: adaptação a um novo espaço, novos funcionários, professores, colegas e, não raras vezes, amigos e companheiros de casa e/ou quarto, adaptação a novas regras, novas exigências, estilos de aprendizagem e de avaliação. Enfim, toda uma série de mudanças que não dependem apenas dos fatores pessoais dos estudantes, mas também de fatores contextuais que são determinantes para o sucesso deste processo. Assim, quando se fala em adaptação eficaz, refere-se a um ajustamento global a estes diferentes níveis, que promova o bem-estar físico e psicossocial dos estudantes.

É perceptível que, na medida em que os estudantes passam a estabelecer novas relações, ao deixarem de se sentirem únicos na sua condição, ao verem que são compreendidos e ao estarem progressivamente mais envolvidos no contexto da instituição em que estudam e que muitos inclusive residem, estarão mais propensos a desenvolver uma adaptação eficaz. Passam a compartilhar a sua experiência com outros adolescentes que

também estão vivenciando a mesma situação que eles e isso os ajuda a se fortalecer enquanto grupo, para que todos passem por esta experiência da forma menos estressante possível. E, para isso, precisam de um olhar atento e afetuoso das pessoas que trabalham na instituição para que se sintam mais acolhidos e confiantes, com uma rede de apoio bem estruturada, sabendo que em momentos de dificuldade tem a quem recorrer.

Assim sendo, para as instituições de ensino superior bem como as instituições de ensino médio técnico, que também vivenciam a chegada de estudantes para seus Campus, saindo de casa no início da adolescência para buscar qualificação, é cada vez mais necessário que se atentem ao fato de que não podem preocupar-se apenas com o desempenho acadêmico dos seus estudantes ou com a necessidade de prepará-los para se tornarem sujeitos altamente qualificados. Devem, antes, perspectivá-los de forma global e sistêmica, como indivíduos que vivenciam um processo de transição em diferentes esferas das suas vidas. Importa, pois, procurar alcançar o equilíbrio possível entre os desafios que este novo contexto coloca aos estudantes e as respostas dadas pelas instituições que os recebem (FERNANDES, 2011; SECO et al., 2005).

Ao chegar à nova instituição de ensino, o estudante é confrontado com um conjunto de desafios inerentes à vida acadêmica, que se inicia com a adaptação ao estabelecimento de ensino e ao curso, incluindo aspectos como a reorganização dos novos relacionamentos interpessoais, as exigências cognitivas do estudo, as perspectivas de carreira, entre outros. Este momento também coincide, muitas vezes, com a saída de casa e com a separação dos amigos e familiares, exigindo-se, assim, níveis mais elevados de autonomia da parte do estudante, desde a gestão do seu tempo, das suas tarefas, dos seus recursos econômicos e da sua própria aprendizagem. Desde modo, os desafios da transição e integração acadêmica geram algumas exigências, apelando a níveis adequados de autonomia e maturidade dos estudantes para garantir a sua adaptação e sucesso (ALMEIDA, 2007; GRANADO et al., 2005; JOLY; PRATES, 2011; NOBRE, 2009; TEIXEIRA et al., 2008).

Com efeito, este processo apresenta-se particularmente desafiador, exigindo que os adolescentes se confrontem com múltiplas tarefas e as resolvam de forma bem sucedida para que, assim, possam progredir e desenvolver-se. Nesta fase particular do desenvolvimento, o estudante tenta superar problemas relacionados com as exigências cognitivas e de estudo, com o grau de autonomia aplicado à aprendizagem, com as relações com os professores e colegas, com a gestão do tempo e dos recursos econômicos, com as condições de habitação, com o tipo de alimentação, com o afastamento das amizades anteriores e da família, etc. Através destes desafios, o jovem estudante poderá dispor de uma riqueza de vivências proporcionadas pelo

confronto com uma nova situação, ou, pelo contrário, poderá viver uma experiência marcadamente negativa (ALMEIDA; FERREIRA, 1999; BRITO; FERNANDES, 2011).

A dimensão pessoal da adaptação acadêmica diz respeito essencialmente à pessoa do aluno e exige desafios aos quais o indivíduo deve responder com o estabelecimento de um forte sentido de autonomia, de identidade e também com o desenvolvimento da sua autoestima e das suas competências intelectuais para um maior conhecimento de si próprio e para uma visão pessoal do mundo. Das variáveis pessoais mais presentes nas vivências acadêmicas dos estudantes, destaca-se o relacionamento com a família, o desenvolvimento da autonomia, o desenvolvimento vocacional e a manutenção da saúde e bem-estar (BRITO; FERNANDES, 2011). A qualidade da transição para o ensino superior depende tanto do desenvolvimento psicossocial dos estudantes como também da respectiva instituição universitária, particularmente dos mecanismos de apoio colocados à disposição destes (CUNHA; CARRILHO, 2005, FERNANDES, 2011).

Em um estudo realizado por Teixeira et al., (2008) sobre a adaptação de jovens calouros, foi constatado que as vivências dessas novas experiências longe da família são percebidas como essenciais, e, de certa forma, adquirem uma maior relevância na vida dos indivíduos do que o ingresso na universidade propriamente dito. De fato, observa-se que tais experiências demandam diferentes adaptações em suas vidas. Apesar da presença dos obstáculos advindos do fato de viverem sozinhos ou longe das figuras parentais, essas dificuldades são valorizadas e consideradas parte essencial da experiência de ingresso no ensino superior, pois elas encontram-se associadas à sensação de autonomia e maturidade em suas vidas.

Através do estudo elencado acima, foi possível constatar que o ingresso na universidade gera uma série de mudanças de caráter mais pessoal aos estudantes. Em especial, a saída da casa dos pais traz novas responsabilidades ligadas a tarefas cotidianas que precisam ser realizadas, impulsionando o desenvolvimento da autonomia, pois provoca uma mudança mais radical no contexto devido do jovem, exigindo o desenvolvimento de respostas adaptativas frente a um conjunto de situações desafiadoras relacionadas ao gerenciamento da própria vida, algo já detectado em outros estudos (GOTTLIEB et al., 2007).

Numa tentativa de facilitar esta fase de adaptação, vários estudantes visitam regularmente a casa dos pais e a localidade de origem, onde há não só um sentido de familiaridade como um maior apoio de amigos e familiares. Porém, devido à distância, dificuldade e custos de deslocação até à terra natal, alguns estudantes enfrentam um maior condicionamento nas visitas aos pais e à sua cidade de origem. Nestes casos, há uma

dificuldade acrescida, visto que têm que lidar com todos os fatores ligados à mudança, longe da sua rede de apoio habitual (CANHA, 2009).

As dificuldades oriundas da saída da casa dos pais e ingresso na moradia estudantil, apesar de serem desafiadoras, são valorizadas pelos estudantes entrevistados. Tal experiência é vista como uma oportunidade de crescimento pessoal por se sentirem mais maduros e confiantes após a vivência de um ano neste novo contexto. Rever a família foi um aspecto elencado nas entrevistas realizadas como sendo de grande importância, principalmente nos primeiros meses longe dos pais.

Ir aos finais de semana para a casa dos pais é tido como uma oportunidade de amenizar a saudade, contar as novidades desta nova fase da vida e é também o momento em que os adolescentes, percebendo-se apoiados pela família, sentem-se mais fortalecidos para encarar os desafios da experiência vivenciada com a saída de casa. No entanto, visitar a família regularmente é um privilégio que nem todos podem usufruir, pois a realidade encontrada nas entrevistas mostra que grande parte dos alunos residentes na moradia estudantil vem de cidades bastante distantes da cidade onde fica o Campus em que residem e estudam. Desta forma, necessitando permanecer períodos maiores sem ir visitar os pais, alguns inclusive, só podem reencontrar a família em feriados prolongados em função da distância, o que torna a adaptação ainda mais desafiadora.

No momento em que um estudante abandona a sua residência familiar, todos os membros da família têm que se reorganizar (SILVA; FERREIRA, 2009). Neste período tão importante de transição, a família deve estar disponível para apoiar a adaptação do aluno ao novo contexto de vida e, dessa forma, facilitar o processo de separação/individuação (SILVA; FERREIRA, 2009).

Os autores supracitados defendem que o ajustamento a esta nova fase é feito por toda a família e não apenas pelo estudante. Os pais são uma fonte importantíssima de apoio social e exercem uma grande influência nas decisões em relação às metas educacionais e vocacionais. Referem também que a família acaba por ter um papel positivo que é exercido através dos laços afetivos, da coesão e expressividade e do suporte parental para o desenvolvimento do sujeito (SILVA; FERREIRA, 2009).

Em um curto espaço de tempo, os estudantes vêm-se em locais onde têm poucos amigos ou nenhum, são forçados a lidar com novas fontes de estresse, como o tentar procurar um percurso na cidade ou partilhar a habitação com colegas desconhecidos. Muitos são confrontados, pela primeira vez, com novas responsabilidades, como a gestão de dinheiro e a definição de limites na sua vida social e, assim, aprendem a administrar os seus próprios

assuntos e a assumir responsabilidades de um adulto. Ao mesmo tempo, têm que se ajustar às mudanças na sua rede social de apoio e, desta forma, precisam desenvolver cada vez mais sua autonomia (CANHA, 2009).

A necessidade de autonomia é sentida pelos estudantes entrevistados especialmente em relação ao aprendizado. Estes percebem que é preciso assumir uma atitude ativa frente à aprendizagem, buscando uma organização de seu tempo para dar conta das demandas de um ensino médio técnico e, ao mesmo tempo, veem a importância de procurar oportunidades que estão além da sala de aula, até mesmo para manter-se ocupado por mais tempo, o que, para alguns ameniza a saudade de casa.

Tal exigência por autonomia, contudo, é vivida de formas diferentes. Há os que valorizam essa experiência, vendo nela uma chance de ampliar o potencial do sujeito no âmbito de seus conhecimentos. Porém, outros se sentem desanimados com o nível de exigência dos cursos que frequentam e acabam por abandoná-los, pelo receio de não dar conta da demanda.

O desenvolvimento da autonomia está relacionado com uma boa resolução da separação dos pais. Nesse caso, a confiança será partilhada/transferida para o grupo de colegas, para a instituição de ensino superior e para o social. São os sentimentos de segurança do indivíduo, as suas percepções e o quadro de valores que organizarão e servirão como suporte para o processo de adaptação à universidade e individuação dos pais (NUNES; GARCIA, 2010).

Com isto, pode-se dizer que a autonomia consiste em descobrir, alcançar e desempenhar, da melhor forma, todas as responsabilidades relativas ao futuro e vida própria do estudante do ensino superior. Para tal, o percurso inicia-se com a independência face ao núcleo parental, tendo como apoios os novos colegas e amigos; por outro lado, o percurso continua através da capacidade que os jovens adultos têm para a resolução de problemas ou situações adversas sem que tenham o apoio efetivo dos pais (DINIS, 2013).

Quando se trata de estudantes do ensino médio técnico que vivenciam a experiência de saída de casa na fase inicial da adolescência, a necessidade de tornar-se mais responsável e autônomo é antecipada pelo fato de passarem a ser mais independentes, mesmo tão precocemente, do núcleo familiar. Muitos, aos 14 anos, necessitam encarar a necessidade de dar conta de sua vida, assumindo todas as responsabilidades que a saída de casa acarreta, como tomar decisões, ter responsabilidade com sua nova rotina, com seus horários e ter controle sobre suas finanças.

O ingresso no ensino superior talvez seja a mudança mais difícil com a qual os adolescentes se deparam no decorrer de suas vidas (FELDT et al., 2011). O ambiente acadêmico é permeado por mudanças que exigem um esforço de ajustamento do indivíduo (TEIXEIRA et al., 2008).

Essas transformações requerem do estudante que ele corresponda às cobranças de bom desempenho e se adeque às novas regras da instituição na qual está se inserindo e às pessoas com ela envolvidas, como colegas, professores e funcionários, aspectos estes que também se fazem necessários aos estudantes do ensino médio técnico. Por essa razão, o 1º ano da universidade, assim como numa instituição de ensino médio técnico, deve ter uma atenção especial na recepção dos alunos e no processo de adaptação dos mesmos, sobretudo para os jovens menos preparados para as mudanças ou mais fragilizados em termos psicossociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006).

A relevância psicológica subjacente ao ingresso no ensino superior assenta no fato de que esta transição acarreta consigo uma série de mudanças e de desafios que se juntam às modificações desenvolvimentais exigidas pelo final da adolescência e início da idade adulta (DINIZ; ALMEIDA, 2006; SOARES et al., 2007). Além destes aspectos, é de sublinhar que, em muitos dos casos, o ingresso na universidade tem como consequência a saída de casa e a separação da família, o que pode contribuir para um aumento do stress experienciado pelos alunos (SOARES et al., 2007).

É decisivo o apoio do grupo de pares, da família, do corpo docente e dos funcionários não docentes do estabelecimento de ensino superior (COSTA; LEAL, 2008). Neste sentido, as instituições de ensino superior bem como as de ensino médio técnico devem preocupar-se, também, com a implementação e diversificação de serviços de apoio aos seus estudantes, que permitam cobrir um vasto campo de problemáticas, desde as mais especificamente acadêmicas às mais socialmente abrangentes (SECO et al., 2005).

O 1º ano do estudante na instituição é considerado um período crítico, pois exige adaptação e integração ao novo ambiente. O modo como é vivenciada esta experiência depende tanto do apoio recebido da instituição como das características individuais de cada um. A associação destes fatores é de extrema relevância para o ajustamento acadêmico, podendo tanto ajudar como prejudicar a boa adaptação, se mal conduzido (CUNHA; CARRILHO, 2005).

Efetivamente, cada vez é maior o número de instituições de ensino sensíveis à importância que a existência de determinados fatores promotores de uma transição e adaptação eficazes, como os serviços de apoio, pode ter no combate ao insucesso e abandono

escolar. Assim, se assiste atualmente a uma aglomeração de esforços no sentido de desenvolver gabinetes de apoio nas instituições de ensino, com o objetivo de acompanhar e auxiliar na resolução das tarefas pessoais e desenvolvimentais destes alunos. No entanto, trata-se de um processo moroso e dispendioso, existindo ainda instituições sem este tipo de apoio e outras que já tiveram mas não conseguiram mantê-lo (STOCKER, 2008).

Com essa perspectiva, a instituição de ensino superior tem vindo, ao longo dos últimos anos, a assumir um papel ativo e responsivo em relação à qualidade da experiência universitária do estudante e na adaptação do mesmo ao ensino superior, procurando, a partir de programas e serviços de apoio (por exemplo: psicológico e pedagógico): fomentar o envolvimento do estudante nas atividades e experiências acadêmicas, pessoais, curriculares e/ou extracurriculares; promover o desenvolvimento pessoal, psicossocial e a saúde mental do estudante; estimular e maximizar as suas competências cognitivas; desenvolver métodos de estudo e de ensino-aprendizagem e estratégias focadas na resolução dos seus problemas; prevenir e controlar fatores de risco; e intervir terapêuticamente em psicopatologias impeditivas de uma adaptação saudável do estudante no ensino superior (CUNHA; CARRILHO, 2005; FERNANDES, 2011, MONTEIRO, 2008; SECO et al., 2005; SOARES et al., 2011).

Afinal, estar em um local diferente, com pessoas até então desconhecidas, sem dúvida é um desafio; daí a importância de um bom acolhimento, procurando proporcionar a pessoa que está chegando se sentir bem recebido, em um ambiente acolhedor e com pessoas dispostas a auxiliá-las, tendo em vista que, em sua maioria, descrevem a sensação de se sentirem sozinhas em meio a tantas pessoas como uma das maiores angústias sentidas ao se deparar com a chegada na moradia estudantil.

O Campus onde foi realizada a pesquisa tem uma estrutura de apoio disponibilizada aos estudantes através do CAE (Coordenação de Assistência Estudantil). A moradia estudantil está vinculada ao CAE, que compreende o setor de assistência estudantil, setor de alimentação e nutrição e o setor de orientação educacional, o qual coordena também as atividades da lavanderia, da moradia estudantil e do Centro de Saúde do Campus, que oferece os serviços de atendimento médico, enfermagem, odontologia e psicologia gratuitamente aos discentes, sendo este também visto como um fator de grande importância, pensando na proteção e cuidados dos mesmos, diante de qualquer necessidade que poderiam se sentir mais fragilizados e até mesmo desamparados longe de seus familiares.

O ajustamento ao contexto universitário deve ser considerado como um processo multifacetado, construído no cotidiano das relações estabelecidas entre o aluno e a instituição.

Por um lado, aspectos relativos ao universitário, como sua história de vida, suas expectativas, habilidades e demais características e a qualidade do esforço estudantil, representados pelo envolvimento com a sua própria aprendizagem e desenvolvimento, desempenham um importante papel na integração do aluno com o ambiente acadêmico. Os componentes da instituição, isto é, sua comunidade, sua estrutura e elementos organizacionais, também são essenciais, podendo facilitar ou não esse processo (IGUE et al., 2008). Atividades de integração e serviços de apoio ao estudante (pedagógico, psicossocial) provavelmente podem contribuir para melhorar a apreciação do estudante sobre a instituição que frequenta (SARRIERA et al., 2012).

Para tanto, é necessário olhar o estudante de forma diferenciada e acolhedora, principalmente no momento do seu ingresso no curso superior, por ser o 1º ano de graduação um período crítico para o seu desenvolvimento e o seu ajustamento acadêmico. Em atenção especial a alunos recém-chegados ao ensino superior, a universidade deveria implementar programas de intervenção psicopedagógica que pudessem facilitar a adaptação acadêmica e minimizar o impacto educacional da universidade nestes estudantes. Estas estratégias podem envolver várias atividades com o objetivo de desenvolvimento pessoal do estudante, capacitando-o tanto para as suas aprendizagens acadêmicas como para o desenvolvimento da sua personalidade (CUNHA, 2004; VILLAR, 2003).

As estratégias de apoio psicossocial direcionadas aos alunos do 1º ano do curso universitário poderiam ser elaboradas de diversas formas e conteúdos com o objetivo de proporcionar ao estudante a oportunidade de estimular o desenvolvimento do seu potencial e melhorar o ajustamento à vida universitária (CUNHA; CARRILHO, 2005). No que diz respeito à organização deste tipo de serviços de apoio, diversos autores (AZEVEDO, 2005; COSTA, 2000) chamam a atenção para a importância de desenvolver estratégias em três níveis diversos: desenvolvimental – promover o desenvolvimento e adaptação de todos os estudantes (com ou sem dificuldades); preventivo – identificar e controlar fatores de risco; e remediativo – apoio a estudantes que estejam vivenciando dificuldades pessoais e/ou acadêmicas (STOCKER, 2008).

A entrada no ensino superior vai implicar reorganizações em termos pessoais e sociais, as quais são vividas por alguns estudantes com euforia e satisfação e por outros com ansiedade e desânimo. Ao ter de lidar com uma nova diversidade de situações, ambientes e interações (com novos colegas, funcionários e professores), o adolescente vai sentir necessidade de reorganizar e refazer a sua rede de suporte social, processo que implica

algumas modificações nas relações interpessoais constituídas e estruturadas até aí, as quais permanecem, no entanto, como fontes importantes de apoio (SECO et al., 2005).

É sabido que a entrada no ensino superior acarreta um afastamento das relações interpessoais estabelecidas na infância e na adolescência para muitos acadêmicos. Assim, surge a necessidade de estabelecer novas amizades e relações que possam servir de suporte social (BENSON, 2007; CREDÉ; NIEHORSTER, 2012; SOARES et al., 2007), já que o estabelecimento de relações satisfatórias são preditoras de um ajustamento acadêmico efetivo (BENSON 2007; OLIVEIRA et al., 2010).

A partir da transição para a universidade, que seguidamente acarreta um distanciamento da unidade familiar, os adolescentes começam a procurar o apoio de amigos para ajudá-los em um período de novas vivências e adaptações. Ter um amigo a quem se possa recorrer quando se precisa de apoio auxilia na adaptação acadêmica e no ajuste emocional do adolescente, ou seja, há uma associação positiva entre apoio social e bem-estar emocional (SWENSON et al., 2008).

No ensino médio técnico não é diferente, o momento de ingresso na instituição associado a saída da casa dos pais e distanciamento de sua família e amigos requer que novas amizades sejam construídas na base de um conjunto bastante alargado e heterogêneo de colegas desconhecidos. O estreitamento dos laços entre os estudantes permite o compartilhamento de expectativas, interesses e problemas, o que facilita a adaptação. Além do sentimento de pertencer a um grupo, as amizades possibilitam a partilha de experiências e o apoio em caso de dificuldades.

Os laços de amizade estabelecidos nessas primeiras experiências no Campus são percebidos como sendo de grande importância pelos calouros. Há uma expectativa em relação às novas amizades que serão formadas. O estreitamento dos laços entre os estudantes permite o compartilhamento de expectativas, interesses e problemas, facilitando a adaptação (TEIXEIRA et al., 2008). Esses vínculos podem colaborar para o bem-estar dos adolescentes a partir da criação de uma rede de suporte emocional fora da família por meio do apoio em casos de dificuldade e do compartilhamento de expectativas, interesses, problemas e experiências (PITTMAN; RICHMOND, 2008; ROSIN, 2014).

Nesse sentido, a turma desempenha a função de apoio afetivo e acadêmico para auxiliar os estudantes em situações problemáticas (TEIXEIRA et al., 2008). O adolescente procura a segurança em seu grupo de companheiros de idade, que se encontra também em fase de mudanças. A ligação grupal adquire grande importância, uma vez que se transfere ao

grupo parte da dependência que anteriormente mantinha com os pais e a estrutura familiar (CAMPOS, 2010).

A entrada na universidade provoca uma mudança radical no contexto de vida dos adolescentes que passam a viver longe das figuras parentais. Quando o adolescente sabe que terá apoio de seus colegas no compartilhamento de angústias e resolução de problemas, sua ansiedade diminui e a adaptação à nova rotina é mais fácil (TEIXEIRA et al., 2008). A divisão de experiências entre aqueles que já vivenciaram a etapa inicial do curso e os que a estão vivenciando agora é percebida como fonte importante de conforto emocional e tranquilidade (TEIXEIRA et al., 2007).

Nesse sentido, os vínculos afetivos com os colegas, as relações com os professores, as atividades extraclasse e o desenvolvimento de estratégias para lidar com as frustrações e dificuldades são fatores importantes na experiência de adaptação. A vivência trazida pelos universitários mostrou que os vínculos afetivos com os colegas são essenciais para a adaptação (TEIXEIRA et al., 2008), o que é evidenciado também nos relatos trazidos pelos estudantes do ensino médio técnico sobre a importância de se fortalecer através de novas amizades no período de adaptação.

Os docentes, por sua vez, auxiliam na adaptação acadêmica através da capacidade de ensinar, que colabora para que o aluno goste do curso e permaneça neste. O comprometimento com a vida acadêmica, bem como a interação social dos alunos, contribui para a permanência dos estudantes em seus cursos (TEIXEIRA et al., 2007). No ensino fundamental e médio, é estabelecida uma relação de cuidado entre os professores e os alunos, pois se trata de uma interação entre um adulto e uma criança ou adolescente (HAGENAUER; VOLET, 2014).

Além do grupo, os professores e as oportunidades de envolvimento acadêmico extraclasse também foram citados como elementos que favorecem a adaptação, como revelam outras pesquisas (BARDAGI; HUTZ, 2012; FIOR; MERCURI, 2003; PASCARELLA; TEREZINI, 2005). Paralelamente à relação professor-aluno, as atividades extracurriculares também auxiliam na adaptação, na medida em que possibilitam aos alunos integrar-se ainda mais à dinâmica do curso, conhecendo mais colegas e professores e ainda tendo a oportunidade de explorar aspectos da formação não contemplados nas aulas (FIOR; MERCURI, 2003).

As atividades acadêmicas não obrigatórias ocupam um lugar de destaque no processo de adaptação ao curso para os alunos que se envolvem nesse tipo de experiência. Tais atividades exigem responsabilidade e oportunizam contato com outros estudantes e

professores. Ao participar de projetos e pesquisas, os acadêmicos têm a oportunidade de conhecer novas realidades, o que os motiva em relação à vida acadêmica (TEIXEIRA et al., 2008).

A tarefa familiar em relação ao ajustamento ao ambiente acadêmico parece estar relacionada com a disponibilidade para apoiar a adaptação ao novo contexto de vida que se apresenta para o estudante, bem como com a facilitação do processo de separação-indivuação (SILVA; FERREIRA, 2009). A percepção de apoio emocional por parte dos pais e o diálogo familiar sobre a vida na universidade podem contribuir para que o jovem se adapte ao meio universitário. Ademais, jovens que desenvolvem sentimentos positivos em relação à separação dos pais, na maioria dos casos, quando comparados a discentes que se sentem mais dependentes de seus genitores em termos psicológicos, se ajustam melhor à vida acadêmica (TEIXEIRA et al., 2008).

Reconhece-se também, neste estudo, através da percepção e experiências dos adolescentes do ensino médio técnico, a importância da ligação afetiva e do suporte através do apoio das figuras parentais e demais familiares. Além disso, o apoio e incentivo dos professores é visto como fator de colaboração para a adaptação. Também se faz importante a demonstração de confiança para com o filho, para o desenvolvimento da autonomia e da individuação, para a promoção do desenvolvimento pessoal e para a adaptação a este novo contexto de vida.

A família parece desempenhar um papel crucial no modo como o adolescente percebe e vivencia os novos contextos de interação. Para poder auxiliar de forma efetiva os filhos que passam por esta experiência, os adolescentes sugerem que a própria instituição possa orientar os pais de como devem proceder no período de adaptação dos filhos, bem como essa fase pode tornar-se menos ansiogênica também para os familiares.

A transição do jovem para uma nova e importante etapa de sua vida é encarada como uma tarefa de desenvolvimento familiar, com exigências ao nível das novas tarefas que todos os membros terão de enfrentar, no sentido da promoção do funcionamento e do bem-estar sistêmico e pessoal de cada membro. Quando o jovem sai de casa para frequentar uma instituição, seja de ensino superior ou de ensino médio técnico, todos os membros da família têm de se reorganizar.

Há evidências de que um número significativo de calouros enfrenta problemas para se adaptar à universidade (ALMEIDA; SOARES, 2003). Os adolescentes que moram na própria universidade podem experimentar sintomas relacionados à depressão e apresentar índice

médio de ansiedade mais elevado do que o da população geral (CARLOTTO, 2013; OSSE; COSTA, 2011).

Situações típicas desse período de transição, como a saída de casa, alterações nas redes de amizade, exigências sociais de uma maior autonomia, dificuldades em lidar com a ausência de afeto, necessidade de constante aprovação por parte dos pares, cobrança pelo bom desempenho acadêmico, problemas em administrar o tempo de forma adequada e outras demandas impostas pelo ensino superior, por vezes, podem se constituir em importantes estressores para esses adolescentes (SOARES et al., 2007). Tem-se verificado que questões relacionadas ao gerenciamento inadequado do tempo, à carga horária excessiva dos cursos, a realização de provas e as dificuldades enfrentadas em apresentar trabalhos em sala de aula também podem representar problemas para os adolescentes (CARLOTTO, 2013).

Questões relacionadas ao retraimento social e a falta de habilidade para lidar com a autonomia proporcionada por esse novo momento de vida, a partir da saída de casa, podem explicar, em parte, as dificuldades de alguns alunos em morar longe dos pais (CARLOTTO, 2013). Assim, algum nível de estresse acompanha sempre a entrada na universidade, incitando-os a adaptar-se, a aprender e a desenvolver-se (FERNANDES, 2011).

Quando o indivíduo sente-se bem, devido às relações de afetividade saudáveis que estabelece, melhor se adapta a circunstâncias novas, visto que a rede de apoio tem a função de ser um fator minimizante do estresse. Quando os eventos estressores não podem ser evitados, seus efeitos são menores, o que causa menor prejuízo à saúde psicológica do indivíduo. Assim, as relações de afetividade ou de cuidado e atenção, fornecidos pela família, fazem com que o indivíduo sinta-se amado, cuidado e seguro, o que contribui para a sensação de coerência e controle sobre sua vida, fatores que causam impactos positivos na adaptação acadêmica (SOUZA, 2010).

Pensando na adaptação dos estudantes recém-chegados, é necessário que os cursos estimulem a integração social dos alunos, na medida em que o grupo tem um papel fundamental na construção da identidade dos novos universitários e também na construção de uma rede de apoio afetivo e acadêmico que possa auxiliá-los em caso de dificuldades. Atividades de integração podem ser propostas dentro de cada curso e também entre os cursos, promovendo o contato dos alunos com diversidade de ideias e pessoas (TEIXEIRA et al., 2008).

O primeiro ano universitário é o período crítico no qual ocorre a maior parte dos abandonos de curso (REASON et al., 2006), um fenômeno que traz prejuízos tanto para os alunos quanto para as instituições. Nesse sentido, ter amigos que frequentam o mesmo curso

parece facilitar o processo de integração social nas primeiras semanas, pois se tornam referências no ambiente novo. O compartilhamento de experiências com os pares gera a oportunidade de um apoio mútuo (SWENSON et al., 2008).

Em um estudo realizado por Cervinski e Enricone (2012), com dezessete estudantes de diferentes cursos de uma universidade da região norte do Rio Grande do Sul, o qual teve como objetivo conhecer a percepção de calouros universitários em relação ao processo de adaptação ao sair da casa dos pais para cursar o ensino superior, percebeu-se que os aspectos pessoais eram os mais influentes no processo adaptativo após a saída da casa dos pais. Houve referências a momentos de angústia, dificuldade em tomar decisões e ansiedade, os quais poderiam estar ligados ao fato de que, enquanto residiam com os pais, eram estes que decidiam por toda a família e, ao sair de casa, seriam os próprios adolescentes quem tomariam as decisões, o que poderia desencadear um nível de ansiedade maior.

A literatura entende a integração de aspectos pessoais, sociais e acadêmicos como a principal influência no processo de adaptação à universidade (CREDÉ; NIEHORSTER, 2012; FELDT et al., 2011; IGUE et al., 2008; SILVA; FERREIRA, 2009; TEIXEIRA et al., 2007). No âmbito social, a relação com genitores (SILVA; FERREIRA, 2009; TEIXEIRA et al., 2008), colegas (BARDAGI; HUTZ, 2012; BENSON, 2007; STEARNS et al., 2009; PITTMAN; RICHMOND, 2008; SWENSON et al., 2008; TEIXEIRA et al., 2008) e professores (BARDAGI; HUTZ, 2012; TEIXEIRA et al., 2008) podem tanto gerar experiências positivas quanto negativas nas vivências universitárias. Da mesma forma, a qualidade da relação que o universitário mantém com a instituição (IGUE et al., 2008; MATTANAH et al., 2010; SOARES et al., 2009) e a sua propensão a se envolver em atividades extracurriculares (BARDAGI; HUTZ, 2012; FIOR; MERCURI, 2003; SANTOS et al., 2011; STEVENSON; CLEGG, 2011) são fatores que também influenciam na adaptação à universidade.

Normalmente, o estudante que está mais bem adaptado consegue aproveitar em maiores proporções as oportunidades oferecidas pela universidade para sua formação profissional e desenvolvimento psicossocial (TEIXEIRA et al., 2008). Considera-se concluído o processo de adaptação quando o estudante passa a ser parte integrante da comunidade educativa na qual está inserido (IGUE et al., 2008). Quando este processo de adaptação é conseguido de forma eficaz, pode ser preditor de persistência e sucesso dos alunos ao longo do seu percurso acadêmico (CUNHA; CARRILHO, 2005; GRANADO et al., 2005).

Percebe-se que a necessidade de programas voltados a toda a comunidade estudantil se faz presente bem como uma atenção para a subjetividade de cada estudante. Articular as duas

dimensões significa a participação ativa de cada um e de todos, na responsabilidade sobre a construção do ambiente relacional em que vivem, bem como a produção de bem-estar e qualidade de vida na adaptação a nova instituição e a moradia estudantil (OSSE, 2008). Portanto, a instituição deve preocupar-se em prover informações de qualidade aos estudantes recém-chegados, além de dar apoio efetivo para que o aluno possa usufruir corretamente e sem dificuldades dos benefícios que a instituição oferece, facilitando a ambientação do estudante à instituição e suas rotinas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo compreender como adolescentes que saem de suas cidades de origem no 1º ano do ensino médio técnico vivenciam a necessidade de se adaptar às novas demandas que se impõem ao sair da casa dos pais e passar a residir na moradia estudantil, bem como identificar quais fatores facilitam e dificultam a adaptação destes adolescentes a este novo contexto que estão inseridos. Acredita-se que este estudo conseguiu atingir os objetivos a que se propôs.

Pensando em todas as questões elencadas neste estudo, compreende-se a gama de adaptações necessárias a partir do momento que o adolescente ingressa no ensino médio técnico, sai da casa dos pais e passa a residir na moradia estudantil. Ao ingressar neste novo contexto, é requerida a adaptação a um novo espaço, a nova cidade, a novos funcionários, professores, colegas e, não raras vezes, amigos e companheiros de casa e/ou quarto e ainda, adaptação às novas regras, um nível de ensino mais avançado, o que requer mais comprometimento e dedicação por parte dos estudantes, em função do número maior de disciplinas, das novas exigências, estilos de aprendizagem e de avaliação. Enfim, toda uma série de mudanças que não dependem apenas dos fatores pessoais dos estudantes, mas, também, de fatores contextuais que são determinantes para o sucesso deste processo. Assim, quando se fala em adaptação eficaz, refere-se a um ajustamento global a estes diferentes níveis que promova o bem-estar físico e psicossocial dos estudantes.

Nesta mudança, estão presentes alterações em nível de apoio, do sentido de familiaridade, e envolvem uma adaptação não só ao local de chegada, como uma adaptação a diferentes pessoas e situações. Dentre os fatores que facilitam a adaptação dos estudantes, estão o apoio familiar, a socialização (fazer novas amizades), a boa relação com pares (colegas de aula e de quarto), a persistência do aluno ingressante, o incentivo dos pais e professores, as bolsas de auxílio e permanência, bem como a qualidade do ensino e as

oportunidades oferecidas pela instituição como monitoria e atividades extracurriculares. Como fatores que dificultam a adaptação foram citados a saudade de casa, a carga horária extensa com dois turnos de aula, o número elevado de disciplinas (receio de obter reprovação no curso), falta de privacidade na moradia estudantil, a dificuldade de convivência estando entre quase dez estudantes por quarto e as regras estabelecidas pela moradia estudantil (horários estabelecidos, etc.).

Fica evidenciada a necessidade de a instituição estar atenta ao acolhimento destes estudantes, oferecendo momentos informais de troca de experiências e diálogo entre os estudantes que chegam, procurando integrá-los ao Campus e aos demais estudantes. Referenciam como de suma importância as palestras iniciais promovidas pela instituição que fornecem informações importantes sobre o funcionamento dos cursos e da instituição de modo geral, facilitando a ambientação dos recém-chegados. Os relatos deixam evidente a importância que um contexto acadêmico bem estruturado em termos de informação e apoio tem para uma boa adaptação no início do curso.

Mostra-se ainda relevante que os estudantes aproveitem as oportunidades oferecidas pela instituição. As atividades extracurriculares podem, também, de alguma forma, auxiliá-los em sua adaptação, tais como participação em internada artística, grupo de jovens, frequentar a sala de convivência (sala com televisão e jogos), ampliando, desta forma, seu círculo de amizade e rede de apoio.

No que se refere à moradia estudantil, é unânime entre os estudantes o fato de que uma das maiores aprendizagens adquiridas na moradia estudantil é o conceito de coletividade. Essa experiência vivenciada proporciona a eles a oportunidade de aprender com as diferenças, através da convivência diária com outros adolescentes oriundos dos mais diversos lugares, tornando-os mais tolerantes e compreensivos pela necessidade de dividir o espaço.

Outro fator elencado é a possibilidade de fazer amizades com mais facilidade estando na moradia, sendo a socialização e a troca de experiências e vivências construídas coletivamente um aspecto inerente que vem a agregar na vida dos moradores. Após a vivência desta experiência de saída da casa dos pais e ingresso na moradia estudantil, em sua maioria aos 14 anos de idade, os adolescentes se veem com mais maturidade e mais seguros de si.

Diante do que foi exposto nas entrevistas, percebe-se que o apoio parental, os vínculos afetivos com os colegas bem como as novas relações estabelecidas através da convivência com outros adolescentes que passam pela mesma experiência na moradia estudantil, as relações com os professores e demais servidores do Campus, o apoio recebido pelos profissionais do CAE, são fatores importantes na facilitação ou inibição da adaptação dos

estudantes ingressantes do ensino médio técnico. Muitos destes fatores estão também presentes na literatura referente à adaptação acadêmica, o que reforça a crença de que essa experiência, apesar das peculiaridades de cada nível de ensino e de fase da vida em que se encontram os adolescentes, são experiências muito semelhantes, uma vez que estes aspectos também foram mencionados nas entrevistas realizadas para esta pesquisa.

Torna-se relevante ter conhecimento que, uma vez que o adolescente ingressa nesta instituição na qual foi realizado o estudo e neste nível de ensino, o discente se depara, inevitavelmente, com um novo contexto, que é permeado por características próprias desse nível de formação, características estas que requerem uma série de adaptações, tendo como diferencial o fato de estarem na fase inicial da adolescência e, por isso, necessitando de uma atenção especial.

Foi constatado que, para lidar com as dificuldades em nível escolar que se apresentam, como desempenho em disciplinas e problemas burocráticos, os estudantes recorrem aos pares e professores como principais fontes de apoio. Já para problemas de natureza mais emocional, como, por exemplo, dificuldades em viver sozinho ou adaptar-se a nova rotina, os discentes priorizam a ajuda dos pais e outros parentes próximos.

Também se percebeu a importância de a instituição ter estruturado uma rede de apoio através do CAE (Coordenação de Assistência Estudantil), o que possibilita o provimento de informações de qualidade aos estudantes e o oferecimento de apoio efetivo para que o aluno possa usufruir corretamente e sem dificuldades dos benefícios que a instituição oferece, assim facilitando a ambientação do estudante à instituição e suas rotinas. Deverá ser cada vez mais ativo o trabalho deste setor, dando uma atenção especial ao estudante recém-chegado, procurando promover maneiras para que o mesmo se sinta acolhido e pertencente aquele lugar.

Faz-se necessário dar um olhar especial à sua adaptação e integração com os colegas, colocando-se disponível para o diálogo e oportunizando ao estudante conhecer a instituição em que ele agora faz parte e passa a ser também a sua nova “casa”. Esta é uma realidade já vivida por muitos que, ao buscar a qualificação técnica a nível de ensino médio necessitam deixar suas cidades de origem e o convívio com os familiares e passar a residir na moradia estudantil do Campus.

Essa nova experiência para os adolescentes vai implicar reorganizações em termos pessoais e sociais, as quais são vividas por alguns estudantes com euforia e satisfação frente ao novo e por outros com ansiedade e insegurança. Ao ter de lidar com uma nova diversidade de situações, ambientes e interações, é provável que o adolescente irá sentir necessidade de

reorganizar e refazer a sua rede de suporte social. Portanto, a instituição de ensino onde o estudante ingressa possui o importante papel de acolher e dar o suporte necessário a esses estudantes para que continuem a desenvolver plenamente suas potencialidades.

Para amenizar os efeitos da saída da casa dos pais, principalmente para os alunos recém-chegados e, sobretudo, para os que “deixaram a residência mãe”, parecem ser importantes algumas iniciativas de acolhimento, que passam pelo conhecimento da cidade onde se situa a instituição e respectiva comunidade envolvente, pela apresentação ou “visita-guiada” à própria instituição e, ainda, pela explicitação da estrutura curricular do curso em que se matricularam e do regulamento de avaliação. Também seria interessante propor a troca de experiências entre os recém-chegados e os veteranos, principalmente os que também haviam saído de casa em anos anteriores e são residentes da moradia estudantil, através de rodas de conversa informais, o que facilitaria ainda mais a integração entre os estudantes.

Todas estas atividades poderiam estar inseridas em uma semana de recepção aos calouros, abrangendo uma programação especial de acolhimento aos alunos que estão chegando, com vistas a auxiliá-los em sua adaptação. Apesar de, provavelmente, toda esta informação se encontrar disponível na internet, é importante dar um rosto, ou melhor, vários rostos a este processo que permitirá ao aluno, a pouco e pouco “sentir-se em casa” (SECO et al., 2007).

Muito ainda se tem para entender sobre a adaptação do aluno do ensino médio técnico. Diante do que foi exposto, foi possível compreender que a boa adaptação está permeada de vários fatores que envolvem desde o desenvolvimento emocional do sujeito até ações institucionais devido ao ingresso em um mundo de desafios, liberdade e crescimento, no qual o indivíduo deve apresentar maior autonomia e responsabilidades para as quais pode ainda não estar preparado.

Este trabalho representa o início, mas não encerra o debate sobre adaptação no ensino médio integrado; pelo contrário, as discussões para sua continuidade são necessárias. De toda forma, novas pesquisas são necessárias para explorar de modo mais aprofundado os aspectos envolvidos na adaptação evidenciados neste estudo. Este estudo apresenta limitações, sobretudo pela reduzida amostra de informantes e pela utilização de entrevista como instrumento de coleta de dados que, por possuir um roteiro pré-estabelecido, pode limitar e/ou direcionar o discurso do adolescente.

Apesar das limitações apontadas, espera-se que este estudo possa contribuir para uma melhor compreensão sobre o processo de adaptação do estudante ao ensino médio técnico. Tal

contribuição se dá principalmente tendo em vista a dificuldade de se encontrar estudos que tratam desta temática no ensino médio, sendo a maioria referente ao ensino superior.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação acadêmica e xito escolar no ensino superior. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e Educación**, Coruña, Espanha, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2007. Disponível em: <[http://ruc.udc.es/bitstream/2183/7078/1/RGP\\_15-14\\_Cong.pdf](http://ruc.udc.es/bitstream/2183/7078/1/RGP_15-14_Cong.pdf)>. Acesso em: 2 mar.2015.
- ALMEIDA, L. S.; FERREIRA, J. A. A adaptação e rendimento académico no ensino superior: Fundamentação e validação de uma escala de avaliação e vivências académicas. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, v. 4, n. 1, p. 157-170, 1999.
- ALMEIDA, M. E. G. de; MAGALHÃES, A. S. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista brasileira de orientação profissional**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-214, dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902011000200008&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902011000200008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral, 2003. p. 15-40.
- ARAUJO, R. M. D. L.; RODRIGUES, D. D. S. Filosofia da Práxis e ensino integrado: para além da questão curricular. **Revista Trabalho e educação**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 11-21, jan./abr., 2011. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/536/671>>. Acesso em: 16 dez. 2015.
- ARROYO, M. G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- AZEVEDO, A. **Motivação e sucesso na transição do ensino secundário para o ensino superior**. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Porto, Porto, 2005.
- BAKER, R. W.; SIRYK, B. Measuring adjustment to college. **Journal of Counseling Psychology**, v. 31, p. 179-189, 1984.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária. **Psico**, v. 43, n. 2, p. 174-184, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7870/8034>>. Acesso em: 4 jan. 2016.
- BENSON, J. E. Make new friends but keep the old: peers and the transition to college. **Interpersonal Relations Across the Life Course Advances in Life Course Research**, v. 12, p. 309-334, 2007.

BEVILAQUA, R.; CARVALHO, E. P. Ensino médio integrado à educação profissional: concepções e desafios no Instituto Federal Farroupilha-Campus São Vicente do Sul. **Diálogo e integração**, v. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/gc/anexos/diartigos2.pdf>>. Acesso em: 6 jan.2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação profissional técnica de nível médio integrada ao Ensino Médio-Documento base**. Brasília, 2007. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento\\_base.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf)>. Acesso em 17 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008**: institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 30 dez. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm)>. Acesso em: 09 dez.2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução n. 2, de 30 de janeiro de 2012**: define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Disponível em: <[http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao\\_ceb\\_002\\_30012012.pdf](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_ceb_002_30012012.pdf)>. Acesso em: 05 nov.2014.

\_\_\_\_\_. a. **Resolução nº 466/12 de 12 de dezembro de 2012**: Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

BRÊTAS, J. R. S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta Paul Enferm.** v. 21, n. 3, p. 404-11, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/04.pdf>>. Acesso em: 19 dez.2015.

BRITO, R.; FERNANDES, V. **Vivências adaptativas e desempenho acadêmico dos estudantes cabo-verdianos da Universidade de Coimbra**. 2009. 193 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra, 2009.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CANHA, J. I. E. **Adaptação, saudades de casa e sintomatologia depressiva nos estudantes deslocados**. 2009. 51 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa, 2009.

CARLOTTO, R. C. **Adaptação acadêmica e coping em estudantes universitários**. 2013. 82 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013.

CÊA, G.S.S. A reforma da educação profissional e o ensino médio integrado: tendências e riscos. In: 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em Educação (ANPED). **Anais...** Caxambu: ANPED, 2005. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT09-2565--Int.pdf>>. Acesso em: 13 dez.2015.

CERVINSKI, L. F.; ENRICONE, J. R. B. Percepção de calouros universitários sobre o processo de adaptação ao sair da casa dos pais. **Perspectiva**, Erechim. v. 36, n. 136, p. 101-110, dezembro/2012. Disponível em: <[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/136\\_311.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/136_311.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2015.

COSTA, C. Criação do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). In: SOARES, A. P. et al. (Orgs.). Transição para o ensino superior. Conselho Académico, p. 129-132. Braga, Universidade do Minho, 2000.

COSTA, A. M. R. **Integração do ensino médio e técnico: percepções de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará-IFPA/Campus Castanhal**. 2012. 122 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

COSTA, E. S.; LEAL, I. Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior: Avaliar para intervir. In: LEAL, I. et al. (Orgs.). 7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde (p. 213-215). **Actas**, Porto, Universidade do Porto, 2008. Disponível em: <<http://www.isabel-leal.com/Portals/1/PDFs/7congresso/vii-congresso-saude-pp-213-216.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

CREDÉ, M.; NIEHORSTER, S. Adjustment to college as measured by the student adaptation to college questionnaire: a quantitative review of its structure and relationships with correlates and consequences. **Educational Psychology Review**, v. 24, p. 133-165, 2012.

CUNHA, S.M. **A inteligência e as habilidades sociais na adaptação de alunos ao curso superior: um estudo com alunos do 1º ano do Instituto Militar de Engenharia**. Dissertação (Mestrado). Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: RJ, 2004.

CUNHA, S. M.; CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico: Adaptação e o rendimento acadêmico. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.9, n.2, p. 215-224, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a04.pdf>>. Acesso em: 6 jan.2016.

DAVIM, R.M.B. et al. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Revista Rene**. Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun. 2009. Disponível em: <[http://www.revistarene.ufc.br/vol10n2\\_pdf/a15v10n2.pdf](http://www.revistarene.ufc.br/vol10n2_pdf/a15v10n2.pdf)>. Acesso em: 9 dez.2015.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DIEESE. **Qualificação profissional e mercado de trabalho: reflexões e ensaios metodológicos construídos a partir da pesquisa de emprego e desemprego**. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. São Paulo, SP, 2011.

- DINIS, A.C. A. R. **Adaptação acadêmica, apoio social e bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior: um estudo nas residências universitárias.** 2013. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Coimbra, 2013.
- DINIZ, A. M.; ALMEIDA, L. S. Adaptação à universidade em estudantes de primeiro ano: estudo diacrónico da interacção entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. **Análise Psicológica**, v. 24, n. 1, p. 29-38, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/154/1/AP%2024%281%29%20%282006%29%2029-27.pdf>>. Acesso em: 27 nov.2015.
- FELDT, R. C.; GRAHAM, M.; DEW, D. Measuring Adjustment to College: Construct Validity of the Student Adaptation to College Questionnaire. **Measurement and Evaluation in Counseling and Development**, v. 44, n. 2, p. 92-104, 2011.
- FERNANDES, V. M. P. **Adaptação académica e autoeficácia em estudantes universitários do 1º Ciclo de Estudos.** 2011. 165 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2011.
- FIOR, C. A.; MERCURI, E. Formação universitária: o impacto das atividades não obrigatórias. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Estudante universitário: características e experiências de formação.** Taubaté: Cabral, 2003. p. 129-154
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro. n. 24, p. 17-27, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003)>. Acesso em: 10 mar.2015.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. A. C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 50-59, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a07.pdf>>. Acesso em: 16 nov.2015.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOTTLIEB, B. H., STILL, E.; NEWBY-CLARK, I. R. Types and precipitants of growth and decline in emerging adulthood. **Journal of Adolescent Research**, v. 22, p. 132-155, 2007.
- GRAF, L. P.; DIOGO, M. F. Projeções juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 1, p. 71-82, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203014934009>>. Acesso em: 14 dez.2015.

GRANADO, J. I. F. et al. Integração acadêmica de estudantes universitários: Contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. **Psicologia e Educação**, v. 2, n. 4, p. 31-41, 2005. Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12089/1/Granado%2c%20Santos%2c%20Almeida%2c%20Soares%20%26%20Guisande%2c%202005.pdf>>. Acesso em: 20 fev.2015.

HAGENAUER, G.; VOLET, S. E. Teacher–student relationship at university: an important yet under-researched field. **Oxford Review of Education**, v. 40, n. 3, p. 370-388, 2014.

Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/03054985.2014.921613>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

IGUE, E. A.; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF**, v. 2, n. 13, p. 155-164, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousf/v13n2/v13n2a03.pdf>>. Acesso em: 9 dez.2015.

JOLY, M. C. R. A.; PRATES, E. A. R. Avaliação da Escala de Motivação Acadêmica em estudantes paulistas: propriedades psicométricas. **Psico-USF**, v.16, n. 2, p. 175-184, 2011.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v16n2/v16n2a06.pdf>>. Acesso em: 13 dez.2015.

KLEIN, A. M. **Projetos de vida e escola: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida.** 2011. 292 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KUENZER, A. Z. O ensino médio no plano nacional de educação 2011-2020: superando a década perdida? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 851-873, jul.-set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/11.pdf>>. Acesso em: 12 nov.2015.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio.

**Caderno Cedes**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 253-273, maio-ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n84/a06v31n84.pdf>>. Acesso em: 27 dez.2015.

MACHADO, L. R. S. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Brasília, v.1, n.1, p.8-22, jun. 2008. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev\\_brasileira.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf)>. Acesso em: 22 nov.2015.

MAIA, A. A. R. M.; MANCEBO, D. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 376-389, 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n2/v30n2a12.pdf>>. Acesso em: 30 out.2015.

MALAGRIS, L. E. N. et al. Níveis de estresse e características sociobiográficas de alunos de pós-graduação. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 1, p. 184-203, 2009. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2009v15n2p184/876>>. Acesso em: 28 out.2015.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada.

In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em educação especial.** Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MARCELINO, M. Q. S.; CATÃO, M. F. F. M.; LIMA, C. M. P. Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 3, p. 544-557, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n3/v29n3a09.pdf>>. Acesso em: 21 dez.2015.

MATTANAH, J. F. et al. A social support intervention to ease the college transition: exploring main effects and moderators. **Journal of College Student Development**, v. 51, n. 1, p. 93-108, 2010. Disponível em: <<https://und.edu/health-wellness/healthy-und/relationships-support-groups-and-student-retention-mike.pdf>>. Acesso em: 23 nov.2015.

MONTEIRO, S. **Optimismo e vinculação na transição para o ensino superior**: relação com sintomatologia psicopatológica, bem-estar e rendimento académico. 2008. 456 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Aveiro, Aveiro, 2008.

MOREIRA, T.M. M. et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 2, p. 312-20, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a14.pdf>>. Acesso em: 7 dez.2015.

MOURA, D. Educação Geral e Formação Profissional: Política Pública em Construção. In: REGATTIERI, M.; CASTRO, J. M. **Ensino médio e educação profissional**. Brasília: UNESCO, MEC, 2009.

NOBRE, A. S. R. **Relação entre a perspectiva temporal e a adaptação à escola em alunos do 9º ano**. 2009. 54 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação e da Orientação) - Universidade de Lisboa, 2009.

NOSELLA, P. Ensino médio: em busca do princípio pedagógico. **Educação & Sociedade**, Campinas: CEDES, v. 32, n. 117, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87321425008>>. Acesso em: 10 nov.2015.

NUNES, S. M.; GARCIA, A. R. Estudantes do ensino superior: as relações pessoais e interpessoais nas vivências acadêmicas. **Gestin**, v. 8, p. 195-203, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/514/1/Ana%20Rita%20%26%20Sara%20Nunes.pdf>>. Acesso em: 14 nov.2015.

OLIVEIRA, B. et al. Escala de integração social no ensino superior (EISES): Estudos de validade com estudantes da Universidade de Aveiro. In: NOGUEIRA, C. et al. (Eds.). VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia **Actas...** Braga, Psiquilibrios, 2010. p. 103-115.

OSSE, C. M. C. **Pródomos e qualidade de vida de jovens na moradia estudantil da Universidade de Brasília – UnB**. 2008. 119 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 115-122, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n1/a12v28n1.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

OUTERAL, J. **Adolescer**: estudos revisados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PASCARELLA, E. T.; TERENCE, E. T. **How college affects students: A third decade of research.** v. 2. San Francisco, Jossey-Bass, 2005.

PITTMAN, L. D.; RICHMOND, A. University belonging, friendship quality, and psychological adjustment during the transition to college. **Journal of Experimental Education**, v. 76, n. 4, p. 343-361, 2008.

PORTO, A. **A relação entre conteúdo e forma nas políticas de educação profissional referenciadas no projeto de ensino médio integrado.** 2011. 149 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

RAMOS, M. Concepção do ensino médio integrado. In: PARANÁ. **O ensino médio integrado à educação profissional: concepções e construções a partir da implantação na Rede Pública Estadual do Paraná.** Curitiba: SEED, 2008.

REASON, R. D.; TERENCE, P. T.; DOMINGO, R. J. First things first: Developing academic competence in the first year of college. **Research in Higher Education**, v. 47, p. 149-175, 2006.

ROSIN, A. B. Bem-estar subjetivo, personalidade e vivências acadêmicas em estudantes universitários. **Revista Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/view/27634/25863>>. Acesso em: 5 jul.2015.

SANTOS, A. A. S. et al. A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 2, p. 283-290, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n2/v15n2a10>>. Acesso em: 15 dez.2015.

SARRIERA, J. C. et al. Estudo comparativo da integração ao contexto universitário entre estudantes de diferentes instituições. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 13, n. 2, p. 163-172, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v13n2/04.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro**, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan/abr 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

SECO, G. M. dos S. B. et al. Construindo pontes para uma adaptação bem-sucedida ao ensino superior: implicações práticas de um estudo. In: SOUSA, J. M. et al. (Orgs.). IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Madeira, 2007. **Anais...** Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10400.8/18>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SECO, G. M. dos S. B. et al. Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões. **Psicologia e Educação.** v. 4, n. 1, p. 7-21, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.8/55>>. Acesso em: 15 dez.2015.

- SILVA, S. L. R.; FERREIRA, J. A. G. Família e ensino superior: que relação entre dois contextos de desenvolvimento? **Exedra**, v. 1, p. 101-126, 2009. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/docs/01/101-126.pdf>>. Acesso em: 27 out.2015.
- SOARES, A. P., GUISANDE, M. A.; ALMEIDA, L. S. Autonomia y ajustamiento académico: un estudio con estudiantes portugueses de primer año. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 7, n. 3, p. 753-765, 2007.
- SOARES, A. B.; POUBEL, L. N.; MELLO, T. V. S. Habilidades sociais e adaptação acadêmica: um estudo comparativo em instituições de ensino público e privado. **Aletheia**, v. 29, p. 27-42, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n29/n29a04.pdf>>. Acesso em: 16 nov.2015.
- SOUZA, M. S. Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 13, n. 1, p. 143-154, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79815637013>>. Acesso em: 6 nov.2015.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.
- STEARNS, E.; BUCHMANN, C.; BONNEAU, K. Interracial friendships in the transition to college: do birds of a feather flock together once they leave the nest? **Sociology of Education**, v. 82, p. 173-195, 2009.
- STEVENSON, J.; CLEGG, S. Possible selves: students orientating themselves towards the future through extracurricular activity. **British Educational Research Journal**, v. 37, n. 2, p. 231-246, 2011.
- STOCKER, J. N. M. **Serviços de apoio universitário: Contributos para uma adaptação eficaz e para um auto-conceito positivo em alunos do 1º ano da Universidade do Porto**. 2008. 107 p. Tese (Mestrado integrado em Psicologia) - Universidade do Porto, Porto, 2008.
- SWENSON, L. M.; NORDSTROM, A.; HIESTER, M. The role of peer relationships in adjustment to college. **Journal of College Student Development**, v. 49, n. 6, p. 551-567, 2008.
- TEIXEIRA, M. A. P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v.12, n. 1, p. 185-202, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2015.
- TEIXEIRA, M. A. P.; CASTRO, G. D.; PICCOLO, L. R. Adaptação à Universidade em Estudantes Universitários: Um Estudo Correlacional. **Interação em Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 211-220, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewFile/7466/8142>>. Acesso em: 01 dez.2015.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VILLAR, J. D. **Adaptação de questionário de vivência universitária com estudantes de Arquitetura e de Engenharia.** 2003. Dissertação (Mestrado) -Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo, 2003.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sair da casa dos pais aos quatorze anos para estudar é uma experiência que com o decorrer do tempo se tornará cada vez mais presente na vida dos adolescentes. Esse fenômeno já é uma realidade para alguns, observado, principalmente nas instituições de ensino médio técnico do interior do estado que oferecem a possibilidade de fazer concomitante ao ensino médio um curso técnico, que permite ao indivíduo já profissionalizar-se. É um fato que este tema ainda tem que ser muito estudado para que sejam aprimorados os serviços de apoio oferecidos aos alunos ingressantes.

Acredita-se ser importante que psicólogos, pedagogos, educadores e demais profissionais envolvidos nesse contexto escolar conheçam as particularidades da transição destes estudantes ao saírem da casa dos pais e ingressarem na moradia estudantil, a fim de possibilitar vivências menos inseguras e ansiogênicas para os estudantes. A investigação deste tema é relevante e por isso deve ter continuidade. Muito ainda há a ser descoberto para entender sobre a adaptação do aluno do ensino médio técnico, uma vez que tal adaptação é permeada de vários fatores que envolvem desde o desenvolvimento do indivíduo (biopsicossocial) até aspectos históricos, contextuais e institucionais.

Espera-se que os resultados aqui apresentados, apesar de suas limitações, auxiliem o planejamento de medidas educacionais que visem à integração de estudantes a esse nível de ensino e sirvam de inspiração para que outros estudiosos se dediquem a este relevante assunto. Os resultados encontrados indicam que é importante que as instituições estudantis de ensino médio técnico desenvolvam estratégias para melhor acolher os estudantes que precisam sair de suas casas e para aqueles que residem em moradias estudantis.

A partir dos resultados deste estudo, propõe-se o aprimoramento dos serviços oferecidos pela Coordenação de Assistência Estudantil (CAE) para que se busquem maior acolhimento dos estudantes recém-chegados. Sugere-se que as pessoas envolvidas com este setor realizem nas primeiras semanas visitas mais constantes aos quartos da moradia estudantil, tirando dúvidas dos estudantes em relação à moradia e procurando demonstrar apoio para que consigam enfrentar as novas demandas que se impõem. Isso pode proporcionar que esses adolescentes se sintam cada vez mais seguros e pertencentes a esse novo local. Ainda na moradia estudantil, sugere-se procurar diminuir o número de alunos por quarto, sendo esta uma das maiores dificuldades apontadas pelos participantes desse estudo.

Outra questão abordada nas entrevistas e que merece atenção é a importância de se promover momentos informais de troca de experiências e diálogo entre os estudantes que

chegam, procurando integrá-los ao Campus e aos demais estudantes que vivem na moradia estudantil. Isso poderia ser feito, por exemplo, através de rodas de chimarrão, visitas ao Campus guiadas pelos próprios estudantes que podem apresentar o Campus (serviços oferecidos, laboratórios, biblioteca, cursos, opções de lazer, etc.). Observou-se, na coleta de dados, uma boa receptividade dos estudantes e também a necessidade de falar sobre a experiência vivenciada.

Também percebe-se como sendo importante a realização das palestras iniciais promovidas pela própria instituição de ensino que forneçam informações importantes sobre o funcionamento dos cursos e da instituição de modo geral. Elas facilitariam a ambientação dos recém-chegados. Todas estas atividades poderiam fazer parte de uma semana (ou mesmo mês) de recepção aos calouros, com programações e atividades de boas-vindas a este público, dando uma maior atenção a estes que saíram de casa e estão residindo na moradia estudantil e necessitam de um olhar especial, neste momento em que iniciam a adaptação a estes novos contextos (acadêmico, interpessoal, etc.).

É interessante ainda que se promovam visitas guiadas em parceria com a secretaria de turismo do município aos principais pontos da cidade. Chama a atenção, em algumas entrevistas, que alguns estudantes relatam ter sentido dificuldade inicialmente até para ir ao mercado por não conhecerem a cidade. Acredita-se que promover aos estudantes a possibilidade de conhecer a cidade em que estão morando, mesmo que provisoriamente, além de ambientá-los ainda mais, pode promover o conhecimento da cultura local, dos pontos turísticos, bem como da história da cidade. Isso oferece a oportunidade aos estudantes que vêm de diversas cidades do estado conhecer mais o local onde estão e não apenas a instituição em que estudam.

A experiência de sair da casa dos pais associada ao ingresso na moradia estudantil, embora seja considerada estressante, também é percebida positivamente como algo que produz crescimento pessoal. Assim, é necessário se pensar em um auxílio que promova tanto o desenvolvimento emocional e psicossocial do sujeito como o seu desenvolvimento acadêmico. É importante oferecer acompanhamento psicológico aos estudantes que estão em adaptação, recém-chegados da casa dos pais e também dar orientações aos pais para que estes possam auxiliar os filhos neste processo. Essas orientações também podem ser ofertadas aos professores que podem também servir como referência para os estudantes.

Cursar o ensino médio técnico é visto como um desafio em função das aulas em dois turnos diferentes com um número elevado de disciplinas. Por essa razão, são importantes as

bolsas oferecidas pela instituição de monitoria e de extensão, as quais possibilitam um maior engajamento ao curso, além de um auxílio financeiro aos estudantes.

Acredita-se que a principal contribuição deste estudo consiste na possibilidade que ele minimize uma lacuna teórica existente nos trabalhos sobre adaptação à saída de casa e à moradia estudantil no nível de ensino médio técnico. Sugere-se que para uma melhor compreensão da adaptação em seus diversos aspectos esta temática seja mais estudada, inclusive a partir de outros olhares. Seria interessante realizar novos estudos a partir do ponto de vista dos professores, dos pais e dos funcionários do setor responsável pela moradia estudantil. Desta forma, se poderia oferecer às instituições de ensino informações importantes para que as mesmas aprimorem os serviços de apoio aos alunos ingressantes.

Este estudo possui algumas limitações e, dentre elas, destaca-se: o número reduzido de participantes. Isto não permite que os achados deste estudo possam ser generalizados para uma população mais abrangente, pois trata-se da percepção sobre o fenômeno da saída de casa e adaptação na moradia estudantil no ensino médio técnico a partir da vivência dos adolescentes entrevistados para este estudo. Outra possível limitação refere-se à utilização de entrevista como instrumento de coleta de dados. Este tipo de instrumento possui um roteiro que pode limitar e/ou direcionar o discurso do adolescente, não possibilitando que outras informações importantes possam aparecer durante a coleta das informações. Entretanto, destaca-se que a entrevista semiestruturada possibilita um direcionamento para as questões do estudo e um aprofundamento em questões objetivas delimitadas pelo pesquisador.

Apesar das limitações apontadas, os resultados deste estudo poderão auxiliar a promover avanços teóricos nesta área, que ainda é pouco estudada, sendo a maioria dos estudos referente à saída de casa e adaptação dos estudantes no ensino superior. A realização de novos estudos com essa temática colabora para que as instituições promovam um acolhimento mais efetivo dos estudantes que saem da casa dos seus pais para estudar e passam a frequentar seus Campus e também favorece a diminuição do número de evasões escolares quando se passa a buscar subsídios para uma adaptação eficaz.



## REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, I. P. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. *Imaginário*, v. 12, n. 12, pp. 55-80, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-666X2006000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100004)> Acesso em: 5 mai. 015.

RODRIGUES, M.G.S. et al. Talleres educativos en sexualidad del adolescente: la escuela como escenario. **Revista Electrônica trimestral de Enfermería**, v. 9, n. 20, 2010. Disponível em: <<https://digitum.um.es/xmlui/handle/10201/24470>>. Acesso em: 10 fev.2015.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health and development**. Disponível em: <<http://www.who.int/child-adolescent>>. Acesso em: 3 mai 2015.



## **APÊNDICES**



## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### ROTEIRO COM QUESTÕES NORTEADORAS PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO “ADAPTAÇÃO NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: A EXPERIÊNCIA DE ADOLESCENTES QUE SAEM DE SUAS CIDADES PARA ESTUDAR”

Nome e/ou iniciais:

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Data de nascimento: Idade:

Curso: Turma:

Origem escolar: ( ) escola pública ( ) escola privada

Estudante trabalhador: ( ) sim ( ) não

Possui bolsa de estudos: ( ) sim ( ) não

Religião:

Já obteve alguma reprovação escolar: ( ) sim ( ) não Quantas: \_\_\_\_\_

Data da realização da entrevista:

**Gostaria de conversar um pouco com você sobre sua cidade de origem e sobre o processo de escolha do curso que você está realizando.**

| Pergunta  | Objetivo(s)   |
|---|---|
| De que cidade você veio? Qual é a distância em Km e/ou horas daqui e com quem você morava antes de vir pra cá? Você tem irmãos? Qual a idade deles? | Buscar conhecer a cidade de origem e o contexto familiar do (a) adolescente.  |
| Como ocorreu sua escolha pelo curso e pelo IF? Alguém lhe auxiliou nesta escolha?   | Investigar como o (a) adolescente fez sua escolha pelo curso, quais os fatores que foram determinantes para isso e se teve algum tipo de influência em sua decisão. |
| Por que você decidiu realizar um ensino médio junto com ensino técnico?   | Investigar os motivos que levaram o (a) adolescente a fazer um curso de nível médio técnico, qual a relação desta escolha com seus projetos de vida.                |

**Agora gostaria de saber um pouco sobre sua experiência de ter saído da casa dos seus pais para vir estudar aqui.**

|   |   |
|---|---|
| Como foi a escolha de sair de casa para estudar em outra cidade?  | Buscar compreender como ocorreu o processo de decisão de sair de casa para estudar em outra cidade.               |
| Alguém de sua família já passou por esta experiência de sair de casa (seus pais, irmãos ou outro familiar)? E como foi? | Verificar se alguém no contexto familiar deste adolescente já havia passado por esta mesma vivência.              |
| Conte-me sobre sua experiência no primeiro ano fora da casa dos seus pais:  | Conhecer os sentimentos e as percepções do (a) adolescente sobre sua experiência de morar longe da casa dos pais. |
| Como foi a sua recepção pelo IF? O que  | Compreender a percepção do estudante em   |

|   |   |
|---|---|
| o IF oferece aos estudantes que moram no Campus?  | relação ao acolhimento oferecido pelo Campus onde estuda para os novos estudantes que vem de outra cidade.  |
| Por que optou pela moradia estudantil?  | Conhecer as razões da escolha pela moradia estudantil e se houve influências para tal escolha.  |
| Nos finais de semana o que você costuma fazer? Com que frequência você vai para a casa dos seus pais? E como é para você esse reencontro? | Buscar conhecer como se dá os momentos de lazer destes adolescentes e a frequência com que voltam à casa dos pais, para revê-los e como são estes momentos. |

**Agora eu gostaria de saber um pouco sobre o que você percebeem relação a sua adaptação a cidade, ao curso e a moradia estudantil.**

|  |   |
|--|---|
| Gostaria que me contasse como foi sua experiência no primeiro ano na moradia estudantil? A partir de sua vivência, o que considera como pontos positivos e negativos?  | Conhecer a experiência do adolescente frente a moradia estudantil, a partir de sua vivência no primeiro ano em que saiu da casa dos pais. |
| Alguns estudantes na primeira experiência morando longe da casa dos pais enfrentam alguns desafios. E você, encontrou alguma dificuldade em sua adaptação? Em caso afirmativo, poderia me descrever algumas das principais dificuldades com que você enfrentou na sua adaptação? E como você lidou com essas dificuldades? | Investigar a percepção do aluno em relação aos desafios enfrentados pela sua vivência pela primeira vez morando longe dos pais.           |
| O que lhe ajudou ou influenciou neste processo de adaptação? O que mais te marcou neste primeiro ano? Conte-me um pouco sobre sua experiência nesta adaptação:   | Conhecer a experiência de adaptação do adolescente a saída da casa dos pais.  |
| Quando você tem alguma dúvida, está precisando de ajuda ou está enfrentando alguma dificuldade a quem você recorre?<br><br>Como é sua relação com os colegas e professores? Você acha que eles tiveram alguma influência na sua adaptação? Como?   | Conhecer a rede de apoio destes adolescentes.   |

|   |  |
|---|--|
| <p>Para você, quais os fatores que auxiliam e quais os que dificultam a adaptação dos adolescentes que saem da casa dos pais para estudar em outra cidade?</p> <p>Em sua opinião, o que você acha que o IF poderia fazer para auxiliar melhor na adaptação dos adolescentes, que como você, saem da casa dos pais para estudar nesta instituição de ensino?</p> | <p>Buscar compreender a partir da percepção dos adolescentes os fatores que contribuem para adaptação.</p> |
|---|--|

**Para finalizar, gostaria de saber um pouco sobre seu momento atual aqui na cidade e no curso que você faz.**

|  |  |
|--|--|
| <p>Atualmente, você se considera adaptado? Em caso afirmativo, o que te leva a crer que sim?</p> <p>Agora gostaria que você pensasse um pouco sobre seu futuro. Queria que me contasse quais os seus planos para seu futuro, no que se refere a sua vida pessoal e profissional? O que você pensa em fazer daqui pra frente?</p> | <p>Conhecer as percepções, expectativas e planos dos adolescentes para o futuro no que se refere aos seus projetos de vida pessoal e profissional.</p> |
| <p>Você gostaria de falar sobre mais algum aspecto que não tenha sido perguntado?</p>  | <p>Possibilitar aos adolescentes a falarem de outros aspectos que deseje e não somente estes contidos na entrevista.</p>                               |

**Muito obrigada pela sua colaboração!**

OBS: IF significa Instituto Federal Farroupilha.



## APÊNDICE B - TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL

#### **Projeto- Adaptação no Ensino Médio técnico: a experiência de adolescentes que saem de suas cidades para estudar.**

Instituição: Instituto Federal Farroupilha-Campus São Vicente do Sul-RS

Caro Diretor do Instituto Federal Farroupilha, Campus São Vicente do Sul-RS

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “Adaptação no Ensino Médio técnico: a experiência de adolescentes que saem de suas cidades para estudar”. Serão participantes deste estudo, estudantes de ambos os sexos, provenientes das turmas de 2º ano dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio deste Instituto Federal de Educação. Poderão ser entrevistados estudantes residentes da moradia estudantil do Campus, provenientes dos cursos de Agropecuária, de Manutenção e Suporte em Informática e de Administração. Estima-se a participação de aproximadamente 10 discentes. Os mesmos estudantes, após a realização das entrevistas individuais, participarão de dois encontros em grupo. Contudo, ressalta-se que o número de participantes poderá ser maior ou menor, o que o definirá será o critério de saturação teórica das informações. Nessa forma de amostragem, ocorre a suspensão da inclusão de novos participantes quando as informações obtidas passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição.

O objetivo deste estudo é compreender como ocorreu o processo de adaptação no Ensino Médio Técnico de alunos do segundo ano, a partir da percepção destes, referente à experiência vivenciada no primeiro ano em que saíram de suas cidades de origem para estudar e passaram a residir na moradia estudantil do Campus. Além disso, este estudo buscará compreender como ocorreu o processo de escolha pelo curso a ser desenvolvido neste Campus e o processo de decisão de sair de casa para estudar em outra cidade; as principais dificuldades e desafios enfrentados; conhecer os fatores que influenciaram no processo de adaptação destes adolescentes que saíram de suas cidades de origem para estudar e identificar a perspectiva desses adolescentes sobre seu projeto de vida educacional e profissional futuro.

O participante não terá nenhum tipo de despesa por participar do estudo, bem como nada será pago por sua participação. Serão adotados todos os cuidados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações. Os participantes serão informados de que sua participação no estudo é voluntária e poderá ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. Cabe ressaltar que a qualquer momento, tanto os participantes, quanto a instituição, poderão solicitar informações sobre procedimentos ou outros assuntos relacionados a esse estudo. Os dados obtidos através da entrevista serão guardados no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, e destruídos após o período de cinco anos.

Os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para repensar questões específicas referentes à adaptação destes alunos que saem de suas cidades para estudar, o que poderá se reverter, em informações para subsidiar e nortear a implementação de programas institucionais, que proporcionem a integração do estudante ao campus e a cidade, buscando a promoção do seu bem-estar psicológico e a melhoria de sua qualidade de vida nesta fase de sua vida. Além disso, poderão promover avanços teóricos na área. Para tanto, estaremos realizando entrevistas individuais com os estudantes

selecionados para a pesquisa. Os resultados globais da pesquisa serão publicados posteriormente em algum periódico científico da área da psicologia e haverá devolução dos resultados aos participantes da pesquisa de forma coletiva, através da realização de grupo focal, bem como haverá devolução dos resultados as coordenações dos cursos de nível médio técnico e a coordenação de assuntos estudantis do Campus. Essa pesquisa está sendo conduzida pela psicóloga Raquel Flores de Lima, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSM, com orientação da professora doutora Ana Cristina Garcia Dias do Departamento de Psicologia da UFSM.

Sua colaboração envolve a concordância do Instituto Federal Farroupilha, participar desse estudo, bem como na possibilidade da realização das entrevistas e dos encontros do grupo no próprio Campus. A participação do Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul-RS nesse estudo é voluntária. Se a instituição decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Aos alunos participantes será solicitada a concordância através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido específico, no momento da entrevista. Este projeto passará pela aprovação prévia do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM<sup>1</sup>.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail [anacristinagarciadias@gmail.com](mailto:anacristinagarciadias@gmail.com) ou do telefone (55) 91119812 e também com a pesquisadora que realizará a pesquisa Raquel Flores de Lima, pelo telefone (55) 9603-3337 ou pelo email: [quel\\_fl@yahoo.com.br](mailto:quel_fl@yahoo.com.br).

OBS: Os direitos autorais oriundos da execução da pesquisa pertencem ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM.

Pela sua colaboração, desde já agradecemos. Atenciosamente,

---

Ana Cristina Garcia Dias  
Pesquisadora responsável

**Consinto que o Instituto Federal Farroupilha- Campus São Vicente do Sul-RS participe do estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de concordância institucional.**

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome do Diretor: \_\_\_\_\_

Assinatura do Diretor: \_\_\_\_\_

---

<sup>1</sup>Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009. Email: [comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br](mailto:comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br). Web: [www.ufsm.br/cep](http://www.ufsm.br/cep)

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O ADOLESCENTE

#### **Projeto- Adaptação no Ensino Médio técnico: a experiência de adolescentes que saem de suas cidades para estudar.**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Adaptação no Ensino Médio técnico: a experiência de adolescentes que saem de suas cidades para estudar”. Queremos compreender o processo de adaptação no Ensino Médio Técnico de alunos do segundo ano, a partir de suas experiências vivenciadas no primeiro ano em que saíram de suas cidades de origem para estudar no Instituto Federal Farroupilha, localizado em São Vicente do Sul, estado do Rio Grande do Sul e passaram a morar na moradia estudantil do Campus.

Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm de 14 à 19 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. Para a realização desta pesquisa, pretende-se realizar uma entrevista individual no Instituto Federal onde você estuda, com duração de aproximadamente 45 minutos cada e posteriormente, em outros dias marcados, serão realizados dois encontros em grupo, juntamente com outros estudantes que estão passando pela mesma experiência que você. Essa pesquisa é considerada segura. Porém, se for avaliado que houve algum desconforto pela participação na pesquisa, no que se refere a questões emocionais desencadeadas pela entrevista ou pelo grupo, você poderá ser encaminhado pela pesquisadora a um serviço de atendimento psicológico gratuito na cidade onde o Campus do Instituto Federal se localiza.

Sua participação é voluntária e ajudará no desenvolvimento de novos conhecimentos, que poderão beneficiar você e outras pessoas no futuro e também poderá ajudar o Instituto Federal onde você estuda a receber da melhor forma possível outros estudantes, que assim como você vierem de outra cidade para estudar e residir na moradia estudantil. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa haverá devolução dos resultados finais do estudo, de forma coletiva. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar, me ligar (55) 9603-3337, mandar email: [quel\\_fl@yahoo.com.br](mailto:quel_fl@yahoo.com.br) ou entrar em contato com a pesquisadora responsável, Profa. Ana Cristina Garcia Dias, através do email [anacristinagarciadias@gmail.com](mailto:anacristinagarciadias@gmail.com).

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar voluntariamente da pesquisa, “Adaptação no Ensino Médio técnico: a experiência de adolescentes que saem de suas cidades para estudar”, que tem por objetivo Compreender como ocorreu o processo de adaptação no Ensino Médio Técnico de alunos do segundo ano, a partir da percepção destes,

referente a experiência vivenciada no primeiro ano em que saíram de suas cidades de origem para estudar e passaram a residir na moradia estudantil do Campus. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso desistir, sem que ocorra prejuízo nenhum a mim. Os pesquisadores tiraram todas as minhas dúvidas. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

---

Assinatura do participante

DATA: ...../...../.....

---

Raquel Flores de Lima

DATA: ...../...../.....

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Saúde/UFSM

---

Ana Cristina Garcia Dias

DATA: ...../...../.....

Pesquisadora responsável

Programa de Pós Graduação em Psicologia da Saúde/UFSM<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009. Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep